

# ATERCEIRIDADE

Estudos sobre Envelhecimento

ISSN 1676-0336



**VOLUME 24**  
**NÚMERO 58**  
**NOVEMBRO 2013**

Publicação técnica editada pelo  
Sesc – Serviço Social do Comércio

## **Sesc - Serviço Social do Comércio**

Administração Regional no Estado de São Paulo

### **Presidente do Conselho Regional**

Abram Szajman

### **Diretor do Departamento Regional**

Daniilo Santos de Miranda

### **Superintendentes**

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio Massaro Galina

Assessoria Técnica e de Planejamento Sérgio José Battistelli

### **Gerentes**

Estudos e Programas da Terceira Idade Cláudio Alarcon

Adjunta Lilia Ladislau

Artes Gráficas Hélcio Magalhães

Adjunta Karina Musumeci

### **Comissão Editorial**

Celina Dias Azevedo (coordenação), Adriese Castro Pereira, Clívia Ramiro, Denise Kieling, Jefferson Alves de Lima, Lourdes Teixeira Benedan, Lucia Maria L. Garcia, Malu Maia, Marta Lordello Gonçalves, Regiane Cristina Galante, Regina Célia Sodrê Ribeiro, Sandra Carla S. Mirabelli, Sandra Regina Feltran, Terezinha Augusta Gouvêa.

**Secretaria** Rose Meire D. Garcia de Moraes

**Editoração:** Lourdes Teixeira Benedan  
**Produção Digital:** Ana Paula Fraay e Marilu Donadelli

**Capa:** André Hellmeister - Agência Salve  
**Fotografias:** pag. 6, 24, 36, 50: Dani Sandrini; pag. 24: Nilton Silva; pag. 82, 84, 87, 91, 94, 96, 99: Zô Guimarães

**Revisão:** Marco Antonio Storani e Helder José De Lencastre Novaes

Artigos para publicação podem ser enviados para avaliação da comissão editorial, nos seguintes endereços:

Serviço Social do Comércio  
– SESC-SP

Revista "A Terceira Idade" – (GETI)

Av. Álvaro Ramos, 991 - 3º andar

CEP 03331-000 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2607-8241

Fax: 2607-8250

e-mail: revista3idade@sescsp.org.br

---

A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento /Serviço Social do Comércio. ST – Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1, n. 1 (set. 1988) – São Paulo: SESC-GETI, 1988-

A Terceira Idade 1988 – 2006

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos 3. Serviço Social do Comércio

CDD 362.604

---

Esta revista está indexada em:  
Edubase (Faculdade de Educação/  
Unicamp)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID – Sistema Brasileiro de Documentação e Informação

Desportiva – Escola de Educação Física – UFMG)

**Nota:** As opiniões e afirmações contidas em artigos e entrevista publicadas na RTI são de responsabilidade de seus autores.

# Sumário

**6** **O que pode um encontro: o programa Trabalho Social com Idosos do Sesc e a sociabilização como elemento transformador nas ações voltadas para a pessoa idosa**

GETI – Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade do Sesc São Paulo

**23** **A Política Nacional do Idoso: considerações e reflexões**

Serafim Fortes Paz

**36** **As imagens dos mais de 60 na tevê 60+  
O papel das telenovelas globais na difusão da 'cultura da longevidade'**

Beltrina Côrte

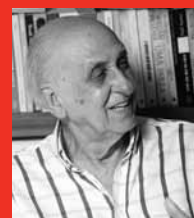
**50** **A terceira idade em questão**

Joel Birman

**69** **Corpo, gênero e envelhecimento na cultura brasileira**

Mirian Goldenberg

**82** Entrevista com **Zuenir Ventura**



## ... e o mundo envelheceu!

**H**á exatos 50 anos, o Sesc voltava sua atenção para os idosos que frequentavam o centro da cidade de São Paulo e – em uma inovadora ação de cunho sociocultural – criou o *Grupo de Convivência Carlos Malatesta*, cujo modelo tornou-se referência no país e deu início ao *Programa Trabalho Social com Idosos*, hoje de âmbito nacional. Naquele momento, a realidade a ser confrontada era o isolamento social a que aposentados e velhos estavam relegados, produto de um meio social que não os acolhia e tampouco propunha discutir sobre suas necessidades e/ou particularidades. O Censo Demográfico do período indicava uma população onde pouco mais de 6% dos indivíduos tinha idade superior a 60 anos.

A contemporaneidade nos apresenta um mundo que passa por uma transformação demográfica sem precedentes. Apoiados em dados estatísticos, especialistas apontam para o ano de 2050, quando – pela primeira vez na história da humanidade – haverá mais idosos do que crianças no mundo. No século XXI, o envelhecimento é uma questão fundamental a ser discutida.

Nesta edição, comemorativa dos 25 anos da Revista *A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*, o imaginário social sobre o velho e o envelhecer é focado no artigo de Mirian Goldenberg, sobre as dimensões sociais e simbólicas do corpo e de como isso repercute na

---

forma como as mulheres percebem o envelhecimento. A representação dos velhos nas telenovelas é o tema abordado por Beltrina Côrte, para discutir o papel da mídia na formação dos ideários sobre velhice e envelhecimento. Já o ensaio de Joel Birman propõe uma reflexão sobre as transformações da figura do velho, nas últimas décadas do século XX, na cultura ocidental. O papel das políticas públicas – e, particularmente, a Política Nacional do Idoso – é tema de Serafim Fortes Paz, que questiona os avanços e as dificuldades da participação social do idoso no exercício democrático. A relevância da sociabilização no cotidiano do cidadão idoso norteia a reflexão desta Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade do Sesc São Paulo, a partir do *Programa Trabalho Social com Idosos* com seus espaços para encontros, trocas afetivas e aprendizado.

Nossa sociedade passa por um momento de transição e novos olhares devem ser lançados para o envelhecer. Entendê-lo, em seus múltiplos aspectos, tornou-se essencial para que a pessoa idosa seja valorizada no contexto social, pois, certamente, a experiência do idoso constitui vínculo real e vital para o desenvolvimento da sociedade, em um mundo cada vez mais velho.

DANILO SANTOS DE MIRANDA  
*Diretor Regional*



TEIA  
SABERL'S

TRIPK

LIBERTAS  
QUI SEPA  
TANEM

# O que pode um encontro: o programa Trabalho Social com Idosos do Sesc<sup>1</sup> e a sociabilização como elemento transformador nas ações voltadas para a pessoa idosa

GETI – GERÊNCIA DE ESTUDOS E PROGRAMAS  
DA TERCEIRA IDADE DO SESC SÃO PAULO<sup>2</sup>

*....a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito - por coragem.  
(Guimarães Rosa)*

## RESUMO

---

Neste texto refletimos sobre a relevância da sociabilização nas ações voltadas ao cidadão idoso. Partimos do entendimento que o fenômeno da sociabilização pode criar e/ou reforçar laços sociais, melhorar a autoestima e, também, contribuir para a valorização social da pessoa idosa. Ciente de que o processo de envelhecimento acarreta diversas transformações – biológicas e sociais – na vida dos indivíduos, ações que possibilitem novos arranjos para o cotidiano, a criação de laços afetivos, o sentimento de pertencimento e a identidade com um grupo, podem trazer ao velho o desejo de reinventar-se de abrir-se a novas experiências. Abordamos, também, o papel de profissionais e especialistas na construção de novos saberes sobre a velhice e como - em uma relação dinâmica e não hierárquica - refletem sobre o próprio envelhecer e seu estar no mundo. Apoiados na definição de sociabilidade proposta por Georg Simmel apontamos,

<sup>1</sup> O Sesc - Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário e da comunidade em geral; sua ação possibilita a todos, o acesso a manifestações culturais, desenvolvimento de habilidades pessoais, além da ênfase às ações educativas.

<sup>2</sup> A Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade - GETI - é responsável pelos

como exemplo de atuação, o *Programa Trabalho Social com Idosos* do Sesc que, desde sua criação, em 1963, propõe ações com esse objetivo e é, ainda hoje, referência no Brasil.

**Palavras-chave:** sociabilidade; Trabalho Social com Idosos, Sesc, valorização social do idoso

## ABSTRACT

---

This article reflects about the relevance of socialization in actions to elderly people. The socialization can create and / or strengthen social ties, improve self-esteem and also contribute to social valorizing of the elderly. The aging process involves several transformations - biological and social - in the lives of individuals, actions that enable new arrangements for everyday, creating emotional bonds, the feeling of belonging and identity with a group, can do the elderly to desire to reinvent themselves and to live new experiences. We discuss about the role of professionals and experts in building new knowledge about aging and how reflect on their own aging. In this paper we are supported by Georg Simmel's socialization definition. We bring as an example the Social Work for Elderlies the Sesc's Program. That program created in 1963 is reference in Brazil has proposing socialization actions to elderly people

**Keywords:** Social Work for Elderlies, Sesc, social valorizing of the elderly; people socialization

Programas Trabalho Social com Idosos e Sesc Gerações, do Sesc São Paulo - com a atribuição de estabelecer as diretrizes gerais dos programas, sempre em consonância com a natureza e as finalidades da instituição -, acompanha e oferece orientação técnica às Unidades Operacionais, além de propor a realização de congressos e seminários com objetivo de sensibilizar a sociedade e as instituições públicas e privadas para as temáticas que discutam as questões do envelhecimento.

## INTRODUÇÃO

---

O que torna a questão complexa (falar sobre a velhice) é a estreita interdependência [...] sabe-se hoje que é abstrato considerar em separado os dados fisiológicos e os fatos psicológicos: eles se impõem mutuamente. (BEAUVOIR, 1990, p.15)

Pensar o envelhecimento é pensar em um processo multidimensional que incorpora fatores biológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos. Em acordo ao pensamento de Simone Beauvoir sabemos não ser



simples estabelecer uma única imagem para a velhice uma vez que as referências variam conforme o tempo e a sociedade, o que exige um olhar complexo de quem atua e/ou pensa políticas destinadas a esse grupo populacional.

Neste texto refletimos sobre **sociabilização e o cidadão idoso** com a compreensão da relevância desse fenômeno no cotidiano das pessoas idosas e a partir do *Programa Trabalho Social com Idosos* – com seus espaços para encontros, trocas afetivas e aprendizado – que desde sua criação, em 1963, incorporou como método de trabalho a formação de grupos de sociativismo nas ações voltadas ao cidadão idoso. Método este ainda hoje utilizado e reproduzido por instituições públicas e privadas.

“O que era de importância secundária no século XX tende a se converter em tema dominante no século XXI”<sup>3</sup> ainda que saibamos estar diante de um fenômeno irreversível – o acelerado envelhecimento populacional mundial – a contemporaneidade continua dominada pela cultura da juventude e impregnada pela discriminação para com o idoso.

Diante de uma série de transformações<sup>4</sup> em seu corpo, em suas relações pessoais e profissionais, muitos velhos experimentam uma diminuição de sua autoestima e, alguns, procuram o autoisolamento. A pessoa idosa que consegue lidar e elaborar esses elementos pode se reinventar e construir para si outros estilos de vida, abrir-se a novas experiências, enfim superar-se.

Especialistas e profissionais da área têm papel central em todo esse processo, principalmente na quebra de preconceitos e na desconstrução de estereótipos postos historicamente. Sabemos todos ser necessário a construção de novos saberes quanto à velhice mas, com o notável aumento da população idosa em todo o mundo, não se pode perder de vista que estimular a reflexão e conscientização por parte dos próprios idosos sobre seu envelhecimento e seu estar no mundo é vital.

O Brasil das últimas décadas tem presenciado muitos velhos protagonizando movimentos, mobilizações<sup>5</sup> na defesa de seus direitos<sup>6</sup> e passaram a mostrar-se exigindo sua visibilidade e seu lugar nos espaços públicos.

É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade. Interesses e necessidades específicas fazem com que os homens se unam em associações [...] [que] se caracterizam, precisamente, por um sentimento entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. (SIMMEL apud ALCANTARA Jr. José)

**3** Plano Internacional para o envelhecimento. 2003

**4** Simone de Beauvoir discorre longamente sobre essas transformações na obra clássica *A velhice*

**5** Para citar apenas um – dentre vários - exemplo marcante, trazemos Olga Quiroga, que há anos milita junto ao **GARMIC** - Grupo de Articulação para Moradia do Idoso na Capital - organiza manifestações e passeatas para pressionar órgãos públicos a garantir moradia, saúde e segurança para as pessoas carentes acima de 60 anos.

**6** Durante o Encontro Estadual, promovido pelo Sesc, em São José do Rio Preto em 1985, foi elaborada a *Carta dos Direitos dos Idosos* e enviada como sugestão para a redação da constituição de 1988. Tal carta trazia reivindicações que foram contempladas na Lei 8842 de 04 de janeiro de 1994 (Política Nacional do Idoso). Já em 2005, agora na cidade de São Paulo, Encontro Nacional promovido pelo Sesc, reuniu idosos que discutiram a implementação do Estatuto do Idoso, promulgado dois anos antes. O produto dessas discussões a *Carta aberta à Nação* foi divulgado junto a instituições públicas e privadas de todo o Brasil.

Apoiados na definição proposta por Georg Simmel (2006) compreendemos a sociabilização como conduzida a partir de interesses e motivações dos indivíduos, como forma autônoma e lúdica de sociação. Ainda segundo Simmel, a própria sociação será a geradora das formas sociais em um dado contexto social.

Assim, relações de afetividade e criação de vínculos, percepção de identificação entre os integrantes e sentimento de pertencimento são alguns dos elementos essenciais na construção dessas formações. Por outro lado, a constituição de grupos e associações traz visibilidade à velhice e faz, cada vez mais, com que organismos públicos e privados abram espaços para a constituição e promoção de programas socioculturais voltados à terceira idade.

A análise das associações e programas para a terceira idade é interessante, porque são formas de associativismo em que a idade cronológica é um elemento fundamental na aglutinação dos participantes e, nesse sentido, distinguem-se das outras formas - como, por exemplo, determinados tipos de associações filantrópicas - que, congregando majoritariamente pessoas mais velhas, não têm na idade uma dimensão central nas práticas desenvolvidas. As associações e os programas são também um material privilegiado, especialmente pela mídia e pelos gerontólogos, para demonstrar que novos conteúdos podem ser atribuídos à velhice. (DEBERT, 1999, p.138)

### **A que conduz a sociabilização e qual sua importância na velhice?**

Na contemporaneidade, ainda que a velhice tenha alcançado maior visibilidade, a questão do envelhecimento ainda é tratada como problema, abordagem que reforça preconceitos. Especialistas apontam para o fato que dificuldades vivenciadas com o envelhecimento interferem diretamente na qualidade de vida<sup>7</sup>, nos vínculos formados e vivenciados pelo idoso.

O imaginário social é repleto de mitos e estereótipos que percebem a velhice - e o processo de envelhecimento - apenas como período de perdas e carências. Entender e refletir sobre o envelhecer - com perdas mas também considerando que há ganhos - é essencial para que a pessoa idosa seja valorizada no contexto social, pois, certamente, a experiência do idoso constitui vínculo real e vital para o desenvolvimento da sociedade.

**7** Ao falarmos de Qualidade de Vida, orientamos pela definição da Organização Mundial da Saúde - OMS que refere-se a percepção do indivíduo acerca de sua posição na vida, de acordo com o contexto cultural e sistema de valores com os quais convive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.

Tal opinião é corroborada por Baltes e Smith (2006) cujas pesquisas demonstraram que os adultos mais velhos detêm formas especializadas de conhecimento e habilidade, que podem contribuir para a produção cooperativa e para a conectividade intergeracional. Apontam, ainda, para a relevância de investir-se em estratégias diversas – políticas sociais, estruturas de apoio à velhice, políticas de saúde preventiva e corretiva - e, principalmente,

[...] **estratégias psicológicas para um manejo eficaz da vida** [...] Assim, uma questão importante é investir esforços científicos e políticos em áreas que possam contribuir para **uma melhor cultura da velhice**. (BALTES;SMITH, 2006, p.25, grifo nosso)

Desta forma, entendemos que uma das formas possíveis de atuação de profissionais e instituições refere-se aos encontros permitidos pelas ações socioculturais - é claro que entre outros contextos possíveis no cotidiano urbano - que aparecem como espaços privilegiados de interação social e que podem contribuir para autotransformação do idoso.

O envelhecimento é um signo de insegurança para o homem moderno, devido ao desconfortável lugar destinado à **velhice** em nossa sociedade. Constata-se, atualmente, uma estreita associação entre velhice e marginalidade; tornando-a um período da vida marcado por sofrimentos relacionados a **perdas** econômicas, **sociais**, políticas e **afetivas**. (CALHAU, 2002, p. 7, grifo nosso)

A percepção e compreensão dos benefícios que a sociabilidade traz à pessoa idosa acontecem no dia a dia, no cotidiano e na convivência entre profissionais e velhos que compartilham momentos e partilham espaços. Bailes, atividade física, grupos de teatro são apenas alguns dos exemplos que têm na relação social e/ou sociabilização não seu objetivo principal, mas elemento sem o qual perderiam muito de sua força de sedução.

Rolim e Forti (2004, p, 61) afirmam que a atividade física está associada com a melhora da saúde, proporcionando, também, avanços no aspecto psicológico e social. Apontam, ainda, para os ganhos na autoestima e autoimagem das pessoas que a praticam regularmente. Nesse sentido, a melhora da integração social pode repercutir na diminuição de casos de depressão em virtude dos benefícios relacionados ao aspecto psicológico.

Reafirmamos que a sociabilidade pode - e deve - estar presente em ações de natureza diversas e que os resultados podem ser percebidos na maneira como os envolvidos se relacionam, incorporam novos hábitos em sua vida e, certamente, em muitos de seus relatos.

### **Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo - uma marca de inovação**

[...] o cotidiano não é meramente residual [...] mas sim a mediação que edifica as grandes construções históricas, que levam adiante a humanização do homem. A História é vivida e, em primeira instância, decifrada no cotidiano. (MARTINS, 2010, p. 125)

O olhar perspicaz para o dia a dia e o cotidiano dos velhos possibilitou a criação das primeiras experiências de nucleação voltada a esse grupo populacional agindo sobre uma questão fundamental: o isolamento social.

De acordo com Salgado (1982, p. 113) foi nos Estados Unidos - e posteriormente na Europa - que tiveram início os primeiros programas de atendimento ao idoso, com o objetivo de criar oportunidade de reintegrá-los ao convívio e à participação social, em suas comunidades.

Inicialmente a proposta consistia em ações para ocupação do tempo livre por meio de atividades de lazer, atividades físicas e culturais. Já naquele momento, pesquisas realizadas com os participantes davam conta do “contato interpessoal e grupal (como) fonte de maiores satisfações”.

No Brasil, no início da década de 60, observava-se uma população idosa vivendo em situação de isolamento, Marcelo Salgado (1982, p.99) apontava para o fato de que:

No Brasil, os idosos, em função de um meio social relativamente hostil à sua presença, da falta de preparo à aposentadoria, da precária situação econômica, nem sempre têm encontrado condições para uma vida integrada e participativa.

Assim, quando em 1962 técnicos do Sesc estiveram nos Estados Unidos para observar os trabalhos desenvolvidos em seus centros sociais para idosos - os *Golden Age* -, distribuídos por diversas cidades norte

americanas, São Paulo apresentava cenário com situação social semelhantes à observada na realidade norte-americana.

Desta forma, ao propor em 1963 uma ação voltada aos aposentados que frequentavam a região do Centro de São Paulo - onde se localiza, ainda hoje, o Sesc Carmo - o Sesc São Paulo<sup>8</sup> lançava a semente de um programa pioneiro que viria a tornar-se referência no Brasil: o *Trabalho Social com Idosos* e como primeira forma de atenção, o Grupo de Convivência de Idosos; modelo que é, ainda hoje, incorporado e reproduzido por instituições em todo o Brasil.

## 50 anos e os modelos de atuação

Ao longo de seus 50 anos de atividade, o *Programa TSI – Trabalho Social com Idosos* do Sesc vem sofrendo reformulações na intenção de responder às novas demandas do cidadão idoso. Profundas mudanças sociais aconteceram nestas décadas desde sua implantação. Com base nos princípios da educação permanente, atividades de saúde, lazer, educação, cultura e cidadania oferecem aos idosos oportunidades concretas de valorização social e de relações com outras faixas etárias.

### *Grupos de Convivência*

Primeiro modelo de trabalho proposto pelo Sesc São Paulo, voltado ao cidadão idoso, surgiu como tentativa de suprir deficiências no atendimento às necessidades da população idosa, decorrentes das transformações sociais. O *Grupo Carlos Malatesta* - primeiro grupo de convivência no Brasil - foi criado oficialmente em 23 de setembro de 1963, no Sesc Carmo, região central da cidade de São Paulo. O objetivo daquele modelo de sociação - Grupos de Convivência - foi oferecer atividades de lazer sociorrecreativo como principal instrumento para o convívio e a reintegração à comunidade. A ação envolve as perspectivas associativa, cultural, social e esportiva.

### *Escola Aberta da Terceira Idade*

Com objetivo de propiciar ao cidadão idoso a redescoberta e/ou explorar novos interesses, tal modelo foi criado com base no aumento da população idosa em um meio social marcado pelo progresso tecnológico,

<sup>8</sup> Atualmente, no Estado de São Paulo, o Sesc conta com uma rede de 32 unidades, em sua maioria centros culturais e desportivos que desenvolvem ações de educação informal e não formal, com intuito de valorizar as pessoas ao estimular a autonomia pessoal e a interação.

um mundo em constante transformação que torna necessário a atualização de informações e a capacidade de aprendizagem inerente ao ser humano ao longo de toda sua vida. A primeira *Escola Aberta da Terceira Idade* foi criada em 1977, no Sesc Campinas, e nasceu baseada no princípio da educação permanente focando a integração social, a atualização de conhecimentos, desenvolvimento de novas habilidades e a reflexão sobre a velhice e o processo de envelhecimento.

Tais objetivos convergem para outros mais abrangentes, a saber, o acesso a uma melhor qualidade de vida e o incentivo a uma postura crítica cidadã. O envolvimento do cidadão idoso nas questões que dizem respeito aos direitos e deveres de cidadania individual e coletiva são fundamentos básicos para sua autorrealização e valorização de sua autoimagem.

#### *Programa de atividades físicas*

O *Programa de Atividades Físicas* teve início na década de 70, na cidade de São Paulo, com destaque para a função educativa e os benefícios para a saúde advinda da atividade física e que, na prática, se traduz também pela melhoria das relações sociais, da disposição mental e emocional. A participação em grupos tende, ainda, a despertar a consciência de si mesmo, de sua corporalidade e de sua interação com o mundo.

Considerando a riqueza do trabalho ao longo desses anos e a evolução constante dos estudos sobre a prática de atividades físicas dos idosos<sup>9</sup>, é fundamental a permanente discussão, revisão de conteúdos, conceitos e procedimentos do trabalho desenvolvido, bem como a capacitação e atualização dos profissionais envolvidos nesta área.

Como destaque, dentre os objetivos do Programa de atividades corporais temos: a prioridade à ludicidade e ao prazer na prática da atividade física, em oposição aos resultados; a sociabilização entre os participantes, o destaque às potencialidades e não às limitações, melhora da autoestima e da autoimagem; a possibilidade de se transferir para o cotidiano seu aprendizado, favorecendo, assim, a autonomia; o desenvolvimento de atividades que contemplem as dimensões motora, cognitiva e afetiva, e que estejam inseridas no contexto sociocultural do idoso; estimular o conhecimento, percepção e valorização na relação com o próprio corpo e reflexão sobre o envelhecimento.

<sup>9</sup> Em 2010 é lançado o livro *Esporte para idosos*. São Paulo, Edições Sesc, estudo desenvolvido com o intuito de fundamentar e redirecionar o trabalho prático na área de esportes para idosos. Colaboraram nas discussões as Gerências de Desenvolvimento Físico-Esportivo (GDPE) e de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) e grupo de profissionais do Sesc São Paulo.

### *Programa Sesc Gerações*

Atuando em seu papel propositivo de enfrentamento dos desafios surgidos na sociedade brasileira e como instituição de educação e cultura – local privilegiado e propício ao encontro de gerações – inspirado em experiências de atividades intergeracionais que vinham sendo realizadas há anos no Sesc em todo o Brasil<sup>10</sup>, é lançado, em outubro de 2003, o *Programa Sesc Gerações*, durante o *Congresso Internacional Coeducação de Gerações*, em São Paulo. Neste modelo a sociabilização está presente, ainda, de forma importante e referencial.

De acordo com Cristina Lima (2008, p.15) as mudanças no estilo de vida após a Segunda Guerra Mundial - aumento da população urbana mundial e a compartimentalização dos espaços sociais para as diferentes faixas etárias que, de certa forma, é considerado normal, esperado e inevitável - geraram consequências negativas que acabam por identificar atividades particulares para cada fase da vida<sup>11</sup>.

A falta de convívio resulta no desconhecimento. O distanciamento reforça preconceitos e estereótipos, que impedem a aproximação entre as pessoas. Não surpreende, portanto, nossa cultura estar impregnada pelos conflitos geracionais e pelo preconceito etário que se reflete no forte contraste do imaginário social que confere aos jovens qualidades - como força e atividade -, e reserva aos velhos as perdas e as carências - como a fragilidade e a passividade. Diante desse quadro, as instituições culturais surgem como locais privilegiados na elaboração de propostas e no desenvolvimento de ações que provoquem a aproximação intergeracional e acolham indivíduos de diferentes idades.

Com essa intenção, em 2003 o *Programa Sesc Gerações*<sup>12</sup> foi implantado com o objetivo de propiciar oportunidade de interação e convívio entre as diferentes faixas etárias que frequentam as Unidades. As atividades intergeracionais, além de criar espaços para a aproximação das gerações, podem incrementar a inclusão social de idosos e jovens, desenvolvendo a solidariedade. A convivência intergeracional pode ser um modelo importante de interação social, tendo sempre como foco a necessidade que aconteçam sob uma premissa básica: igualdade de direitos e respeito às diferenças.

**10** Projeto *Era uma vez: atividades intergeracionais*, implantado em 1993, atualmente é desenvolvido em diversos Estados do Brasil, utiliza a literatura infanto-juvenil como eixo condutor para o desenvolvimento de um processo de sensibilização sobre a velhice e quer proporcionar a relação intergeracional entre idosos e crianças por meio do desenvolvimento de atividades pedagógicas e culturais.

**11** O distanciamento social entre as gerações é um fenômeno da contemporaneidade, provocado por uma sociedade que estabelece uma série de espaços “exclusivos” para atender às diferentes faixas etárias. Sabemos viver em uma sociedade na qual prevalece o distanciamento afetivo entre as gerações. A família - que sempre foi lugar privilegiado de relações intergeracionais - passou por mudanças importantes em seus arranjos. De lugar de convívio, de pais, filhos, parentes próximos que mantinham no grupo vínculos de afinidade e afetividade, transformou-se na família nuclear formada, normalmente, pela unidade de pais e filhos.

**12** O Sesc, desde sua fundação, aproxima e integra as gerações em suas ações socioeducativas e, na maior parte do tempo, tal aproximação se dá de forma espontânea. Levando-se em conta que inúmeras experiências mostram que esse contato gera benefícios para todos os envolvidos, considerou-se necessário uma intervenção técnica bem planejada para que toda a potencialidade desse convívio possa ser alcançada.

## Para + 50 anos

O *Trabalho Social com Idosos* se volta para um cenário futuro com cidadãos acima de 60 anos ainda atuantes, participativos e saudáveis e, por outro lado, o aumento do número de cidadãos muito velhos, acima de 80 anos, com limitações físicas importantes e necessitando de cuidados especiais.

Atentos a essas mudanças e refletindo sobre ações que possam dar condições de vida ativa e participativa também a esses idosos, o Sesc entende que serão necessários a adaptação de equipamentos, capacitação dos profissionais, propor e incentivar discussões na sociedade, para implementação de novas políticas públicas. Por sua vez, assume o compromisso de continuidade de atuação sempre com a perspectiva de valorização do papel dos idosos, criando oportunidades para compartilharem suas experiências e estimulando sua participação na vida político-social.

Diante dessa perspectiva, a sociabilização sempre esteve presente como um valor e, também, como uma das diretrizes básicas de atuação do programa e deverá ter continuidade nas propostas de novas ações.

No dia a dia nas Unidades do Sesc, não é incomum relatos e depoimentos de velhos que contam histórias de transformações e de oportunidades encontradas, para perceber e descobrir novas dimensões em suas vidas:

A razão principal que me levou a buscar os serviços do Sesc foi o incentivo e apoio de minha filha. Ela me dizia que eu passava muito tempo em casa sem fazer nada e me sugeriu que buscasse algum tipo de atividade que me interessasse [...] Ocorreram grandes mudanças em minha vida, principalmente em relação à minha postura frente ao mundo.\*

Da mesma forma, a percepção de fazer parte de um grupo acaba por fortalecer o interesse de ampliar e/ou estabelecer novas relações agindo sobre a autoestima do idoso de forma singular e auxilia na desconstrução de outro estereótipo, uma vez que a velhice reclusa ainda tem espaço no imaginário social:

\* Depoimento extraído de Calhau (2002)



A própria convivência [...] com outras pessoas fica mais fácil, mais prazerosa. A gente também se sente mais útil e com maior ânimo, porque, geralmente, os filhos levam a vida deles e nós ficamos sozinhas em casa. Esses trabalhos proporcionam para gente um grande exercício para o corpo e para a cabeça.\*

A oportunidade de aprendizado não escapa aos participantes atentos e com espírito crítico. Nesse momento percebem-se como cidadãos potentes e capazes de operar sua autotransformação:

A atividade e o contato com as pessoas do grupo faz com que você cresça, aprenda e mude bastante. Você amplia sua visão do mundo, melhora o seu entrosamento, aprende a ser mais tolerante e, conseqüentemente, as relações ficam mais fáceis [...] Ocorre também uma mudança dentro da própria família, pois você mesma começa a se valorizar e seus familiares também. Você muda sua postura nas relações familiares e, conseqüentemente, seus filhos e netos começam a te apoiar e te valorizar muito mais.\*

Relato que apresenta posição e comportamento que se confronta com outro estereótipo fácil, que enxerga os velhos avessos e/ou sem competência para mudanças.

Frequento o Sesc há 16 anos. O Sesc é meu segundo lar, lá jogo futebol, danço, jogo bocha. Eu tenho um lugar para ir, para encontrar amigos. Minha vida mudou muito depois que passei a frequentar o Sesc, antes era só em casa a geladeira, sofá e televisão. No Sesc fiz muito amigos, a gente se diverte muito. Eu entro na hora que abre e só vou embora no final do dia.

Não é incomum relatos de idosos participantes do *Trabalho Social com Idosos*, em todo o Brasil, mencionando o Sesc como seu “segundo lar”. Esse discurso revela o processo de apropriação pelos indivíduos do espaço em que convivem, neste caso os espaços do Sesc.

Eu comecei a frequentar o Sesc porque estava fazendo um tratamento para depressão. Minha vida era tomar calmantes e dormir o dia todo, sem hora para levantar da cama. Foi um restabelecimento da minha saúde. Participo do coral, das oficinas de artesanato, aproveito tudo que tem no Sesc. Minha cabeça mudou muito, fui muito bem acolhida por todos e estou bem melhor.

\* Depoimento extraído de Calhau (2002)

Anita Neri (2007, p.48), em suas considerações sobre o fenômeno da feminização da velhice, aponta para o fato que pelo ângulo socio-demográfico o fenômeno pode ser explicado pela maior longevidade e, maior presença de mulheres nos estratos mais velhos, crescimento do número de idosas na população economicamente ativa e o crescimento do número de idosas chefes de família. Desta forma, pode-se observar maior visibilidade de mulheres idosas.

Passei a frequentar o Sesc por me sentir solitária. Era divorciada e quando minha mãe, que residia comigo, morreu, me sentia solitária. Pedi aposentadoria compulsória por ter perdido a vontade de viver. Passei a frequentar diversos cursos, agora faço balé e jazz, ampliei meu círculo de amizades, porque era disso que eu sentia falta. É ótimo ter amigos diferentes, de várias culturas, várias idades. O Sesc para mim significa vida.

Por outro lado, coincide com o aumento da taxa de mulheres idosas com altas taxas de doenças crônicas, depressão, consumo de medicamentos em comparação com os homens idosos.

Tenho 76 anos frequento e participo das atividades do Sesc há 23 anos. Quando fiquei viúva, mesmo tendo muitos filhos, me sentia muito só e passei a frequentar o Sesc, agora tenho muitos amigos.

Participo das atividades no Sesc há 40 anos, desde que enivrevei. O Sesc é a minha segunda casa, onde eu reaprendi a viver.

Estes depoimentos reiteram a linha condutora desta reflexão, sobre a importância das ações de sociabilização voltada a esse grupo populacional. As falas corroboram o entendimento de que, sim, abre-se a possibilidade para experimentações, para o aprendizado, mas, a sociabilidade ainda é referenciada como elemento fundamental das ações do Sesc.

Tal afirmação encontra eco nas pesquisas de Andrea Alves<sup>13</sup>, autora de textos que abordam a sociabilidade – particularmente na velhice –, que apresentam várias práticas de sociabilidade e seus significados como, por exemplo, o jogo de vôlei e o baile. Suas conclusões também indicam que a sociabilidade é um dos elementos mais valorizados entre os participantes de atividades diversas.

De acordo com experiências do *Trabalho Social com Idosos*, e de modo geral, especialistas afirmam que os trabalhos artísticos – teatro, dança e artes plásticas – são excelentes oportunidades para despertar o potencial das pessoas idosas, além de agir sobre sua autoestima.

**13** Andrea Moraes Alves, autora da obra *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*, baseado em sua tese de doutorado, orientada por Gilberto Velho, defendida em 2003 na UFRJ.

Neste ponto cabe, novamente, observação sobre a relevância do papel dos profissionais envolvidos nessas ações. Compete a eles mediar e provocar a reflexão junto aos idosos sobre os objetivos das atividades, reafirmando a importância do processo em que estão todos envolvidos. O resultado final – peça de teatro; objeto artístico; resultado de uma competição – não pode sobrepor-se ao processo.

Discussões sobre a melhor, e mais eficiente, forma de encaminhar atividades com estas características e com esses objetivos são recorrentes e conduzidas entre os técnicos comprometidos com o *Trabalho Social com Idosos* do Sesc. Sobre isso Ferrigno (1998, p.5) atesta:

O objetivo do trabalho de expressão artística no Sesc é muito claro: estimular o desenvolvimento de novas habilidades e de novas linguagens para a expressão de ideias e emoções, favorecendo assim o exercício da participação social.

Em sintonia com seu tempo, nas últimas décadas, outra opção de ação veio juntar-se às praticadas na instituição: as novas tecnologias de comunicação ou NTICs. Programações que familiarizem o velho com as novas tecnologias são oferecidas para que possam acompanhar as transformações ocasionadas por essa onda digital. Instrumentalizá-los é sim fundamental, no entanto, a proposta ultrapassa essa perspectiva e, mais uma vez, estimula a sociabilização.

[...] em nosso mundo os planos da cultura, da tecnologia e da sociedade co-existem, se tocam se comunicam e são parte de um todo. Embora entenda-se que esses planos se influenciam constante e dinamicamente [...] (há) uma articulação constante, no qual esse elementos – imersos no todo – interagem entre si. O acesso e a familiarização com as tecnologias informacionais transformaram-se em passaporte para os novos formatos e modelos de vida que estão sendo incorporados à cultura. A Internet ampliou as alternativas de sociabilização e os espaços sociais. (AZEVEDO, 2009)

Em um mundo que se transforma rapidamente – e para onde acabamos todos por ser empurrados, queiramos ou não – essas ações oferecem ocasião de acesso às novas tecnologias. A aulas de inclusão digital, para entender os equipamentos digitais, soma-se a reflexão sobre as possibilidades do mundo digital para além da instrumentalização, o estímulo para que o velho aproprie-se do ciberespaço como outro espaço social e que desfrute dessa nova alternativa de sociabilização.

Nesse contexto, *blogs*<sup>14</sup>, *facebook*s têm se transformado em instrumentos de comunicação e encontros abrindo espaços para novas descobertas e interações.

## Considerações

Nestes 50 anos, o *Trabalho Social com Idosos* que o Sesc vem desenvolvendo tornou-se uma referência e foi um dos responsáveis por lançar à sociedade<sup>15</sup> discussões sobre a necessidade de políticas específicas para a terceira idade.

Pesquisa realizada pelo Sesc São Paulo, Sesc Nacional e Fundação Perseu Abramo (2006) traz dados que reforçam a importância das ações, voltadas ao cidadão idoso, em diversos âmbitos. Em relação à sociabilização encontrou-se no universo dessa população que 15% dos idosos brasileiros vivem sós enquanto 14% das mulheres com 80 anos ou mais afirmam que não têm ninguém que lhes dê atenção. Mesmo assim, a pesquisa aponta que ainda é baixa a participação de idosos em grupos voltados a essa parcela da população.

Desta forma, ao longo destes 50 anos as propostas do *Programa Trabalho Social com Idosos* acompanharam as mudanças históricas e sociais do país com objetivo de ampliar as reflexões sobre o processo de envelhecimento e incentivar o protagonismo social e político do idoso. No cotidiano é que se estabelecem as conexões com a pessoa idosa e que as diretrizes do programa se concretizam.

Assim como em 1963, as práticas de sociabilidade continuam envolvendo emoções, relações afetivas e opções pessoais e é, ainda hoje, conceito que envolve a programação do Sesc voltado ao cidadão idoso. Fortalecido, também, o entendimento da relevância da convivência próxima entre profissionais e os participantes dos programas. Essa proximidade pode dar oportunidade para que as propostas estejam em acordo com as expectativas dos idosos e, ao mesmo tempo, cria oportunidade para a escuta recíproca.

Nossa sociedade passa por um momento de transição, um novo olhar deve ser lançado para a velhice, para que possamos rever e reinventar nossas trajetórias pessoais a partir de novas experiências. Afinal, a longevidade pode ser formidável desde que possa ser vivida plenamente.

**14** Como exemplo, o Sesc Catanduva - no Estado de São Paulo - em uma das primeiras ações com essa finalidade, deu apoio ao grupo de idosos da unidade para criarem um *blog* com objetivo de compartilharem informações, aprendizado e novos contatos sociais. Veja <http://trocandohabilidades.blogspot.com.br/>

**15** Em setembro de 2013, o Sesc organizou o *Fórum Perspectivas para ações junto ao Cidadão Idoso*, na cidade de Bertioga, encontro de profissionais, idosos, militantes dos direitos dos idosos, acadêmicos com objetivo de refletir sobre as perspectivas e caminhos das políticas que abordam o envelhecer no Brasil, abordando os eixos temáticos: *Formação e Educação Permanente; Autonomia, Direitos e Cidadania; Gerações e Intergeneracionalidade e Cuidado e Relações Sociais.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA JR., José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. *Ciências Humanas em Revista*, São Luís, v.3, n.2, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005\\_2/jose\\_alcantara\\_v3\\_n2.pdf](http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2013.
- ALVES, Andrea Moraes. *Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas*. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/tribo/genero/artigos/a2-aalves.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2013.
- ARAÚJO, Silvana Antunes Neves de. Velhice problema e velhice bem-sucedida: uma reflexão sobre práticas de sociabilidades e corporalidades na modernidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12., 2005, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2005. Disponível em: <[http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&tas](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&tas)>. Acesso em: 2 set. 2013.
- AZEVEDO, Celina Dias. *O velho no ciberespaço: sociabilização em blogs de cidadãos acima de 60 anos*. 2009. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=8744](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8744)>. Acesso em: 28 set. 2013.
- BALTES, Paul B.; SMITH, Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. *Revista A Terceira Idade*, São Paulo, v.17, n.36, p. 7-31, jun. 2006.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CALHAU, Daniel. *Protagonistas da história: o teatro como uma forma de trazer o idoso para o centro do palco de sua própria existência*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)- Universidade Paulista, São Paulo, 2002.
- DEBERT, Guíta Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.
- FERRIGNO, José Carlos. O trabalho artístico na terceira idade: o canto, a dança, as artes plásticas e o teatro. *Revista A Terceira Idade*, São Paulo, v.10, n.15, p.5-18, dez. 1998.
- LIMA, Cristina Rodrigues. *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas: Alínea, 2008.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NERI, Anita L. Feminização da velhice. In: NERI, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; São Paulo: Edições Sesc, 2007. p. 47-64.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. Disponível em: <<http://www.paho.org/bra/index.php?cx=014283770845240200164%3Ajum6t6xrhvy&q=qualidade+de+vida&searchword=qualidade+de+vida>>. Acesso em: 24 set. 2013.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU. *Plano Internacional para o envelhecimento*. Brasília, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. Disponível em: <[http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/\\_manual/5.pdf](http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2013.

- ROLIN, Flavia S.; FORTI, Vera A. M. Envelhecimento e atividade física: auxiliando na melhoria e manutenção da qualidade de vida. In: DIOGO, M. J.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Orgs.). *Saúde e qualidade de vida na velhice*. Campinas: Alínea, 2004. p. 57-73.
- SALGADO, Marcelo Antonio. *Velhice, uma nova questão social*. 2. ed. São Paulo: SESC/GETI, 1982. 124p.
- SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO SÃO PAULO; SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO DEPARTAMENTO NACIONAL; FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo, 2006. 1 CD-ROM.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- TEIXEIRA, Mirna Barros. *Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde*. 2002. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://portaldesicict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/2002/teixeirambm/capa.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2013.

# A Política Nacional do Idoso: considerações e reflexões

SERAFIM FORTES PAZ<sup>1</sup>

## RESUMO

---

O artigo destaca e reflete sobre a trajetória da Política Nacional do Idoso e aponta de forma crítica os avanços e as dificuldades para alcançar sua principal finalidade: tornar os idosos cidadãos com direitos e com dignidade por meio de ações articuladas entre as diversas áreas e setores, garantindo-lhes processos de participação social e exercício democrático de controle social.

**Palavras-chave:** políticas públicas; institucionalização; participação social; velhice

## ABSTRACT

---

The article highlights and leads to reflection about the trajectory of the national policy for the elderly and critically points out the advances and difficulties faced in order to achieve its main purpose: to provide the elderly citizens with rights and with dignity through articulated actions between the various areas and sectors, guaranteeing them social participation processes and the democratic exercise of social control.

**Keywords:** public policies; institutionalization; social participation; age.

<sup>1</sup> Professor Associado II da Universidade Federal Fluminense, membro da coordenação e pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Políticas Públicas, Espaços Públicos e Serviço Social; docente do curso de graduação em Serviço Social e do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Serviço Social, da Escola de Serviço Social de Niterói.  
E-mail: sfpaz@uol.com.br





## INTRODUÇÃO

---

Neste ano de 2013 ocorrem significativas comemorações em relação ao idoso: celebra-se o pioneirismo do Sesc nos 50 anos de Trabalho Social com Idosos<sup>2</sup> e, também, o Estatuto do Idoso<sup>3</sup>, com seus dez anos de promulgação. Registre-se que em 2013 se celebra, também, o aniversário da Lei Orgânica da Assistência Social (Loas), de 1993, e em 2014 a Política Nacional do Idoso<sup>4</sup> (PNI) completará 20 anos de implantação.

Este artigo pretende destacar e refletir sobre a PNI, nos elementos considerados avançados e nas dificuldades de efetivação para reduzir a “institucionalização” do idoso por meio da intersetorialidade, interdisciplinaridade, intergeracionalidade, participação social (protagonismo) e pelo exercício democrático de controle social.

Com a criação do Estatuto do Idoso, em 2003, houve um “esquecimento” da PNI, por isso se deve reafirmá-la com estudos e pesquisas sobre políticas para a velhice e desenvolver reflexões e análises sobre as propostas da PNI, pois dela surgiram a Política Nacional de Saúde do Idoso, de 1999, e o Estatuto do Idoso, de 2003. Apesar dessas iniciativas, observa-se um desinteresse na implementação das políticas e ações que acabam por reproduzir a invisibilidade do idoso na família, na sociedade, nas instituições e no Estado<sup>5</sup>.

### As bases e modalidades da PNI para prevenção da institucionalização e defesa de direitos

A PNI, regulamentada em 1996<sup>6</sup>, afirma no “Art. 1º – A Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Tem como perspectiva desenvolver uma política de atenção aos direitos e de promoção do “cuidado social”, ratificada no Estatuto do Idoso em 2003.

A PNI e o Estatuto do Idoso tendem a preservar as relações sociais do idoso na sociedade, nas famílias, instituições, classes sociais, por meio de “Ações Integradas” que atuem nas expressões da questão social (desigualdade social, injustiças sociais, pobreza e exclusão), com maior participação social (protagonismo) na relação sociopolítica com o Estado, a sociedade e os espaços públicos<sup>7</sup> (conselhos, fóruns, conferências, etc.).

**2** Em 1963 o Sesc/SP implanta o Trabalho Social com Idosos, que se expandiu por diversas unidades regionais e locais do Sesc em todo o Brasil. Entre as comemorações realizou-se, em setembro, em Bertioga/São Paulo, o Fórum Perspectivas para Ações junto ao Cidadão Idoso, que reuniu cerca de 120 profissionais e lideranças idosas, que produziram o documento *Perspectivas para ações junto ao cidadão idoso – Carta de Bertioga 2013*, com importantes estratégias de ação e perspectivas futuras de cidadania ao idoso. Acesse o documento no portal: [sescsp.org.br](http://sescsp.org.br).

**3** Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003.

**4** Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994

**5** Colaboraram na organização e formatação deste artigo os membros do NUPPESS: Claudio A. Melo e Francyllen Soriano.

**6** Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996, modificado pelo Decreto nº 6.800, de 18 de março de 2009, pleno.

**7** Com base em Dagnino (2005), “os espaços públicos são lugares – democráticos – de participação da sociedade civil [...] e de sujeitos sociais na relação com o Estado”. DAGNINO, Evelina. Políticas culturais, democracia e o projeto neoliberal. *Revista Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Uerj, n. 15, 2005.

A PNI<sup>8</sup> sustenta-se em bases e eixos que demarcam e explicitam a prevenção da institucionalização, a melhoria das condições do idoso, a preservação do convívio e, entre outras questões, a construção de um “*sujeito social*” – aquele que, coletivamente, reflete e luta por direitos sociais e rompe com a ideia individualizada da concepção liberal (DAGNINO, 2004).

Entretanto, os atuais espaços públicos de participação social e protagonização do idoso ainda atuam com pouca participação e representatividade, embora se destaquem na participação pontual em conferências, conselhos e fóruns pelos direitos do idoso.

Assim, espaços públicos se constituiriam como meios de ampliação da cidadania emancipatória, substanciada em um “ser humano dotado de intencionalidade [...], crítica histórica, reflexão crítica e ação social [...] como construção humana possível de mudanças” (GIROUX, 1986 apud MANZOCHI; CARVALHO, 2008, p. 108).

A PNI propõe a construção crítica e de compromisso do Estado pela execução, pelo compartilhamento e pela articulação com a sociedade para desencadear processos de participação social e exercício democrático de controle social. Entretanto, esse processo deve se dar desde a definição das políticas públicas, acompanhadas da decisão e garantia de recursos<sup>9</sup> para a efetivação de direitos, políticas, ações e monitoramento, portanto cabe ao Estado a responsabilidade pela PNI. Porém, a PNI, nesses 20 anos, efetivamente não se implementou, e, por vezes, tornou-se “nômade,” sediada em diferentes ministérios, e “acéfala”, por períodos sem coordenação técnica, o que revela o desinteresse do Estado pela velhice.

Para além disso, contraditoriamente, as ações da PNI apresentam questões que já deveriam ter sido superadas: focalização, fragmentação, superposição e dispersão de recursos, entre outras, que a desviam das diretrizes e orientações presentes na legislação voltada para os idosos.

A referida legislação propõe a articulação de ações e recursos de diferentes áreas e setores que integram a PNI (assistência social, trabalho, educação, saúde, justiça, habitação, transportes, esportes e lazer, entre outros), para o enfrentamento dos desafios do viver com dignidade, participar diretamente das definições e dos destinos da sociedade, conviver com as diferenças e os diferentes e produzir socialmente segundo as realidades e condições, de modo que as pessoas idosas vivam com dignidade no presente e no futuro.

**8** Recomenda-se acessar a dissertação de mestrado de José Anísio: *Gestão da Política Nacional do Idoso à luz da realidade de Juiz de Fora*, disponível em: <[http://www.ufjf.br/ppgservicosocial/files/2010/06/jose\\_anisio.pdf](http://www.ufjf.br/ppgservicosocial/files/2010/06/jose_anisio.pdf)>.

**9** No Decreto nº 1.948/96 e no Decreto nº 6.800/2009 determina-se no art. 14: “Os ministérios [...] deverão elaborar proposta orçamentária, no âmbito de suas competências, visando ao financiamento de programas compatíveis com a Política Nacional do Idoso”.

A PNI propõe-se a promover a atenção e o “Cuidado Social” aos idosos por meio de diversas “modalidades” previstas no “Plano Integrado de Ação Governamental para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso”, instituído em 1997, na perspectiva de gerar mudanças na vida de pessoas, famílias, grupos e comunidades e de prevenir a “**institucionalização**”, que sugere o asilar, o isolar e o exilar (ELIAS, 1989).

Todavia, nas últimas décadas, ocorre um aumento significativo da institucionalização decorrente da não efetivação da PNI, pois esbarra em outros interesses, em geral impregnados dos resquícios tradicionais da política e da cultura, cada vez mais acentuados no institucional, individual e pessoal<sup>10</sup>.

No Brasil o idoso sofre discriminação, desrespeito e violação de direitos. Ao se considerar a enorme desigualdade social e pobreza, a velhice é bastante desigual e desigualmente atendida. Afinal, em sociedades capitalistas, a velhice enfrenta desigualdades em diferentes formas: política, econômica, cultural, na educação, na saúde, no social, etc., e sob condições de fragilidade, vulnerabilidade e risco social, e é diferenciada quanto

[...] àqueles que têm acesso ao saber, possibilidade de acesso a medicamentos e atendimentos médicos particulares, de usufruir instituições de ensino e de lazer; que têm independência econômica e garantam sua autonomia” (LIMA, 2001, p. 22).

O “*envelhecimento e a velhice (ou velhices) cidadã*” deveriam ser construídos histórica e socialmente – compreendidos na inter-relação de todos os elementos de nossa coexistência humana em afinidade com o mundo, a sociedade e as demais gerações.

Se a Constituição Federal de 1988 fosse cumprida, conforme o art. 3º, do título I, dar-se-ia legalidade à obrigatoriedade de

[...] construir uma sociedade livre, justa e solidária [...] garantir o desenvolvimento nacional [...] erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais [...] promover o bem de todos e sem preconceitos: de origem, raça, sexo, cor, **idade** e/ou quaisquer formas de discriminação.

Marilena Chauí (2012) traz a reflexão de que

[...] um direito, ao contrário de necessidades, carências e interesses, não é particular e específico, mas geral e universal, válido para todos os indivíduos, grupos e classes sociais. E, evidentemente, um direito se opõe a um privilégio (CHAUI, 2012, p. 150).

**10** Recomenda-se acessar a dissertação de mestrado de Mirna Luz: *Intersetorialidade: um desafio na implementação da Política Nacional do Idoso no Estado do Rio de Janeiro*, disponível em: <<http://thesis.iciict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/pdf/ferreiramlcm.pdf>>.

Os entraves e as dificuldades na implementação da PNI agravam a situação das futuras gerações de velhos distanciando-os de uma sociedade mais justa e respeitosa com seus cidadãos.

A realidade, apesar da pobreza e dos riscos sociais, produz velhices e acentua questões que necessitam ser contempladas na política, entre elas o prolongamento do tempo de vida de idosos – a longevidade – e, também, a feminização da velhice. Se por um lado é importante, pois vive-se mais e, no caso das mulheres, vivem mais tempo que homens, de outro lado vivem mais sós. Logo, podem contribuir para uma maior “institucionalização” nas ILPIs, tornando-as um “mal necessário”. Esses aspectos devem ser considerados pelas políticas públicas para garantir maior convivência familiar e social e maior troca de experiências com outras gerações.

Outro aspecto que concorre para a necessidade de políticas, a fim de prevenir a institucionalização do idoso, decorre dos baixos índices de renda da grande maioria de famílias e idosos (muitas famílias são mantidas pela única renda fixa do idoso, em geral de 1 salário mínimo), que os obrigam a ocupar maior tempo de suas vidas no trabalho fora do lar, para a garantia da sobrevivência, sem condições de prover atenção e cuidado aos idosos. Nesses casos, os centros de convivência de tempo integral e centros-dia, além do apoio às famílias, são meios de manter os idosos no seio familiar.

É nesse cotidiano do “*cuidar*”, enredado de contradições e complexidades, que os idosos expressam dor, sofrimento e solidão – abandono, não pertencimento e não reconhecimento de seus direitos. Conscientes ou não, exteriorizam medos, diante da institucionalização. Quadro que remete à reflexão de Leonardo Boff (1999):

[...] na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exploração exacerbada da violência (BOFF, 1999, p. 191).

Realidade como essa torna um lugar de solidão, em muitos casos, em sofrimentos, quebra de vínculos familiares e sociais, isolamento, afastamento das relações e do convívio, em abandono, violência e morte social, diante de “*novos modos ou estilos de vida*”, “*novos comportamentos e atitudes*” e com “*novos papéis sociais*”, que ferem e interferem no respeito, na liberdade, individualidade e autonomia, violam direitos e produzem violência contra o idoso, ou seja, realizam uma espécie de violência institucional.

A ausência de políticas públicas, ou a precária realização de serviços e ações públicas de atendimento de demandas de idosos, estimula a institucionalização, o desrespeito à cidadania e a violação de direitos – violência estatal.

A não “*institucionalização*” em ILPIs não garante melhor vida a idosos junto às famílias, quando em situação de fragilidade e risco social, sem prover-lhes a atenção digna de suas necessidades, em muitos casos sob negligência, maus-tratos e agressões, e assim se constitui em violação e violência, produz-se a violência familiar.

Assim, as sociedades capitalistas reservam aos idosos o *silenciamento – invisibilidade – ou uma “conspiração silenciosa”* (BEAUVOIR, 1976), pela falta de ações e pelo adiamento da efetivação da PNI e o não cumprimento do Estatuto do Idoso. Afinal direitos contrapõem-se aos projetos político-econômicos do capital – logo, a proteção e o respeito aos idosos se desvalorizam sob a ideia de “improdutivos”.

Dessa maneira, o “*cuidar social*”, que não é apenas o cuidado individual/pessoal, daqueles que podem contar com cuidador familiar ou profissional, mas o cuidar que é coletivo, em políticas, planos, programas, projetos e ações – “*universalização*”, na garantia da seguridade social: saúde, assistência e previdência, entre outros setores.

Cuidado e proteção legitimados na ideia de “*integralidade humana*”, assegurada nas bases da PNI e do Estatuto do Idoso, com a INTERSETORIALIDADE, a INTERDISCIPLINARIDADE<sup>11</sup> e a INTERGERACIONALIDADE, atravessadas e transversas, em ações interligadas, inter-relacionadas e interpenetradas – em que todos os setores se comprometem com as políticas, efetivando-se os direitos sociais.

A PNI destaca em seu art. 4º quatro importantes ações de prevenção à institucionalização:

**Centro de Convivência:** local destinado à permanência diurna do idoso, onde são desenvolvidas atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais, associativas e de educação para a cidadania; também atuam na preservação da memória, dos laços, vínculos e das relações interpessoais.

Bastante difundido e implantado em praticamente todo o território nacional, só terá sentido se não segmentar – isolar. Em geral, circunscreve-se apenas ao universo fechado de idosos e, dessa forma, se dará fragmentado, não cumprindo um papel de convivência, pois, para isso, deve possibilitar a intergeracionalidade – promoção de convívio entre idosos e demais gerações,

<sup>11</sup> Recomenda-se artigos e textos que tratam da interdisciplinaridade, como MINAYO, Cecília (1994), disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v3n2/04.pdf> e SCHWARTZMAN, Simon (1997), disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/redesc/interdis.htm>

capaz de produzir a cultura e a memória mais coletiva, transmissão e trocas na construção da história de um tempo<sup>12</sup>. Esta modalidade deveria estar articulada e interligada a outras modalidades como Centros de Cuidados Diurnos, Casas-Lares e Atendimento Domiciliar.

**Centro de Cuidados Diurnos:** Hospital-Dia ou Centro-Dia – local destinado à permanência diurna do idoso com dependência ou deficiência temporária e que necessite de assistência médica ou de assistência multiprofissional.

Para que cumpra sem fragmentação e focalização, inclusive setorial, na perspectiva de promover o bem-estar, só fará sentido se implantados próximos, articulados e interligados aos Centros de Convivência, para que os usuários possam conviver e interagir com outras pessoas, inclusive com idosos independentes e autônomos, e estabelecer contatos e convívios com outras gerações.

**Casa-Lar:** Vila Residencial ou República – residência, em sistema participativo, cedida por instituições públicas ou privadas, destinada a idosos com renda insuficiente para sua manutenção e sem família.

Da mesma forma que as considerações anteriores, as Casas-Lares ou residências também devem ser instaladas próximas de Centros de Convivência e Centros-Dia, para acessarem, quando necessário.

**Atendimento Domiciliar:** é o serviço prestado ao idoso que vive só, posua algum grau de dependência, limitante, e pelo qual sejam supridas suas necessidades de atividade de vida diária (AVD). Esse serviço requer o atendimento por equipe multiprofissional da área de saúde ou por pessoas qualificadas da própria comunidade, na perspectiva interdisciplinar.

Observa-se que esta modalidade vem sendo em parte suprida pelo Programa Estratégia Saúde da Família, entretanto, da mesma forma que as observações já feitas anteriormente, esta modalidade deveria se realizar de forma articulada com as outras modalidades da PNI.

As modalidades alternativas do “*cuidar social*” propostas na PNI, pensadas na perspectiva da “*intersectorialidade*”, “*interdisciplinaridade*” e “*intergeracionalidade*”, pressupõem estratégias de “*mão dupla*” (centro de convivência versus centro-dia versus casa-lar, entre outras), realizadas por diferentes setores articulados (educação, cultura, esporte, assistência social, lazer, cidade, saúde, transporte, renda), e a necessária participação sociopolítica de “*cidadania emancipatória*”.

Observa-se que as políticas, além dos aspectos tradicionais que impregnam a ideologia no campo político, nas instituições públicas e privadas (patrimonialismo, personalismo, clientelismo, nepotismo, particularismo, entre

<sup>12</sup> Recomenda-se leitura da obra FERRIGNO, José. *Coeducação entre gerações*. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2010.

outros), ainda incidem nas relações sociais e em certa disputa pela detenção do saber que gira em torno dos conhecimentos do envelhecimento e sobre a velhice, particularizadas por determinados saberes técnico-científicos e profissões, e nas chamadas especializações, que comprometem o interdisciplinar.

O vertiginoso crescimento da população idosa nas últimas três décadas faz surgir, no cenário, tanto propostas especializadas, que desintegram os velhos em particularidades e particularizações, quanto de mercado, que comprometem a perspectiva da universalização de políticas e direitos.

Variado e complexo conjunto de estudos, pesquisas e produtos gera um “discurso competente”, que reforça autoridade e legalidade (CHAUI, 2007), que afirma o caráter da especialização, por vezes incentivado esse conjunto por determinada fatia do mercado a difundir receituários e promessas de boa velhice, principalmente de ordem biofísica, a partir de medicamentos, suplementos, cosméticos, estética, entre outros aspectos.

Esse componente ideológico e de poder produz consequências na efetivação das políticas, na intersetorialidade e na interdisciplinaridade, já que existe muito mais do que legitimar ou não um determinado saber.

Entretanto, os saberes produzidos e difundidos pelos “ideólogos” ou “gurus” recomendam receituários do bom envelhecer e da boa velhice voltados para os que podem consumir e promover a “terceira idade” – *rejuvenescida* –, saudável e ativa. E acabam por desviar algumas políticas para atendimento do mercado, e políticas assistenciais para idosos pobres. Muda-se, assim, a leitura de como se vê o idoso e a política, ou seja, “respondem ao interesse crescente da sociedade [...] para a constituição de novos mercados de consumo” – a política deve ser para “idoso jovem” (DEBERT, 1996). Essa lógica se define como

[...] recompensa pelo corpo ascético [...] aparência embelezada, um eu mais disputado. [...] rotinas de manutenção corporal [...] rugas ou a flacidez transformam-se em indícios de lassitude moral [...] tratadas com cosméticos, ginástica, vitaminas, rejuvenescimento (DEBERT, 1996, p. 6).

Observa-se um número de espaços de convivência cada vez mais organizados com essas características, nos quais se desenvolve uma programação variada que se multiplica em uma espécie de “cuidar” balizado por uma ideologia e cultura ilusionista de mercado para o consumo da jovialidade na velhice.

Faz lembrar e questionar sobre a culpabilização e/ou criminalização dos indivíduos pobres, inclusive os idosos, quanto a sua própria responsabilidade por saúde, renda, manutenção, sobrevivência ou envelhecimento saudável.

Desse modo, as políticas públicas deveriam corrigir esse intencional desvio de percurso, uma vez que *“o envelhecimento social é o resultado de uma série de ocorrências por vezes alheias à vontade dos que nelas estão envolvidos, que acarretam frequentes e desfavoráveis mudanças”* (PAPALÉO NETTO, 2000, p. 26).

O incentivo ao consumo e à valorização da “terceira idade jovem” coloca em jogo uma intencionalidade em barrar, diminuir os custos dos fundos públicos para a população idosa em geral e demandar para a “refilantropização” a proteção social do idoso.

Entretanto, existe uma possibilidade de mudança, que, segundo a Política Nacional do Idoso (1994), busca a “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações” (art. 4º - I); a participação ao idoso se dará também “através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação de políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos” (art. 4º - II).

A participação social, política e o controle social democrático do idoso apresentados pela ideologia neoliberal são tutelares onde a participação social é utilitarista, em números, mas não discute, não questiona e não decide. A participação social política plena transforma o idoso em sujeito social – aquele que luta e defende seus próprios interesses de forma crítico-reflexiva, nos *diferentes espaços*, e define, delibera, encaminha, fiscaliza e monitora as políticas públicas no processo do pleno exercício democrático do controle social.

Essas mudanças somente serão alcançadas quando o cidadão se tornar verdadeiramente a(u)tor protagonista – sujeito testemunha – de sua própria história, e com a coparticipação de toda a sociedade.

Ao se utilizar somente prerrogativas de participação conforme o capítulo I da PNI (1994), quanto a ocupação e convívio no *“cuidar social”*, estaremos res-tritivamente considerando o indivíduo idoso de maneira cada vez mais intensa como um ser abstrato.

Aplicando-se a prerrogativa de participação política encontrada no capítulo II da mesma lei adentra-se um sentido pleno do termo “participação” e proporcionam-se sentimentos de reconhecimento e pertencimento, ou seja, possibilita-se vislumbrar a “cidadania emancipatória” – libertando-se das amarras da cultura ilusionista do mercado, agindo de forma crítica e atuante, na superação da cidadania regulada em que “o estatuto jurídico e status de igualdade dos cidadãos constituem, fundamentalmente, uma forma de escamotear as desigualdades postas pela apropriação privada dos meios de produção” (ABREU, 2008, p. 381).



Fica claro que a despolitização dos direitos, da cidadania e das lutas políticas, que conquistaram historicamente todo o arcabouço legal, mostra que os movimentos sociais dos aposentados e idosos devem continuar atentos para não confundir suas reais razões de existência. Pois para Beauvoir<sup>13</sup> (1990 apud COSTA, 2008, p. 103): “A noção de velhice, implacavelmente associada a tempo livre, incapacidade produtiva e cognitiva, dependência de outrem, cria verdadeiras ilhas” que buscam separar idosos das outras gerações e da sociedade.

Esse pensamento pervertido provoca um distanciamento do ser social idoso, obrigatoriamente colocando-o em uma posição subordinada, vigiada e, em alguns casos, eliminado.

Ressalta-se que a entrada dos aposentados e idosos no cenário político como sujeitos de luta reafirma que os espaços públicos de participação política e os movimentos sociais de idosos e aposentados nos dias atuais buscam novo significado e razão para a existência.

Embasando-se em Mézáros (2009), faz-se necessário desprender-se da “cultura da desigualdade substantiva”, substituindo-a por uma alternativa viável para prosseguir o caminho, em outras palavras: encontrar novos caminhos ao caminhar.

## CONCLUSÃO

As questões levantadas neste artigo surgem a partir dos símbolos e significados socialmente construídos como referência ao ser humano que envelhece na sociedade brasileira, tendo a Política Nacional do Idoso como principal referência, relevando os aspectos da intersetorialidade, interdisciplinaridade e intergeracionalidade presentes nas modalidades da PNI, como princípios e meios para se garantir a realização de políticas e ações capazes de impedir a institucionalização e possibilitar maior convívio, melhoria das condições com qualidade e dignidade.

Observou-se que o envelhecimento e a velhice em sociedades capitalistas assumem características reais e concretas, como construção social como produto das expressões da questão social originada do sistema produtivo capitalista com a exclusão dos considerados improdutivos. No capitalismo qualquer corpo animado ou inanimado, compreendido como mercadoria, recebe um valor de mercado, onde os objetos e a força de trabalho passam a ter obrigatoriamente um valor, gerando uma mercantilização das relações sociais. A velhice, por esse ângulo, é considerada má (improdutiva e inútil) pela maioria das pessoas.

<sup>13</sup> BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Nessas relações sociais se valoriza o produtivo, o individualismo e a competição, que influenciam as políticas, as ações e atividades para a ascensão pessoal, distanciando o coletivo – sujeito (idoso) da igualdade ou equidade social.

Introjetam a ideia de adoecimento e associam a outros aspectos sociais que os levam a pensar não serem mais criativas e dinâmicas, daí se privam de novas atividades, por medo de fracasso e censura, isolando-se. Contraditoriamente, à medida que os avanços científicos e tecnológicos trazem melhorias em diversos campos e também cria ligeirezas, rapidez, tornam as relações sociais cada vez mais volúveis e descartáveis, onde a institucionalização aparece como saída.

Na atualidade mais homens/mulheres se percebem mais sós ou solitários, as relações são mais frágeis, constituem-se um “Homem Clausus” – enclausurado, apressado, não histórico, sem memória – asilado –, desencadeando um processo de institucionalização.

Destacou-se a inversão de se atribuir à família e a sociedade e não ao Estado, a responsabilidade para implementação e execução das políticas que acabam por legitimar a ideia de que a algumas áreas e setores são principais como detentoras do saber sobre o envelhecimento e a velhice.

Buscou-se, assim, aproximar o fenômeno do envelhecimento aos aspectos ideológicos preferencialmente nos discursos sobre envelhecimento e velhice a sob a égide da “terceira idade” jovem e que acabam por influenciar as políticas.

Colocou-se em destaque de prioridade e importância os direitos ao idoso e sobre as políticas para explicar os motivos ideológicos do atraso, retardo e desmonte da política do idoso e da seguridade social: saúde, assistência e previdência, inclusive a educação e outras, a fim de se produzir discussões em torno do universo do envelhecimento, velhice e idoso e o de contextualizar as duas principais Leis (PNI e Estatuto do Idoso) sobre os direitos e garantias de atenção e proteção do idoso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ABREU, Haroldo. *Para além dos direitos: cidadania e hegemonia no mundo moderno*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: a realidade incômoda*. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. 2. ed. São Paulo: Difel, 1976.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: a ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia, o discurso competente e outras falas*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- \_\_\_\_\_. Democracia e sociedade autoritária. *Comunicação & Informação*, v. 15, n. 2, p. 149-161, jul./dez. 2012.
- COSTA, Hebréia Maria Ramos Barbosa da. *Desafio da vida: trabalho, velhice e memória*. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)–Faculdade de Serviço Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- DAGNINO, Evelina. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?. In: MATO, Daniel (Coord.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil em tiempos de globalización*. Caracas: Faces, Universidad Central de Venezuela, 2004. p. 95-110.
- DEBERT, G. G. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo de demandas políticas*. São Paulo: ANPOCSociais, 1996.
- ELIAS, Norbert. *La soledad de los moribundos*. 2 ed. México:Fondo de Cultura Económica, 1989.
- GIROUX, H. Teoria crítica e racionalidade na educação para a cidadania. In: \_\_\_\_\_. *Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias da reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- LIMA, Mariúza Peloso. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, Vitória (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MANZOCHI, Lúcia Helena; CARVALHO, Luiz Marcelo de. Educação Ambiental formadora de cidadania em perspectiva emancipatória: constituição de uma proposta para a formação continuada de professores. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 3, n. 2, p. 103-124, 2008.
- MÉSZÁROS, Istvan. *O projeto de emancipação socialista*. In: SEMINÁRIO MARGEM ESQUERDA NO BRASIL, 3., 2009. Disponível em: <<http://www.meszaros.comoj.com/?q=node/33>>.
- PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2000.
- PAZ, Serafim Fortes. Os des(a)vios do “cuidar de idosos”. In *Caderno Geração* n.1, Ano I. Rio de Janeiro: ANGRJ, 2011.
- \_\_\_\_\_. Gerontologia: uma profissão?. In: \_\_\_\_\_. *Revés do avesso*. Ao idoso. São Paulo: Cepeftal, 2005. p. 116-121.
- \_\_\_\_\_. Movimentos sociais: participação dos idosos. In: PY, L. et al. *Tempo de envelhecer*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004. p. 229-256.
- SALGADO, Marcelo A. Envelhecimento, um desafio para a sociedade. *Revista A Terceira Idade*, São Paulo: Sesc, 1988.



# As imagens dos mais de 60 na tevê 60+ O papel das telenovelas globais na difusão da ‘cultura da longevidade’<sup>1</sup>

BELTRINA CÔRTE<sup>2</sup>

## RESUMO

---

Quais são as imagens dos cidadãos acima dos 60 anos representadas nas telenovelas produzidas e exibidas na TV Globo em horário nobre? Esta foi a pergunta norteadora deste ensaio, que surgiu de várias inquietudes e preocupações, a respeito da velhice na mídia, o que discuto há mais de uma década. Os avanços tecnológicos no mundo da informação e da comunicação provocaram a criação de diversos meios e, consequentemente, os mais distintos produtos. Eles “alimentam” o imaginário da sociedade brasileira sobre ideários de velhices e envelhecimentos, e, claro, da longevidade que queremos. Os velhos se inseriram, se incluíram como consumidores, especialmente na mídia televisiva, considerada o principal veículo de comunicação em relação à quantidade de público e concentração de verbas publicitárias. A TV brasileira incorporou a velhice em sua agenda de telenovelas; afinal, ela também está na terceira idade. Metodologicamente, buscou-se identificar em algumas telenovelas da TV Globo, como exemplo, os cenários que suscitam problemáticas relacionadas ao nosso longeviver. A (re)criação não somente permite à pessoa abarcar e abranger a realidade, mas aprofundá-la, e propor alternativas a situações não desejáveis, sonhadas e ilusórias.

**Palavras-chave:** telenovelas, TV Globo; imagens de idosos na mídia; Gerontologia social; velhice na mídia.

<sup>1</sup> O termo “cultura da longevidade” é utilizado por mim e Vera Brandão no Portal do Envelhecimento e mais especificamente nos editoriais da Revista Portal de Divulgação, para designar os anos que ganhamos a mais. Ver <http://portaldoenvelhecimento.org.br/revista-nova/index.php/revistaportal>.

<sup>2</sup> Jornalista, com doutorado e pós.doc em Ciências da Comunicação/USP. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e coordenadora do curso de Especialização em Gerontologia, campus Ipiranga, ambos da PUC-SP. Membro do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE) e coordenadora de conteúdos do *Portal do Envelhecimento*.

E-mail para contato: [beltrina@pucsp.br](mailto:beltrina@pucsp.br) ou [beltrilhe@gmail.com](mailto:beltrilhe@gmail.com).

## ABSTRACT

---

What are the images of the citizens above 60 years old represented in soap operas produced and exhibited on TV Globo at the prime time? That was the question guiding this paper as a result of many uneasiness and concerns regarding old age on the media, which I have been discussing for more than a decade. The technological advances in the information and communication world caused the creation of several means and, consequently, the most diverse products. They “feed” the Brazilian society’s imaginary about the ideals of old ages and aging, and, of course, the longevity that we long for. The elderly inserted and included themselves as consumers, especially on the TV, regarded as the major communication medium, both in relation to the audience and in the concentration of advertising budget. The Brazilian TV also inserted old age in its soap opera agendas; after all, it is also at the third age. Methodologically, one searched to identify in some of TV Globo’s soap operas, as an example, the scenarios that bring us problems related to our long-living. This (re)creation allows people not only to become aware of reality, but also deepening it and proposing alternatives to undesirable, dreamed and illusionary situations.

**Keywords:** soap operas, TV Globo; the elderly images on the media; social Gerontology; old age on the media.

## EM PAUTA, O CENÁRIO

Este texto surge de várias inquietudes e preocupações a respeito da velhice na mídia, o que discuto há mais de uma década, e com maior frequência na atualidade, porque ao ganharmos mais anos de vida, a velhice se prolonga por mais 20, 30, 40 anos, após os 60, fazendo-se representar, como número e consumidor, nos espaços midiáticos.

Desde os anos 2000, ao assumir a coeditoria<sup>3</sup> do terceiro número impresso da Revista Kairós e, coincidentemente, a comemoração do terceiro ano da implantação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - onde me

<sup>3</sup> Com a professora Suzana Medeiros, fundadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Desde 2010 a editora da revista é Fláminia Lodovici.

inseri como docente no ano seguinte -, tenho que explicar a amigos e empresas o meu fazer acadêmico em uma área que continua desconhecida por colegas dentro da própria instituição, de outras áreas afins da minha formação e de profissionais diversos, inclusive da saúde. Tal “desconhecimento” nos leva a bater na mesma tecla: sensibilizar a sociedade quanto ao processo de envelhecimento que os números demográficos insistem em mostrar.

Sou testemunha como a partir daí muito se produziu para a formação de um acervo sobre o envelhecimento e a velhice brasileira. Dissertações, teses e artigos são responsáveis principais por essa produção. Vários deles, senão a maioria, surgiram de problemáticas levantadas por profissionais que, sensibilizados, questionavam as práticas sociais envolvendo os cidadãos acima dos 60.

A produção não foi suficiente, entretanto, para mudar o quadro, pois no Brasil não há a cultura de os órgãos públicos consultarem essas produções para um melhor planejamento, nem tampouco os profissionais têm o hábito de sistematizar e divulgar suas experiências. E, mais, as pesquisas publicadas na grande mídia, centradas nas enfermidades, reforçam o mito de a velhice ser sinônimo de doença e como tal ser tratada.

Não desconhecendo a importância do que ocorreu durante estes anos, ou, ao contrário, os efeitos das produções realizadas, observamos, em 2013, a presença de cidadãos acima de 60 anos nas páginas dos jornais, telenovelas, filmes publicitários, propagandas e internet, como sujeitos e não vítimas. Não são mais invisíveis, como dizia Simone de Beauvoir em seu livro *A velhice* (1990). Basta ligar a TV, zapear os diversos canais, assistir telenovelas, minisséries, filmes, ouvir o rádio, ler... A informação passada pelas distintas imagens é de que o idoso brasileiro tornou-se ator político gradativamente mais visível na sociedade, ocupando espaço na mídia e a atenção da indústria do consumo, do lazer e do turismo, o que não corresponde à ideia predominante no imaginário da população em geral, de que na velhice os indivíduos estariam excluídos da vida pública.

Os avanços tecnológicos no mundo da informação e da comunicação provocaram a criação de diversos meios de comunicação e, consequentemente, os mais diversos produtos. Eles “alimentam” o imaginário da sociedade brasileira sobre ideários de velhices e envelhecimentos, e, claro, a longevidade que queremos. Mas os velhos despontaram porque

realmente ficaram visíveis. Isso os levou a buscar maior empoderamento, mesmo como reivindicadores de consumo, ao exigir produtos especiais pensados para eles. Os velhos se inseriram, se incluíram como consumidores, especialmente na mídia televisiva, considerada o principal veículo de comunicação, em relação à quantidade de público e na concentração de verbas publicitárias.

A TV brasileira incorporou a velhice às telenovelas; afinal, ela igualmente está na terceira idade, pois em 2013 completou 63 anos de atividade<sup>4</sup>. Assim como a velhice, a TV dos dias atuais vive diversos desafios. Um deles é conquistar o público mais jovem e chegar aonde o telespectador mais velho está, mesmo que em outra plataforma ou em movimento, pois agora “cada um vê o que quer em seu quarto, tablet, micro ou simplesmente procura algo melhor porque há conteúdo e entretenimento em muitas outras formas”, escreve José Armando Vannucci, no Blog Parabolica<sup>5</sup>.

Ante esses desafios, as emissoras brasileiras desenvolvem projetos a fim de evitar a fuga de público, especialmente dos jovens, como a grade multiplataforma. Vannucci destaca que a televisão brasileira, aos 63 anos, começa a quebrar regras que valiam para as décadas passadas, como a necessidade de padronizar chamadas e vinhetas, a fim de buscar novas formas de comunicação. Mas essas mudanças não acabarão com a base da boa comunicação, que é “emocionar quem está do outro lado da tela”, ainda o caminho mais fácil para garantir plateia. O blogueiro reconhece que “apesar de todos os avanços, baixarias ainda serão exibidas e atrações apelativas e sensacionalistas serão usadas por muitos produtores que ainda não enxergaram essa nova realidade da TV”, ao que acrescentamos: nem o público mais fiel.

## Novelas da TV Globo

Escolhemos a TV Globo, fundada em 1965<sup>6</sup>, como recorte deste ensaio, por ser a maior do país, ter as telenovelas como um de seus principais produtos e possuir um histórico de controvérsias em suas relações na sociedade brasileira: como exemplos, apoio à ditadura militar instaurada no país em 1964<sup>7</sup>, acusações de que a emissora fez coberturas tendenciosas do movimento das Diretas-Já e das eleições presidenciais brasileiras de 1989, 2006 e 2010, além de ter recebido notificações da Receita Fede-

<sup>4</sup> Ver: <http://blog.jovempan.uol.com.br/parabolica/tv-completa-63-anos-no-brasil-com-o-desafio-de-conquistar-os-mais-jovens-e-produzir-em-multiplataforma/>

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> A Rede Globo foi criada em 1964 e transmitida a partir de 1965; a empresa se tornou líder no segmento de mídia e expandiu negócios (TV gratuita e paga, marketing, produção, estações transmissoras, satélite e TV a cabo, jornais e revistas, editoras, rádios, websites). O conglomerado é composto de mais de 80 empresas. Em 2011, as Organizações Globo estavam no 17º grupo de mídia do mundo, atrás do Google (1º lugar), News Corporation (3º) e Walt Disney Company (4º).

<sup>7</sup> Regime que teria rendido benefícios ao grupo midiático, em especial para o canal de televisão.



ral por sonegação fiscal entre 2010 e 2012. Durante a série de manifestações populares que ocorreram em várias cidades brasileiras em meados de 2013, protestos em frente às sedes da emissora aconteceram por todo o país, como se ela representasse unicamente o “mal” da sociedade.

Essas são, entre outras razões, o que explica poucos falarem sobre velhice e mídia. Normalmente, quem se atreve muitas vezes permanece nos aspectos negativos dessa etapa da vida, na própria TV, ou na importância econômica do segmento, como se ele só “existisse” como consumidor. Não é nosso caso, pois desde 2004 monitoramos a mídia por meio do *Portal do Envelhecimento*<sup>8</sup>. Reconhecemos que a mídia é uma das instituições (como a família, a escola e as crenças religiosas) que influenciam nosso imaginário, especialmente as telenovelas globais, verdadeiras metáforas da vida. Elas representam o gênero televisivo mais lucrativo e expressivo da cultura brasileira, exportado para dezenas de países. Trata-se de instrumento midiático de significativa influência de comportamentos e costumes, ao adentrar em 98,4% dos lares brasileiros.

Desde meus estudos de doutorado uma pergunta me persegue: a TV é espelho da sociedade ou a sociedade é espelho da TV? Tenho apostado que ela funciona mais como espelho da sociedade, mas colocando na agenda assuntos sobre os quais a sociedade pode refletir. As telenovelas são, portanto, as que mais se aproximam, como o cinema, da experiência humana, enfim, das realidades que vivenciamos cotidianamente. Por isso apresentamos a seguir telenovelas que suscitem problemáticas relacionadas ao nosso longeviver, dando razão de ser a tudo que é conotativo à condição humana. Essa (re)criação não somente permite à pessoa abranger e abarcar a realidade, mas aprofundá-la, propondo alternativas a situações não desejáveis, sonhadas e ilusórias.

Um dos assuntos inegavelmente mais presentes nas telenovelas é a velhice e tudo o que a envolve. Talvez porque aqueles que estão no percurso do envelhecimento sejam telespectadores, idealizadores e atores; experimentam mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas do século passado e início deste, incluindo seu próprio corpo. Daí a presença maior de personagens com mais de 60 anos que, gradativamente, são incluídos nas tramas atuais. E os intérpretes, com 60+, não apenas aproveitam as oportunidades, mas deixam claro que não têm a mínima intenção de encerrar a carreira, continuando espelhando na telinha o seu processo de longeviver<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> O site [www.portaldoenvelhecimento.org.br](http://www.portaldoenvelhecimento.org.br) nasceu de uma atividade do programada do mestrado em Gerontologia da PUC-SP, que em 2004 ultrapassou fronteiras acadêmicas, possibilitando o surgimento do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento ([www.olhe.org.br](http://www.olhe.org.br)); em 2006 o Portal tornou-se um programa do OLHE.

<sup>9</sup> Expressão utilizada nos editoriais da Revista Portal de Divulgação, do Portal do Envelhecimento, pelas editoras Vera Brandão e Beltrina Corte desde 2010, para designar os anos que ganhamos a mais. Ver <http://portaldoenvelhecimento.org.br/revista-nova/index.php/revistaportal>

“Não vejo necessidade de ficar em casa. O trabalho não está pesando e ainda estou dentro das minhas faculdades mentais”, atesta Ary Fontoura, nascido em 1933, que em 2010 interpretou um avô milionário, Jacques, em “Caras & Bocas”, telenovela produzida pela Globo e exibida no horário das 19h, de 13 de abril de 2009 a 8 de janeiro de 2010, em 232 capítulos. Ary, então, emendava sua terceira novela, após “A Favorita” (2008) e “Sete Pecados” (2007). Recentemente declarou que “às vezes, você repete muitas cenas, fica em pé, grava 20 tomadas e quase não tem tempo para sentar e tomar um café. Mas eu adoro. É quase uma relação sadomasoquista”. Como ele, Mauro Mendonça, nascido em 1931, não teve descanso. Desde “A Favorita”, em 2008, encarnando um austero empresário, até “As Brasileiras”, em 2012.

Escritores e diretores contam com atores experientes, pois além de ser desejo premeditado da maioria dos atores que querem atuar até o fim da vida, são profissionais que acumulam anos de trabalho na TV - a maioria iniciou a carreira quando a televisão começou a ser implantada no Brasil<sup>10</sup> - e transmitem segurança para serem escalados como personagens “curingas”, pois têm bagagem, o que não acontece com o elenco jovem. Eva Todor (1919-2010) foi uma das atrizes com mais idade a atuar. Ela, aos 87 anos, fazia parte do elenco da novela “Caminho das Índias”, assim como Cleide Yáconis (1923-2013), aos 86 anos. Apesar disso, reconhecemos que alguns idealizadores de telenovelas não associam a complexidade da velhice ao crescimento de papéis para atores acima de 60 ou 70 anos.

### Problematização da velhice nas telenovelas

Os principais escritores globais, como Lauro César Muniz, Manoel Carlos, Sílvio Abreu, Aguinaldo Silva e Walcyr Carrasco, buscam no cotidiano matéria-prima para construir a novela de cada dia. Sílvio Abreu, por meio de seu personagem Jonas (Raul Cortez), inicialmente um mordomo, e que, no fim, revelou-se autor de novelas, em Rainha da Sucata (1990)<sup>11</sup> disse: “Eu espero que, sinceramente, tenha conseguido transpor para o papel tudo aquilo que vocês têm de alegre, de trágico, de romântico, de bonito, de feio, de louco, sei lá, enfim, tudo isso que faz de vocês personagens maravilhosos que espero divirtam os milhões de telespectadores que vão ter o prazer de conviver com vocês nessa minha novela”.

**10** A televisão no Brasil foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, trazida por Assis Chateaubriand, que fundou o primeiro canal de televisão no país, a TV Tupi, em São Paulo; em 20 de janeiro de 1951 entrou no ar a TV Tupi no Rio. Desde então a televisão cresceu e hoje representa fator importante na cultura popular moderna da sociedade do Brasil. Em 1955 foi inaugurada a TV Rio, aliando-se à TV Record, inaugurada em 1953, como Emissoras Unidas. Em agosto de 1957 iniciam-se as transmissões entre cidades no Brasil, com um link montado entre a TV Rio e a TV Record, ligando as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, na transmissão do Grande Prêmio Brasil de Turfe, diretamente do Hipódromo da Gávea, no Rio. Em 1959 surge a TV Continental, canal 9, no Rio, com a novidade do videoteipe. Seria cassada em 1972. Em 1960 foi inaugurada a primeira TV Excelsior em São Paulo, a segunda viria em 1963, no Rio. As duas saíram do ar por decisão do governo em 1970. Ver [http://pt.wikipedia.org/wiki/História\\_da\\_televisão\\_no\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/História_da_televisão_no_Brasil).

**11** Telenovela global que foi ao ar de 2 de abril a 27 de outubro de 1990. Cf. Guia ilustrado TV Globo, 2010.

Manoel Carlos, um dos mais realistas autores de telenovelas no Brasil, em outras palavras disse o mesmo: “Procuro aproximar as tramas ao máximo da realidade em todos os aspectos, o que não impede que alguns temas causem polêmica”<sup>12</sup>. Esse comentário foi enfatizado por Maria Aparecida Baccega<sup>13</sup>, estudiosa de telenovelas, que em entrevista à imprensa<sup>14</sup> afirmou: “O público brasileiro está acostumado a distinguir realidade e ficção. Existe uma base na vida real que leva à invenção desses personagens”. Sua fala tem a ver com as inúmeras queixas à novela *Amor à vida*<sup>15</sup>, que Walcyr Carrasco, seu idealizador, recebe de sindicatos profissionais descontentes com as representações das categorias; psiquiatras, enfermeiros, advogados e laboratórios, por exemplo. Ao que ele declarou: “Nas minhas novelas, o mais importante é o que ocorre na vida real”<sup>16</sup>. O cenário da novela é um hospital e suas práticas merecem debates públicos.

Ante o patrulhamento, Walcyr Carrasco diz que “parece haver tentativa de fugir de temas polêmicos que poderiam, ao serem debatidos, elevar o nível profissional; ao contrário, preferem escondê-los embaixo do tapete”. Ele se refere a tratamentos psiquiátricos com eletrochoques, falta de ética de personagens advogados, entre outros. Para ele, “essas associações querem exercer controle sobre o que a sociedade deve pensar. É atitude autoritária travestida de preocupação bem-intencionada”.

Com essa visão refletimos sobre algumas telenovelas brasileiras que apresentam determinados temas para a sociedade discutir. A começar pela novela *O Casarão*, que mostrou a evolução do comportamento sexual já nos anos 70, produzida e exibida de 7 de junho a 11 de dezembro de 1976, escrita por Lauro César Muniz, com direção de Daniel Filho e Jardel Mello, em 161 capítulos. Tratou da história de cinco gerações da família Deodato Leme, que teve início no ciclo do café, em 1900, e se deu em torno da casa colonial (o casarão). A novela retratou três períodos do começo do século - do início até 1919, de 1926 a 1936 e depois, 1976, época que representava a atualidade. Havia os tradicionais encontros e desencontros dos protagonistas apaixonados, e um dos temas bem abordados foi a sexualidade, vivenciada por um casal com mais idade.

*Mulheres Apaixonadas* deu visibilidade aos problemas da velhice. Escrita por Manoel Carlos, apresentada de 17 de fevereiro a 10 de outubro de 2003, e reprisada em “Vale a pena ver de novo”, em 2008, totalizou 203 capítulos. Essa telenovela tratou da violência doméstica cometida

<sup>12</sup> Telenovela global que foi ao ar de 2 de abril a 27 de outubro de 1990. Cf. Guia ilustrado TV Globo, 2010.

<sup>13</sup> Ver Currículo Lattes no CNPq: <http://lattes.cnpq.br/8872152033316612>

<sup>14</sup> Idem à nota de rodapé 11.

<sup>15</sup> Amor à vida foi escrita por Walcyr Carrasco, e é exibida às 21h, desde 20 de maio de 2013. Na trama estão artistas consagrados da Globo que já passaram dos 70, como Nathalia Timberg (1927), Ary Fontoura (1933), Rosamaria Murtinho (1935), Fúlvio Stefanini (1939), e outros com 60+: Antônio Fagundes (1949), Susana Vieira (1948), José Wilker (1947), Eliane Giardini (1952).

<sup>16</sup> Ver nota de rodapé 11.

contra pessoas idosas dentro de um lar de classe média. Foi uma das histórias que mobilizaram o público, interpretada por um casal de idosos (Carmem Silva, 1916-2008, e Oswaldo Louzada, 1912-2008), que vivia no mesmo apartamento com o filho, a nora e os netos. Na novela, os dois tinham sido atores e ajudavam o filho no sustento da casa e da família, mas eram frequentemente maltratados pela neta, que os enxergava como um peso. A neta, no papel de adolescente, humilhava o casal e furtava dinheiro dos avós para satisfazer seus caprichos, mas os dois sofriam calados. O problema se resolveu somente no final, quando o casal se mudou para o Retiro dos Artistas (moradia coletiva), onde ambos tinham uma vida mais tranquila e feliz. Essa novela mostrou a importância da disseminação de campanhas de saúde, como a vacinação gratuita para pessoas acima de 60 anos e passe livre no transporte público.

*Senhora do Destino* retratou a doença de Alzheimer. Telenovela exibida de 28 de junho de 2004 a 12 de março de 2005, totalizando 221 capítulos, escrita por Aguinaldo Silva, com direção-geral de Wolf Maya. Entre outros temas, mostrou a angústia de quem tem “esquecimentos”, que se tornam frequentes e fogem ao controle do ego, uma das aflições vividas pela personagem Baronesa de Bom Sucesso (Glória Menezes). A novela revelou apenas os sintomas iniciais, como confusão mental, perda de memória e desorientação espacial, apresentados pela baronesa.

O idealizador da trama, Aguinaldo Silva, comentou na ocasião que resolvera tratar do Alzheimer porque havia perdido um amigo acometido pela doença. “É preciso alertar as pessoas, pois o Alzheimer costuma ser detectado apenas num estágio muito avançado”. Todos nós, em algum momento, nos esquecemos de algo que parece irrelevante - o nome de alguém ou o telefone de um familiar próximo. Logo nos consolamos: “deu branco”, ou “está na ponta da língua”. Mas os entes queridos e as pessoas mais próximas, vizinhos e amigos, passam a notar pequenos lapsos de memória, dificuldades em assuntos e tarefas cotidianas antes facilmente exercidas.

Na trama, quando à baronesa se dedicava amor, sua dificuldade era aplacada, diminuída, e o sentimento de acolhimento e compreensão prevalecia ao de rejeição. Mas se a tratavam com ironia e desprezo, as manifestações na alteração da memória tornavam-se ainda maiores. Uma das cenas mostrava a facilidade de as pessoas com Alzheimer se perderem no tempo e no espaço: a baronesa saiu de casa quase de madrugada, vestida

finalmente, inclusive com joias, e foi a um lugar que já não existe; em um instante percebeu e se sentiu desesperada, quando então acaba resgatada pelos familiares, que a levaram para casa.

Essa novela com certeza ajudou a divulgação dos principais sintomas da doença de Alzheimer e como conviver com um portador, discutindo aspectos fundamentais para o seu bem-estar: ambiente, refeições, segurança, mobiliário, banho, música. É o que disse na época a presidente da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz), Lilian Alicke, mostrando-se satisfeita com a abordagem, pois por falta de conhecimento sobre a doença ou de apoio psicológico a maioria não consegue lidar com a nova realidade. Portanto, haver ensinamentos básicos em rede nacional significa uma vitória.

*Sete Pecados* centrou-se na sexualidade na terceira idade. Exibida no horário das 19h, de 18 de junho de 2007 a 15 de fevereiro de 2008, somou 208 capítulos e foi escrita por Walcyr Carrasco. Foi ele quem descobriu dentro de sua casa que paixão não escolhe idade, ao ver sua mãe apaixonada depois dos 60. Portanto, um dos núcleos fortes da novela tratava da história de um casal idoso, que guardava inspirações bem reais. Eram Romeu e Julieta (Ary Fontoura e Nicette Bruno, ambos nascidos em 1933) mostrando a ternura e a verdade que existem nessa situação, pois o amor na terceira idade não se resume a jogar cartas nem a trocar receitas, como a maioria das pessoas ainda pensa, mas, ao contrário, vai muito além, como qualquer casal que se ama e vive sua sexualidade, independentemente de idade.

Em *Passione* havia a heterogeneidade e a diversidade da velhice, nessa novela exibida de 17 de maio de 2010 a 14 de janeiro de 2011, em 209 capítulos e escrita por Silvio de Abreu, 1942, com direção-geral de Carlos Araújo e Luiz Henrique Rios. Tudo acontece porque aos 75 anos uma das protagonistas (Fernanda Montenegro, 1929) descobriu que seu filho ainda estava vivo. A descoberta modificou a vida de todos os personagens, que de uma maneira ou de outra estavam ligados a essa história. Apesar dos vários núcleos e personagens acima dos 60 anos, na novela havia uma única história, envolvendo a paixão e a sexualidade. Nessa telenovela trabalhou um grande número de atores veteranos, interpretando papéis de destaque. Apenas em um núcleo havia quatro da teledramaturgia, todos acima dos 80 anos, mostrando a cada capítulo da trama seu longeviver ativo e longe da aposentadoria.

Dos 49 personagens da novela, 11 eram e representavam papéis de idosos (cinco mulheres e seis homens), cada um em uma velhice diferente; média de 22,5%, número significativo se pensar na visibilidade da velhice no país, que na ocasião era de 11%. Essa novela foi acompanhada por 29 milhões de pessoas durante os oito meses em que esteve no ar.

Os velhos de *Passione* representavam (ou prescreviam estilos de) velhices nas famílias brasileiras: novos arranjos familiares hoje fazem parte da existência. Embora não propositadamente, a trama da novela contribuiu para a liberação da velhice, ajudando a instituir representações sobre esse período da vida: as mulheres envelhecem, desestabilizando estereótipos; e a trama exhibe um envelhecer positivado, sem adotar a juventude como parâmetro de comportamento e atitudes, mas a partir de parâmetros próprios, num processo contínuo de ancoragem com o já conhecido sobre a velhice, para a formulação de novos significados sobre esta etapa da existência. A representação da diversidade da velhice contemplada nos protagonistas ajudou a desmitificar mitos do envelhecimento e modelos de família.

*Passione*, com seus “monstros sagrados”, quebrou o tabu da sexualidade e sustentou a representação desse tema, associado à alegria e capacidade de amar e ser amada da avó rabugenta Brígida - interpretada pela atriz Cleide Yáconis (1923-2013), na ocasião com 86 anos - que no capítulo final manteve um triângulo amoroso. Fernanda Montenegro, nascida em 1929, a intérprete da matriarca Bete Gouveia, declarou: “Costumo dizer que em uma novela tudo o que um ator tem que fazer é pedir a Deus para que ele e o resto do elenco tenham saúde para suportar o ritmo das gravações”. Elias Gleiser, nascido em 1934, não se cansa facilmente. Comentou: “Quero trabalhar até morrer. Minha vida é atuar. Se parar, eu morro, pois se o ator amar o que faz, nunca vai lhe faltar trabalho. Vai poder atuar dos seis meses até os cem anos de idade”.

A *Vida da Gente* retratou o amor depois dos 60. Foi exibida no horário das 18h, de 26 de setembro de 2011 a 2 de março de 2012, em 137 capítulos, escrita por Lícia Manzo e Marcos Bernstein, direção-geral de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti. Para nosso recorte, na novela havia um casal diferente, ao mesmo tempo igual a vários existentes pelas ruas e em nossa família, interpretado pelos atores Nicette Bruno, nascida em 1933, e Stênio Garcia, em 1932.

A trama abordou temas pertinentes à velhice, com as experiências particulares dos atores Nicette Bruno e Stênio Garcia como protagonistas do núcleo idoso, ambos octogenários, espectadores e partícipes das transformações percebidas na sociedade. A novela destacou o amor depois dos 60 anos. E ainda o sexo, o desejo, o medo que tinha a personagem Iná, velha, de perder a libido com a idade, sobre o que ela comentou: “O sexo não acaba. O tempo vai transformando. As pessoas não são as mesmas de 50 anos atrás, mas acho a gente melhor do que quando nos conhecemos”. Stênio Garcia ressaltou: “Nós nos aproximamos no cheiro, nas coisas que a gente vê. A gente vai ficando assanhado sob qualquer circunstância. São estímulos que a gente busca sempre”.

Nicette Bruno, casada com o ator Paulo Goulart há 58 anos, na ocasião disse: “Hoje em dia a mulher está tão liberal, as coisas estão mais claras. Só existe importância no casamento se houver vontade de constituir um núcleo. Se não, para que casar?”. Na trama havia o papel da avosidade, todas de cabelos brancos, sustentando o lugar da lei e da civilidade no mundo contemporâneo, convocadas para “resguardar” certos valores: luto, respeito, responsabilidade, liberdade e felicidade.

### **Imagens da telinha orientam nosso longeviver**

Conhecer o que está na pauta da TV significa apreender o valor relativo do envelhecimento no plano do debate público. Despertar a sociedade para a importância da cultura da longevidade é passo essencial para essa agenda ganhar credibilidade e significado na pauta das principais questões da sociedade. Isto é, trazer para dentro de nós a estranheza do envelhecer, a fim de que passe a ser nosso cotidiano.

Os diversos personagens convidados para compor este ensaio confirmam que os velhos de hoje se diferenciam dos velhos do passado; enfrentam novos desafios, têm mais vitalidade, constituem novas famílias, são socialmente ativos e guardam preferências ainda desconhecidas do mercado, que repercutem no consumo cultural. Uma realidade que está sendo ainda identificada, compreendida e experimentada, mas que começa a ser representada na telinha. Reconhecer o significado e a importância dessas representações implica admitir que pensamos, interpretamos e produzimos conhecimentos e ideários, reagindo aos estímulos existentes no meio em que vivemos.

Nossos personagens, incluindo os próprios atores globais, arquitetam as vivências, e concomitantemente modificam o imaginário social sobre a realidade de vida dos que envelhecem e tornam-se cidadãos de maneira diferenciada e em vários contextos sociais, singularizando os significados das experiências vividas nas últimas décadas. As situações circunstanciadas neste ensaio indicam a necessidade incontestável de novas e adequadas reflexões sobre o longeviver, centrando-se na multiplicidade de aspectos que compõem a contemporaneidade.

As reflexões pertinentes a essas telenovelas, seus personagens e agendas indicam que a TV, mais que representar a velhice socialmente existente, institui novas subjetividades, que coincidem com a civilização do desejo, inovando a relação do cidadão mais de 60 com o tempo, consigo mesmo e com os demais, além de, ao mesmo tempo, formar opinião pública, sobre uma temática que envolve todos nós. Conhecer o modo como a mídia trata os temas associados a essa agenda ajuda a compreender como se moldam as opiniões, as impressões e, eventualmente, os estereótipos e os mitos existentes nas esferas individual e coletiva. Atuar para a sociedade espelhar visões mais plurais, menos preconceituosas, certamente contribuirá para diminuir atitudes discriminatórias contra idosos e contra as consequências do processo natural do longeviver.

Como a TV faz parte do cotidiano dos brasileiros, especialmente as telenovelas, ela tem grande poder de influenciar a elaboração de novas imagens da velhice, do envelhecimento e da longevidade. Precursora da mudança, orienta condutas e comportamentos em relação a essa etapa da existência, a fim de nos prepararmos para a velhice que já nos habita ou habitará.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CÔRTE, B. & SILVEIRA, N.D.R. (2012). Trayectorias de la longevidad: itinerarios mediáticos de proyectos de vida y aprendizaje en la vejez. *Revista del Centro de Investigación, Universidad La Salle, México*, Vol. 10. Núm. 38 Jul.- Dic. 012, pp. 103-115, 2012.
- GUIA ILUSTRADO TV GLOBO: novela e minisséries. *Projeto Memória Globo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LOPES, R. G. C. Diversidades na Velhice: reflexões. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. Vários colaboradores. São Paulo: SESC/ PUC, 2006.
- BRANDÃO, V. T. & MERCADANTE, E.F. *Envelhecimento ou Longevidade?* São Paulo: Paulus, 2009.
- WOTTRICH, L.H. *Envelhecer com Passione: a telenovela na vida de idosas das classes populares*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2011.

### Consultas on-line

- <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/comportamento/o-amor-entre-idosos-esta-no-ar-em-a-vida-da-gente.html>. Acesso em 2/2/2013.
- <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/comportamento/passione-brinca-com-sexo-entre-idosos.html>. Acesso em 15/04/2013.
- <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/velhices/passione-prova-que-velhice-nao-e-sinonimo-de-aposentadoria.html>. Acesso em 17/6/2013.
- <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/artigos/atores-mais-velhos-dispensam-aposentadoria-e-ganham-espaco-na-tv.html>. Acesso em 12/6/2013.
- <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/artigos/um-retrato-da-doenca-de-alzheimer-em-senhora-do-destino.html>. Acesso em 5/8/2013.
- <http://tv.globo.com/novelas/amor-a-vida/index.html>. Acesso em 13/8/2013.
- <http://redeglobo.globo.com/novidades/novelas/noticia/plantao.html>. Acesso em 2/9/2013
- <http://www.clickgratis.com.br/novelas/globo/passione/>. Acesso em 16/9/2013.
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Casarão](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Casarão). Acesso em 12/8/2013.
- <http://mulheresapaixonadas.globo.com/>. Acesso em 4/8/2013.
- <http://tv.globo.com/novelas/a-vida-da-gente/index.html>. Acesso em 28/8/2013.
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sete\\_Pecados](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_Pecados). Acesso em 1/8/2013.
- <http://redeglobo.globo.com/Senhoradodestino/0,23167,3545,00.html>. Acesso em 3/8/2013.
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Senhora\\_do\\_Destino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Senhora_do_Destino). Acesso em 3/8/2013.
- <http://tv.globo.com/novelas/amor-a-vida/index.html>. Acesso em 3/8/2013.



# A terceira idade em questão

JOEL BIRMAN <sup>1</sup>

## RESUMO

---

O presente ensaio propõe uma reflexão sobre a transformação crucial pela qual a figura do velho passou desde os anos 70 e 80 do século XX no mundo ocidental. Desde então, a velhice ganhou novos contornos que ocasionaram a origem do signifiante e do conceito de terceira idade, enunciando a existência de novas potencialidades na idade avançada. Quando o Ocidente promoveu esta mudança, transformou a relação que era até então estabelecida com a velhice, no registro existencial. Assim, de figura esquecida no espaço da família, como era entendido desde o final do século XVIII, no qual apenas cabia aos velhos a expectativa da morte real, para materializar a morte simbólica que já acontecera no espaço social, nas suas novas figurações o velho passou a ter uma experiência social. Diferentes fatores se conjugaram de maneira complexa para produzir o conceito de terceira idade. A indagação inicial que este trabalho impõe é qual foi o contexto histórico no qual esta transformação ocorreu. Além disso, é preciso sublinhar quais as dinâmicas sociais e políticas que ocasionaram tal modificação. Com efeito, por essa transformação, a velhice deixou de representar o fim da vida e a expectativa da morte, para indicar um tempo outro da vida e da existência.

**Palavras-chave:** terceira idade; registro simbólico e funcional; contexto histórico.

<sup>1</sup> Psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e do Espace Analytique, professor titular do Instituto de Psicologia da UFRJ, professor adjunto do Instituto de Medicina Social da Uerj, diretor de Estudos em Letras e Ciências Humanas, da Universidade Paris VII, e pesquisador associado do Laboratório “Psicanálise e Medicina e Sociedade”, da Universidade Paris VII.

## ABSTRACT

---

The present essay proposes a reflection about the ultimate transformation through which the figure of elderly people has gone since the 70's and 80's in the 20th century in the eastern world. Since then, old age has gained new features which provided the origin of a new signifier and the concept of Third Age, announcing the existence of new possibilities for the elderly. When the eastern world promoted this change, it transformed the relationship between society and old people existing until then. Since that moment on, old people started having social experiences, instead of being the forgotten characters in the family, as they were featured since the ending of the 19th century - in which what was expected from old people was only the actual death to materialize the symbolic one in the social spaces. Different elements have brought on, in a complex way, the concept of Third Age. The initial question proposed by this paper is the historical context in which the transformation took place. Besides that, it is essential to underline the social and political dynamics that led to such modification. Indeed, because of this transformation, old age stopped representing the end of a lifetime and death expectation only and started being understood as another time in life and in existence.

**Keywords:** third age; functional and symbolical registration; historical context.

## SENTIDO E CONCEITO

Não existe dúvida de que foi forjada nos últimos 30 anos, no Ocidente, uma outra representação sobre o processo de *envelhecimento* no imaginário social e que se contrapõe à representação anteriormente existente. Esta última foi dominante na nossa tradição desde o final do século XVIII. Assim, a figura do velho perdeu o seu perfil *monolítico* para se desdobrar num conjunto de figurações, marcado que foi desde então pela matização, pela *diferença* e pela *polivalência*. Por isso mesmo

é adequado afirmar que nos encontramos agora em face de *processos* de envelhecimento, na medida em que a velhice se desdobrou em múltiplas possibilidades de existir.

Com efeito, no deslocamento do *singular* para o *plural*, o envelhecimento perdeu a marca da *univocidade* e passou a ser caracterizado pela *multiplicidade*, de maneira que a anterior figura do velho se transformou, mudando de ponta-cabeça a sua condição antiga, tanto do ponto de vista existencial quanto do social. Enfim, uma “outra volta do parafuso”, para parodiar Henry James<sup>2</sup>, realizou-se na *experiência* do processo de envelhecimento, que passou a ocupar a condição gramatical de plural e não mais de singular, no Ocidente.

Contudo, esta transformação radical implicou, como condição preliminar, um aumento ostensivo da duração da vida, tanto para os homens quanto para as mulheres. A cada ano as pesquisas epidemiológicas, realizadas em escala internacional, indicam indiscutivelmente esta tendência. A maior *longevidade* é certamente uma das marcas eloquentes das condições sociais na contemporaneidade, não apenas mas principalmente no Ocidente. Portanto, a ampliação da longevidade foi a condição de possibilidade para a nova experiência simbólica da velhice, promovendo um giro vertiginoso de 180 graus na condição real desta.

A que se deve este incremento da longevidade? Diferentes fatores estão aqui em pauta, que se conjugam de maneira complexa, para produzirem esta resultante. Assim, da melhoria das condições de habitação até a mudança dos hábitos alimentares, as condições de vida das populações idosas foram transformadas de maneira radical. Além disso, diversas ações realizadas pela Medicina, nos registros da clínica e da medicina social, transformaram as condições de saúde das populações, de forma que a *medicalização* do espaço social<sup>3</sup> foi uma das condições fundamentais para o aumento da longevidade no Ocidente.

Em decorrência disso, um conjunto de questões sobre a velhice passou a se impor na nossa tradição, que não era colocado anteriormente. Assim, essas questões foram colocadas nos registros científico, social e ético, evidenciado como o envelhecimento foi retirado do campo do *silêncio* e inscrito no campo do *discurso*. Vale dizer, a velhice foi transformada numa *problemática*, passando a ser objeto de *problematizações* nos registros da *ciência*, da *sociedade* e da *ética*<sup>4</sup>, assumindo então novos perfis.

<sup>2</sup> JAMES, H. *The turn of the screw and other short fiction*. New York: Bantam Books, 1983.

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique – une archéologie du regard médical*. Paris: PUF, 1963.

<sup>4</sup> FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. v. 4. Paris: Gallimard, 1994.

Assim, a Biologia, como discurso científico, passou a se indagar sobre os processos do envelhecimento, o que não realizava desde o século XIX. Como se sabe existiu um silêncio sobre esta questão na obra de Darwin, mas que está sendo ultrapassado pela Biologia contemporânea, na qual o paradigma darwinista é dominante. Ao lado disso, esta transformação na Biologia se desdobrou no campo da Medicina, no qual diferentes práticas terapêuticas e preventivas foram forjadas para intervir no envelhecimento, inscrito que foi este no campo dos cuidados. Com efeito, a figura do velho ganhou novos contornos e realizações diversas. A resultante disso foi a constituição da gerontologia como uma especialidade médica.

Em consequência disso, os velhos foram inscritos no espaço social de múltiplas maneiras. Assim, de figura esquecida no espaço da família, nas suas novas figurações os velhos passaram a ter uma experiência social. Circulando nos cinemas, nos teatros e nos museus, as novas figurações dos idosos pululam na contemporaneidade, como nunca ocorrera anteriormente.

A totalidade deste processo se desdobra numa outra ética, no que concerne ao envelhecimento, de maneira a estabelecer novas fronteiras entre os registros da *vida* e da *velhice*. Uma outra reflexão sobre a vida e sobre a existência se impôs, de maneira que o aumento da longevidade se desdobrou em outras indagações éticas sobre a existência e a vida. Com isso, a pergunta que se colocou é se o envelhecimento, ao invés de ser a crônica da morte anunciada, para parodiar Gabriel García Márquez<sup>5</sup>, não seria ao contrário uma nova etapa da vida. Foi no campo desta indagação, com efeito, que foi forjado o *significante* terceira idade, para enunciar a existência de novas potencialidades na velhice.

A invenção desse novo *significante* implicou uma outra leitura sobre o envelhecimento, colocando em evidência não apenas uma transformação *biopolítica*<sup>6,7</sup>, crucial na tradição ocidental, como também a emergência histórica de um novo *conceito* teórico no discurso da ciência. Além disso, a constituição desse *significante* indicou a condição de possibilidade para a construção de novas modalidades de *subjetivação*<sup>8</sup> no campo da velhice.

<sup>5</sup> GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

<sup>6</sup> FOUCAULT, M. *La volonté du savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. *Il faut défendre la société*. Paris: Gallimard/Seuil, 1997.

<sup>8</sup> FOUCAULT, M. *La volonté du savoir*. Op. cit.

## Objeto teórico

Assim, quando foi enunciado o significante *terceira idade*, desde os anos 70 e 80 do século XX, para designar o que era até então denominado de velhice, foi forjado ao mesmo tempo um novo conceito sobre o processo de envelhecimento que era outrora inexistente. Contudo, é preciso dizer que não se inventa um significante e principalmente um conceito sem constituir, ao mesmo tempo, um novo *objeto teórico* no discurso científico. Dessa maneira, pode-se afirmar que, pelo enunciado da terceira idade, a leitura dos processos do envelhecimento foi transformada, pois foi constituído um outro objeto teórico para interpretar esses processos.

Isso implica dizer que, quando o Ocidente promoveu essa mudança, transformou também a relação que era até então estabelecida com a velhice, no registro existencial. Com efeito, por essa transformação a velhice deixou de representar o fim da vida e a expectativa da morte, para indicar um *tempo outro* da vida e da existência. Além disso, por essa transformação a velhice perdeu a marca da *negatividade* para se tornar uma *positividade*. Enfim, pelo enunciado da terceira idade a velhice foi deslocada do registro do silêncio para o da palavra, perdendo a aura da obscuridade e se inscrevendo no campo da luminosidade.

Com essa transformação a figura do velho assumiu uma outra *posição* no espaço social, marcada que seria agora pela *afirmação de si*. Nos interstícios dessa afirmação de si a figura do velho foi inscrita como *sujeito*, posição esta que tinha perdido na sua existência histórica anterior. Pode-se enunciar, portanto, que uma outra modalidade de subjetivação foi colocada em cena, em decorrência dessa transformação.

Essa transformação, nos registros do objeto teórico e do discurso científico, implicou ao mesmo tempo uma mudança crucial nos registros social e ético, como já ressaltai acima. Contudo, algo radicalmente diferente ocorreu igualmente nos registros *político* e *estético*. Em decorrência disso, constituiu-se não apenas uma política específica para a terceira idade, como também a figura do velho foi infletida por novas valorações no registro do *sublime*. No que concerne a isso, a produção literária e a filmografia das últimas décadas sobre os velhos é bastante eloquente.

Dessa maneira, as invenções nos registros linguístico e conceitual pressupõem transformações cruciais que se realizaram no espaço social e no discurso político sobre os processos do envelhecimento, que se precipitaram nos registros ético e estético, nas novas leituras empreendidas sobre os idosos, como sujeitos. Tudo isso se condensou simbolicamente, enfim, na formulação concisa de terceira idade.

Assim, uma transformação crucial aconteceu no discurso científico, pela constituição de um novo objeto teórico – a terceira idade – para designar o envelhecimento. Porém, como nos disse Canguilhem, em “O objeto da história das ciências”, seria necessária a conjunção das leituras *internalista* e *externalista* para surpreender a constituição de um novo objeto teórico no campo da história das ciências, para que não se fique restrito seja a uma leitura formalista dos conceitos (leitura internalista), seja a uma leitura das condições histórica, social e política que possibilitaram a construção de um novo objeto teórico (leitura externalista)<sup>9</sup>. Seria pela conjunção desta dupla leitura que se deveria apreender a invenção do novo significante e do novo conceito de terceira idade, para destacar a produção de uma *ruptura epistemológica*<sup>10,11</sup>, que ocorreu na leitura contemporânea da velhice.

Da mesma forma, o epistemologista e historiador de ciências T. Kuhn, em *A estrutura das revoluções científicas*, enfatizou que as rupturas na história das ciências implicaram a constituição de um novo campo de *problemas* pela comunidade científica<sup>12</sup>. Porém, a constituição de um outro campo de problemas implicaria a ressonância fina dessa comunidade com o que ocorre no espaço social, de maneira a sublinhar a costura íntima que existiria entre as leituras internalista e externalista nas revoluções científicas<sup>13</sup>.

Portanto, seriam as transformações que ocorreram nos registros social, político, ético e estético que inscreveram afirmativamente a velhice nas suas relações com o mundo e forjaram novas modalidades de subjetivação para os idosos, que se condensaram na constituição do significante e do conceito de terceira idade, no discurso científico.

É para esta transformação crucial que vou me voltar ao longo deste ensaio.

**9** CANGUILHEM, G. L'objet de l'histoire des sciences. In: \_\_\_\_\_. *Études d'histoire et d'epistemologie des sciences*. Paris: Vrin, 1968.

**10** Ibidem..

**11** BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. 9. ed. Paris: Vrin, 1975.

**12** KUHN, T. *The structure of scientific revolution*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

**13** Ibidem.



## Modernidade em questão

A indagação inicial que se impõe aqui é qual foi o *contexto histórico* no qual essa transformação ocorreu. Para apreender isso, no entanto, é necessário colocar em destaque qual foi o contexto histórico anterior no qual a velhice foi delineada como o fim da vida e não como um novo tempo da vida, para que se coloque em evidência a ruptura que ocorreu. Além disso, é preciso sublinhar quais as *dinâmicas* sociais e políticas que estavam em causa na leitura da velhice como sendo o fim da vida. Finalmente, é preciso ainda explicitar quais foram as *descrições* e *operações* que foram empreendidas do envelhecimento, para que este fosse legitimado como o fim da vida e não como um novo tempo da vida.

É preciso afirmar, antes de mais nada, que essa transformação aconteceu entre a *modernidade* e a *modernidade avançada*. Ou, se preferirem, entre a modernidade e a pós-modernidade. Não vou entrar aqui no mérito deste debate, que me desviaria decisivamente do foco teórico deste ensaio<sup>14</sup>. Porém, é possível enunciar que a positivação da figura do idoso foi o correlato do que ocorreu igualmente, no mesmo contexto histórico, com as figuras da *mulher* e do *homossexual*, que foram positivadas, e saíram assim definitivamente do limbo e da obscuridade social. Portanto, como a mulher e o homossexual, o idoso foi transformado em sujeito e adquiriu novas subjetivações.

Essa transformação ocorreu entre os anos 70 e 80 do século passado, quando se pôde registrar uma *descontinuidade* no conceito de envelhecimento, que se forjou anteriormente no final do século XVIII e no início do século XIX, e que se cristalizou desde então no Ocidente.

Na concepção que foi então estabelecida, a velhice seria a etapa final da vida, que seria precedida pela *infância*, pela *juventude* e pela *maturidade*. Estava assim em pauta, neste contexto, o esquema das *idades da vida* que foi estabelecido inicialmente na Idade Média, como uma sequência de idades. Segundo Ariès, contudo, em *A criança e a vida familiar sob o Antigo Regime*<sup>15</sup>, a categoria de infância foi construída apenas na modernidade, pois anteriormente a criança era concebida como um adulto em miniatura. Dessa maneira, a categoria de infância teria sido constituída apenas com a emergência da família nuclear burguesa, na modernidade, na qual a figura da criança teria sido então singularizada.

<sup>14</sup> Sobre isso, vide: BIRMAN, J. La psychanalyse et la critique de la modernité. In: BOUKOBZA, C. *Où en est la psychanalyse? Psychanalyse et figures de la modernité*. Paris: Érès, 2000; BIRMAN, J. *Cartographie du contemporain – espace, douleur et détresse dans l'actualité*. Lyon: Parangon/Vs, 2009.

<sup>15</sup> ARIÈS, Ph. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Seuil, 1960.

No que concerne ao idoso, é preciso evocar que se estabeleceu desde a Antiguidade a conjunção entre a velhice e a morte. Porém, na nova leitura que foi realizada sobre as idades da vida, no final do século XVIII, a figura da velhice foi marcada infalivelmente pela *involução*. Com efeito, numa interpretação *evolutiva* das idades da vida, estas teriam uma dimensão positiva e evolutiva, que iria da infância à maturidade, e uma dimensão negativa e involutiva, que se evidenciaria na velhice. Portanto, a vida seria um processo vital que teria uma dimensão *ascendente* e uma dimensão *descendente*, na qual se inscreveria a velhice, no seu caminho irreversível em direção à morte.

Porém, esta leitura biológica da vida se desdobrava na leitura do registro moral. Assim, as faculdades *cognitivas* e *afetivas* eram interpretadas no campo deste processo evolutivo, evidenciando as marcas psíquicas dos processos evolutivo e involutivo. Com efeito, se na infância os processos afetivos dominariam os cognitivos, uma inversão significativa se daria na juventude e na idade adulta, nas quais os processos cognitivos dominariam os afetivos. Porém, na velhice existiria uma diminuição das faculdades cognitivas e o domínio progressivo dos processos afetivos no campo psíquico.

Assim, o que estava aqui em pauta era a oposição entre os registros da *natureza* e da cultura, na constituição evolutiva do ser. Então, se a infância condensava a natureza em estado puro, isso implicaria o domínio do *instinto* e do *afeto* na experiência psíquica da criança. Porém, com a juventude e a maturidade, a cultura teria já dominado o vivente, de forma que o domínio das faculdades cognitivas sobre o afeto e os instintos implicava o domínio da cultura sobre a natureza. Entretanto, na velhice as faculdades afetivas e os instintos cresceriam novamente em importância, com a involução das faculdades cognitivas.

Este paradigma evolucionista foi transposto para a leitura das sociedades, de maneira que, da mesma forma que o vivente e o indivíduo, as sociedades também nasceriam, se desenvolveriam e envelheceriam, podendo caminhar então em direção à morte. Existiria assim a infância, a juventude, a maturidade e a velhice das sociedades.

Foi no contexto histórico de domínio desse paradigma que o conceito de *degeneração* foi forjado pelo discurso psiquiátrico, por Morel, na segunda metade do século XIX<sup>16</sup>. Pela mediação desse conceito seria possível pensar não apenas na emergência de anomalias e de patologias,

**16** MOREL, B. A. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives*. Paris: J. B. Baillière, 1857.

somáticas e psíquicas, nos indivíduos, mas também na incidência de processos degenerativos nas raças e nas sociedades, que se desdobrariam na hierarquia entre estas.

Portanto, a involução inevitável da vida que ocorreria na velhice se desdobraria na degeneração da vida, que ocorreria então de maneira previsível, conjugando assim de maneira concisa os laços entre a velhice e a morte outrora estabelecidos.

A totalidade destas leituras, condensadas no paradigma evolucionista, convergiram para a constituição do discurso do *biopoder* e da *biopolítica*<sup>17</sup>. Com efeito, a possibilidade de que a vida pudesse efetivamente envolver e degenerar evidenciaria a existência das dimensões de *risco* e de *periculosidade*<sup>18</sup> nos registros dos viventes, dos indivíduos e das sociedades, de maneira que, diferentemente do *determinismo absoluto* presente na natureza *inorgânica*, o *indeterminismo* se enunciaria no registro da natureza *orgânica*, em decorrência da qual os viventes poderiam ser marcados pelo *erro* e fadados à *errância*<sup>19</sup>. É em decorrência disso que seria necessário controlar meticulosamente os processos vitais, pela medicalização do espaço social e pela *prevenção da saúde*<sup>20</sup>.

## Biopoder

Assim, a leitura evolucionista da vida – biológica, psíquica e social – desdobrou-se no discurso biopolítico, no qual a programação da vida da espécie humana foi forjada. Nessa perspectiva, a constituição da *biopolítica* desdobrou-se na constituição da *bio-história*, na medida em que a regulação social dos processos vitais implicaria o planejamento do futuro da espécie humana<sup>21</sup>. Enfim, em nome da promoção da saúde, nos registros do indivíduo e da espécie, a *raça* foi então positivada como objeto do discurso biológico e a eugenia inscreveu-se como finalidade fundamental dos discursos da biopolítica e da bio-história<sup>22</sup>.

Esta transformação teve como condição concreta de possibilidade a *medicalização* do espaço social, como já disse acima. Isso porque o *ideal da saúde* ocupou a posição anteriormente outorgada ao *ideal da salvação*, da anterior tradição do cristianismo<sup>23</sup>. Porém, essa medicalização do espaço social na modernidade teve como correlato a constituição de uma nova concepção de *riqueza*, segundo a qual a riqueza de uma nação implicaria a existência de uma *população qualificada* e não apenas a existência

<sup>17</sup> FOUCAULT, M. *La volonté du savoir*. Op. cit.

<sup>18</sup> FOUCAULT, M. *Les anormaux*. Paris: Gallimard/Seuil, 1999.

<sup>19</sup> FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*. Op. cit.

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> FOUCAULT, M. *La volonté du savoir*. Op. cit.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> FOUCAULT, M. *Naissance de la clinique*. Op. cit.

de uma grande extensão territorial e dos recursos naturais nesta presente<sup>24</sup>. Com efeito, seria a existência da população qualificada que poderia empreender a *transformação* dos recursos naturais, existentes numa dada extensão territorial, em riqueza. Enfim, seria pelo trabalho que a riqueza seria produzida, o que implicaria a qualificação da população.

No entanto, o que seria uma população qualificada, neste contexto histórico? A população qualificada seria aquela que tivesse um bom nível de *educação* e que usufruísse boa saúde<sup>25</sup>. Seria em decorrência disso que a educação se estabeleceu como obrigatória desde o século XIX, não sendo mais restrita às elites econômica e social, assim como o espaço social foi medicalizado em diferentes escalas de grandeza, nos registros *individual* e *coletivo*. Enfim, pela clínica e pela medicina social o espaço social foi medicalizado na modernidade.

Foi em decorrência disso que a infância e a juventude passaram a receber um investimento específico na aurora da modernidade, na medida em que condensariam simbólica e materialmente o futuro da nação, do ponto de vista da qualidade de vida da população. Isso porque, se a infância e a juventude fossem bem-educadas e gozassem da boa saúde, o futuro da nação estaria garantido, na sua riqueza, pela sua qualificação populacional.

Foi em conjunção com este processo que, na modernidade, a família foi transformada na sua escala, perdendo a sua condição de família extensa e se reduzindo à escala da família nuclear<sup>26</sup>. Com efeito, de um espaço onde conviviam diversas gerações, a família passou a ser concebida como espaço onde existiam apenas duas gerações, a saber, os pais e os filhos. Foi por este viés que a qualificação populacional pôde se condensar no investimento dos filhos, a ser empreendido pelas figuras parentais.

Neste contexto, a *mulher* transformou-se fundamentalmente na figura da mãe, na medida em que seria pela promoção do amor e do instinto maternos<sup>27</sup> que a qualificação populacional poderia ser realizada na população infantil e juvenil. Isso porque era a figura materna que realizava a articulação decisiva, do ponto de vista da qualificação populacional, entre as instituições da família, da escola e da Medicina.

No entanto, foi em decorrência deste processo que a figura do velho foi negativizada na tradição do Ocidente.

<sup>24</sup> FOUCAULT, M. *La volonté du savoir*. Op. cit.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> ARIÈS, Ph.; CHARTIER, R. (Org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>27</sup> BADINTER, E. *L'amour en plus – histoire de l'amour maternel (XVIIe-XXe siècle)*. Paris: Flammarion, 1980.

## Ociosidade e inutilidade

Foi em decorrência de sua inutilidade social e econômica, no contexto da sociedade industrial, que a velhice passou a ser negativizada no Ocidente. Porém, o que ocorreu na aurora do século XIX foi a radicalização de um processo iniciado no século XVII, na medida em que, com o *Grande Internamento* e a constituição do *Hospital-Geral*<sup>28</sup>, a velhice foi inscrita no contingente eminentemente negativo da ociosidade.

Nos primórdios do capitalismo mercantil, com efeito, no qual o ócio era moralmente condenado, a velhice começou a ser excluída do espaço social ao lado da loucura, da delinquência, da criminalidade e da blasfêmia, sendo internada no Hospital-Geral. Porém, com a desconstrução do Hospital-Geral, na modernidade, quando foram então construídos os asilos psiquiátricos e as prisões, para o internamento dos alienados mentais e dos criminosos<sup>29</sup>, a velhice retornou ao espaço social, onde a família passou a ter o encargo de cuidar dos velhos. Nesse contexto, de ociosa a velhice foi transformada em inútil, pela impossibilidade do velho em trabalhar, de maneira que este não poderia ser incluído na população qualificada.

Assim, transformada que foi num peso econômico para a família, pois tinha de ser abrigada e alimentada, mas sem conseguir produzir recursos econômicos para a família, a velhice foi então negativizada. Em decorrência disso, a inutilidade econômica e social foi transformada numa inutilidade moral, pelo novo valor assumido pelo trabalho na qualificação da população, no contexto da sociedade industrial em sua emergência histórica.

Além disso, com a mudança radical de escala da família, que de extensa se transformou em nuclear, a velhice passou a representar naquela um corpo estranho. Assim, reduzida que foi à escala de duas gerações, aos pais e aos filhos, os velhos não tinham mais o seu lugar de direito no campo da família, vagando nesta como corpos estranhos, na medida em que não tinham na família uma posição efetiva, do ponto de vista funcional e simbólico. Dessa maneira, o que cabia aos velhos era a expectativa da morte real, para materializar a morte simbólica que já acontecera no espaço social, delineando assim o destino concreto para o corpo estranho representado pela velhice.

<sup>28</sup> FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. 1<sup>a</sup> parte. Paris: Gallimard, 1972.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

## Ancestralidade e tradição

Se colocarmos em destaque agora uma leitura histórica na longa duração<sup>30</sup>, podemos dizer que na modernidade a velhice perdeu a aura que detinha na Antiguidade e na Idade Média, quando representava as figuras éticas da sabedoria e da ancestralidade. Com efeito, por terem vivido mais tempo que os demais e terem acumulado com isso experiências cruciais que poderiam contribuir decisivamente para a experiência coletiva, os velhos representavam simbolicamente a memória coletiva das comunidades sociais onde se inseriam. Seria assim pela representação da memória coletiva que se fundaria a sabedoria e a ancestralidade dos velhos.

Seria em decorrência disso que, na Antiguidade e na Idade Média, os velhos ocuparam posições importantes na gestão coletiva das comunidades, devendo ser destacados aqui os conselhos dos anciãos que detinham essas posições decisivas. A velhice, nesses contextos históricos, representava a memória coletiva dessas comunidades, na medida em que eram restritos os processos de arquivamento escrito das experiências coletivas, quando os meios técnicos da impressão não teriam sido ainda inventados por Gutenberg, com todas as consequências sociais e políticas que isso teve para a construção dos arquivos e a memória coletiva no Ocidente.

Por isso mesmo, como representantes que eram da sabedoria e da ancestralidade, pela condensação da memória coletiva, os velhos eram a representação do saber, pelo poder que assim detinham. Não é um acaso, portanto, que a figura da sabedoria tenha sido imortalizada por Platão na personagem de Sócrates, que marcou toda a história da filosofia no Ocidente. Além disso, não podemos nos esquecer ainda de que a maiêutica socrática se fundava no campo da memória coletiva, de forma que a rememoração, mediatizada que era pelo mestre, oferecia o acesso à verdade pelos discípulos<sup>31</sup>.

Além disso, os registros da sabedoria e da ancestralidade, que se materializavam pela memória coletiva e pela ideia de tradição, foram configurados por Benjamin na figura do narrador<sup>32</sup>, que detinha em si, em ato, a experiência efetiva da comunidade. Com efeito, o narrador representava a experiência viva da comunidade, de maneira que a dimensão prática presente em ato nessa experiência se materializa como saber e poder. Evidentemente a dita figura do narrador remete à do velho que, como representante que era da memória coletiva, poderia sustentar a

**30** BRAUDEL, F. Histoire et sciences sociales – la longue durée. *Annales E.S.C.*, n. 4, p. 725-753, octobre-décembre 1958.

**31** GUTHRIE, W. K. C. *A history of greek philosophy*. V. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. p. 323-500.

**32** BENJAMIN, W. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. V. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

narratividade em questão. Sem a figura do velho, enfim, essa narratividade não poderia existir.

Portanto, foi esta posição simbólica privilegiada, na qual se conjugavam os registros da sabedoria, da ancestralidade e da tradição, que a velhice perdeu na aurora da modernidade. Isso porque não apenas a família foi reduzida da escala extensa à nuclear como também houve a perda de importância social do velho no processo de trabalho e na produção social da riqueza. Transformado em peso no campo da família e no espaço social, neste não lugar social que ocupava, ao velho como corpo estranho cabia apenas a expectativa da morte real, para dar materialidade à morte simbólica que já ocorrera. Enfim, é nesta condição-limite, nos confins da morte simbólica, que a velhice foi então negativizada no Ocidente, desde o século XIX, com a constituição da sociedade industrial.

Porém, é preciso agora delinear, neste conjunto de operações constituintes dos discursos da biopolítica e da bio-história, como este processo incidiu nas subjetivações da velhice. Com isso, pretendemos colocar em relevo as leituras psicopatológicas e neurológicas que foram realizadas sobre a velhice, desde o século XIX, na tradição ocidental. Isso porque tais leituras teóricas, supostamente científicas, procuraram criar versões que legitimavam a posição negativa outorgada à velhice, nas bordas da morte social.

## Subjetivações

Assim, em decorrência da perda de suas insígnias simbólicas e pela negatividade imprimida na sua posição no espaço social, a figura do velho foi marcada pela desnarcização de seu ser. Essa desnarcização incidia tanto no registro somático quanto no psíquico, promovendo efeitos devastadores sobre a sua saúde física e sobre a sua economia psíquica.

Por este desinvestimento narcísico no registro do somático o velho ficava vulnerável, expondo-se então a diversas enfermidades somáticas, que acabaram por levá-lo à morte. Pela perda das defesas imunológicas, o velho não podia se proteger dos ataques ao seu organismo, por diversos agentes endógenos e exógenos, adoecendo em consequência disso.

Ao lado disso, no registro psíquico, a dita desnarcização conduzia o velho inapelavelmente para o masoquismo, que o corroía por dentro, nos interstícios do seu ser. Desvalorizado e desqualificado, nos registros

simbólico e funcional, a figura do velho perdera inteiramente a sua autoestima, sendo então reduzido à condição-limite de ser nada e de não valer nada. Destituído de qualquer reconhecimento simbólico e social, o velho voltava-se para dentro de si, onde se consumia pelo masoquismo mortificante, que o destruía progressivamente.

Nesta ausência do reconhecimento simbólico e pela perda da funcionalidade social, o velho transformava a sua relação com a experiência da temporalidade. Assim, na ausência de um projeto de futuro e pela perda do valor do presente na sua existência, apenas restava ao velho o retorno ao tempo do passado, no qual era reconhecido funcional e simbolicamente, assim como valorado pelo que era e pelo que fizera concretamente. Com efeito, nestes retorno e ancoragem no passado de sua vida o velho buscava ainda se reencontrar como sujeito, o que lhe era negado no presente e pela ausência de qualquer projeto de futuro da sua existência.

Assim, é preciso destacar que a descrição, ao mesmo tempo neurológica e psicopatológica, de que a velhice conduziria inapelavelmente o indivíduo à perda da memória do presente e às intensificações progressivas da memória do passado não é a consequência direta e natural do envelhecimento cerebral, mas um dos efeitos maiores da condição de perda do reconhecimento simbólico e funcional do velho promovido pela modernidade. Nas impossibilidades delineadas no presente e pela ausência de um futuro tangível, em que qualquer sujeito poderia encontrar as coordenadas para a sua existência, apenas restava à figura do velho o reduto do passado, onde era ainda reconhecido como sujeito.

Contudo, neste retorno para dentro de si pelas linhas de força da temporalidade do passado, coordenada pela desnarcisação e pelo masoquismo, o velho era lançado no território da melancolia. Pelo ressentimento, promovido pela ausência do reconhecimento simbólico e pela perda de funcionalidade social, o velho era então tomado pelo esvaziamento, por um lado, e pela ira, pelo outro. Na tensão estabelecida entre os pólos do esvaziamento e da ira, o velho era lançado nos abismos da melancolização. Dessa maneira, o velho atacava as marcas deixadas pelo outro dentro de si, incrementando mais ainda o seu deserto existencial, pela ruptura de seus laços com os outros.

Porém, ao lado da melancolia na velhice, a psicopatologia descreveu ainda a grande frequência de desenvolvimentos paranoides e maníacos com o envelhecimento. Assim, se pela paranoia o velho buscava acusar os



outros pela sua destituição, colocando-se na posição subjetiva de vítima do mundo, pela mania o velho procurava recusar a sua condição de perda simbólica e funcional representando-se como ainda sendo jovem. Com efeito, pelo travestismo juvenil o velho empreendia ativamente a recusa de sua posição no mundo.

Além disso, é preciso dizer ainda que, pela negação radical de que era objeto, na modernidade, o velho também exercia sobre si uma grande cobrança pela sua existência anterior à velhice. Como desdobramento disso, as modalidades melancólica, paranoide e maníaca de subjetivação eram intensificadas na velhice, pois pelo não reconhecimento simbólico e pela perda de suas posições funcionais no espaço social o velho não podia refazer a sua existência, sendo lançado num impasse intransponível no campo psíquico.

### **Contemporaneidade**

Contudo, o prolongamento da vida biológica acabou por promover uma reversão parcial da condição social e simbólica da velhice na contemporaneidade. Não obstante a sua parcialidade, essa reversão na condição da velhice é bastante significativa, para ser dada a ela o seu devido destaque. Nessa reversão, a velhice sofreu uma inflexão decisiva, deixando de ser a expectativa da morte iminente para se transformar numa nova idade da vida. A condição existencial do velho passou a ser então positivada, perdendo a marca da negatividade que foi promovida pela modernidade. Foi essa reversão que se condensou na invenção do significativo e do conceito da terceira idade, como uma outra idade da vida.

Assim, seja pelas melhores condições de habitação e de alimentação ao longo da vida, no Ocidente, seja pelas melhores possibilidades de cuidados promovidos pela medicalização, a extensão da vida biológica é algo da ordem do real. Na contemporaneidade os diferentes Estados foram confrontados com o imperativo de terem de cuidar da velhice e forjar para esta uma nova posição no espaço social. Foi em decorrência disso que a Biologia passou a se voltar para o estudo e para a pesquisa da velhice, como não o fizera desde o século XIX.

Nesta transformação significativa, pela qual a velhice foi transmutada em terceira idade, o imaginário social passou a forjar novas ficções e outras narrativas sobre a nova idade da vida. Com efeito, da figura do

velho à espera da morte, que imperou no Ocidente até os anos 80 do século XX, nas novas ficções e narrativas contemporâneas a velhice passou a ser delineada pela presença do desejo e pelo imperativo de aproveitar intensamente a vida.

Assim, tanto na literatura quanto no teatro e no cinema as novas personagens da velhice foram delineadas desde então, onde do humor à tragédia, passando pelas peripécias do amor e da paixão, a velhice passou a ser reencantada. Na contemporaneidade, com efeito, a velhice apresenta-se como marcada ainda pela potência da vida. Se Brecht traçara já uma outra leitura da velhice na modernidade, com humor e ironia, no romance *A velha dama indigna*, a dramaturgia inglesa contemporânea delineou em *"Harold e Maud"* uma bela história sobre a terceira idade que encantou as plateias do mundo todo, pois nesta a potência de vida, de desejo e de ser se inscreveu na figura do velho e não na do jovem, invertendo assim a fórmula presente na modernidade.

### **Inconsciente e genealogia**

Porém, antes de concluir este percurso sobre a leitura da velhice como terceira idade, é preciso se indagar ainda pela posição da psicanálise em face da velhice desde a sua constituição histórica. Assim, que posição ocupava a velhice no discurso analítico? Existiu uma posição estratégica da velhice no campo do discurso psicanalítico? Ou este, em contrapartida, delineou o velho como resto e resíduo da vida, como ocorreu na modernidade?

No que tange a isso, é preciso colocar em destaque dois aspectos da problemática em pauta. Assim, Freud não acreditava que a prática psicanalítica pudesse se realizar com os velhos, justamente porque, não tendo estes perspectivas de futuro, a experiência analítica não teria sentido para eles. Neste particular, o discurso analítico acolhia a personagem do velho tal como este foi produzido pela modernidade, com a representação da negatividade.

Em contrapartida, é preciso enunciar que nas coordenadas teóricas e éticas do discurso freudiano a velhice ocupava uma posição diametralmente oposta a estas, sendo positivada pela psicanálise. Nesta perspectiva, o discurso freudiano seria crítico da modernidade no que concerne à problemática da velhice, assumindo uma posição antimoderna.

Assim, ao atribuir ao registro da memória um lugar estratégico no psiquismo<sup>33</sup>, em conjunção com o registro da imaginação e do fantasma<sup>34</sup>, o discurso freudiano colocou em destaque as condições pretéritas e históricas para a constituição do sujeito. Em seguida, ao atribuir ao Complexo de Édipo uma posição estratégica no psiquismo, desde *A interpretação dos sonhos*<sup>35</sup>, estas dimensões foram destacadas na psicanálise. Portanto, desde os seus primórdios, a psicanálise inscreveu a figura do sujeito numa genealogia, de forma que a presença dos antepassados e a trama das gerações passou a ocupar uma posição estratégica no discurso freudiano. Com Lacan, desde o ensaio *“Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”*<sup>36</sup>, em 1953, esta leitura genealógica do sujeito foi ainda mais destacada, na medida em que, como estrutura, o Édipo passou a ser concebido no registro que conjugava diferentes gerações.

Portanto, o mundo dos antepassados e o dos mortos se inscreveriam positivamente no discurso psicanalítico. Dessa maneira, a figura da memória coletiva, que fundava as formas da ancestralidade, da sabedoria e da tradição, na Antiguidade e na Idade Média, foi restaurada pelo discurso psicanalítico, que positivou assim as problemáticas da velhice e da morte na constituição genealógica do sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ARIÈS, Ph. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Seuil, 1960.

ARIÈS, Ph.; CHARTIER, R. (Org.) *Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (História da vida privada, v.3)

BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*. 9. ed. Paris: Vrin, 1975.

BADINTER, E. *L'amour en plus – histoire de l'amour maternel (XVIIe-XXe siècle)*. Paris: Flammarion, 1980.

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: \_\_\_\_\_. Obras escolhidas. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRAUDEL, F. Histoire et sciences sociales : la longue durée. *Annales E.S.C.*, v.13, n. 4, p. 725-753, octobre-décembre 1958.

CANGUILHEM, G. L'objet de l'histoire des sciences. In: \_\_\_\_\_. *Études d'histoire et d'epistemologie des sciences*. Paris: Vrin, 1968.

**33** FREUD, S. Esquisse d'une psychologie scientifique (1895). In: \_\_\_\_\_. *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1973.

**34** FREUD, S. Lettre 52; Lettres à Wilhelm Fliess, notes et plans (1887-1902). Idem.

**35** FREUD, S. *L'interprétation du rêves* (1900). Paris: PUF, 1976.

**36** LACAN, J. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In: \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

- FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. v. 4. Paris: Gallimard, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Histoire de la folie à l'âge classique*. 1<sup>a</sup> parte. Paris: Gallimard, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Il faut défendre la société*. Paris: Gallimard/Seuil, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La volonté du savoir*. Paris: Gallimard, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Les anormaux*. Paris: Gallimard/Seuil, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Naissance de la clinique; une archéologie du regard médical*. Paris: PUF, 1963.
- FREUD, S. Esquisse d'une psychologie scientifique (1895). In: \_\_\_\_\_. *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1973.
- \_\_\_\_\_. *L'interprétation du rêves* (1900). Paris: PUF, 1976.
- GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Crônica de uma morte anunciada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- GUTHRIE, W. K. C. *A history of greek philosophy*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. p. 323-500.
- KUHN, T. *The structure of scientific revolution*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- LACAN, J. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In: \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- MOREL, B. A. *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés malades*. Paris: J. B. Baillièrre, 1857.

# Corpo, gênero e envelhecimento na cultura brasileira

MIRIAN GOLDENBERG<sup>1</sup>

## RESUMO

---

Neste texto, discuto o papel do corpo como uma importante forma de capital (físico, simbólico e social) na cultura brasileira. Busco revelar os traços distintivos de uma cultura em que o corpo é um elemento crucial na construção de uma identidade nacional. Pode-se afirmar que, no Brasil, o corpo é um capital, talvez o mais desejado por indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais baixas, que percebem o corpo como um veículo fundamental para a ascensão social, e também uma forma importante de capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado erótico.

**Palavras-chave:** gênero; corpo; capital; casamento; envelhecimento

## ABSTRAT

---

In this text I discuss the role of the body as an important form of (physical, symbolic, and social) capital in Brazilian culture. I try to lay out the distinguishing traits of a culture in which the body is a crucial element in the construction of a national identity. It can be said that in Brazil the body is a capital, maybe the most desired one by the urban middle class and also lower strata, which perceive the body as a fundamental vehicle for social ascension, and also an important form of capital in the job, spousal, and erotic markets.

**Key words:** gender; body; capital; marriage; ageing.

<sup>1</sup> Mirian Goldenberg é Doutora em Antropologia Social e professora do Departamento de Antropologia Social e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ).  
E-mail: miriangoldenberg@uol.com.br



Ao realizar uma pesquisa sobre as novas formas de vida conjugal e de sexualidade entre homens e mulheres da camada média urbana do Rio de Janeiro, nas duas últimas décadas, tenho sido constantemente surpreendida pela frequência com que a categoria “o corpo” está presente no discurso dos meus interlocutores.

É importante reconhecer que não é possível generalizar a ideia de que “o corpo” é um importante valor na cultura brasileira como um todo. Essa ideia está presente de uma forma muito forte em um determinado segmento da classe média brasileira e, em particular, entre os moradores do Rio de Janeiro.

Este é um segmento muito pequeno do Brasil que pode ser descrito como predominantemente branco, heterossexual, com nível universitário, com uma renda alta, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro e, especialmente, nos bairros mais ricos (Leblon, Ipanema, Gávea, Lagoa, Jardim Botânico, Botafogo, Copacabana, Humaitá). Essas pessoas constituem uma elite econômica, intelectual e cultural no Brasil.

No entanto, esses indivíduos também são muitas vezes de vanguarda para o comportamento de inúmeros brasileiros, pois o que eles fazem é valorizado e reproduzido por outros segmentos da população. Esse grupo está, portanto, composto de indivíduos que são imitados por outros. Seu comportamento e seus corpos estão constantemente retratados como normativos na mídia e, especialmente, nas telenovelas, em programas como Big Brother Brasil, etc.

Esses indivíduos têm poder econômico, político, cultural e simbólico. Eles podem, conseqüentemente, criar e reproduzir corpos que são socialmente legitimados. Eles também constroem seus corpos, a fim de serem desejados, invejados e imitados.

Não posso dizer, portanto, que o grupo pesquisado possui “típicos corpos brasileiros”, mas posso dizer que o corpo capital apresentado por esse grupo é de longe o corpo mais imitado pelos brasileiros em geral e, especialmente, por mulheres brasileiras.

Eu iniciei esta reflexão no meu livro *“Nu & vestido”* (2002), junto com o antropólogo Marcelo Silva Ramos. Focalizando as relações de gênero, tentamos analisar comparativamente as expectativas, desejos afeti-

vos e estereótipos sexuais de homens e mulheres de diferentes gerações, no pressuposto de que a visão de mundo e o modo de vida deste estrato social têm um efeito multiplicador que vai muito além de seus limites de classe, o que sugere que ele pode ser útil para revelar em termos mais amplos as transformações atualmente experimentadas pela sociedade brasileira.

### O corpo como capital na cultura brasileira

No Brasil, o corpo é um capital. Elaborei esta ideia a partir das pesquisas que realizei, nas duas últimas décadas, sobre as relações de gênero na sociedade brasileira. Descobri que determinado modelo de corpo é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias e também das camadas mais pobres, que percebem o corpo como um importante veículo de ascensão social e, ainda, como um capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual.

Na cultura brasileira, além de um capital físico, o corpo é, também, um capital simbólico, um capital econômico e um capital social.

Meu argumento central é o de que, no Brasil, determinado modelo de corpo, que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007) chamaria de um corpo distintivo, é um capital: um corpo jovem, magro, em boa forma, sexy; um corpo que distingue como superior aquele que o possui; um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício.

---

NA CULTURA BRASILEIRA, ALÉM DE  
UM CAPITAL FÍSICO, O CORPO É,  
TAMBÉM, UM CAPITAL SIMBÓLICO,  
UM CAPITAL ECONÔMICO E UM  
CAPITAL SOCIAL.

---

Pierre Bourdieu (2007) afirmou que as espécies de capital (econômico, cultural, social, político, simbólico, físico, entre outros) são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado. A cada campo corresponde uma espécie de capital particular, ou mais de uma, que funciona como poder e como algo em jogo, nesse campo. Portanto, diferentes campos colocam em jogo diferentes capitais, podendo um capital ser extremamente valioso em um campo e não ter o menor valor em outro. No Brasil contemporâneo, acredito que o corpo funcione como um importante capital nos mais diversos campos, mesmo naqueles em que, aparentemente, ele não seria um poder ou um mecanismo de distinção.



Ao analisar o mecanismo de distinção entre os indivíduos, Bourdieu (2007) afirmou que, em uma sociedade diferenciada, não se trata apenas de diferir do comum, mas de diferir diferentemente. Para o autor, a relação de distinção se encontra objetivamente inscrita no corpo, sendo o corpo um bem simbólico que pode receber valores muito diferentes, segundo o mercado em que está colocado. Bourdieu (2007) constatou que as atitudes corporais consideradas naturalmente “naturais” são, na verdade, naturalmente “cultivadas”. Os dominantes podem ter um uso deliberado ou acidentalmente relaxado do seu corpo, sem que seu corpo jamais seja investido do mesmo valor social que o corpo dos dominados. O que se denomina porte, sofisticação e elegância, por exemplo, é a maneira legitimada socialmente de levar o próprio corpo e de apresentá-lo. Assim, percebe-se como um indício de desleixo ou de falta de higiene o fato de deixar ao corpo sua aparência “natural”. O mesmo pode ser pensado sobre o corpo gordo, envelhecido ou “fora de forma”, acrescentaria.

Um dado recente mostra a importância que o corpo adquiriu na cultura brasileira e demonstra como ele pode ser um importante capital. Em 2008, a revista norte-americana Forbes elegeu as 100 celebridades mais poderosas do mundo. Os únicos brasileiros da lista são a modelo Gisele Bündchen, na 66ª posição, e o jogador Ronaldinho Gaúcho, na 38ª. Gisele, segundo a revista, faturou US\$ 35 milhões em 2007, ao passo que Ronaldinho faturou US\$ 37 milhões. Em outras listas de modelos e jogadores de futebol com o maior faturamento em todo o mundo, outros brasileiros e brasileiras estão presentes. Não é à toa que as duas profissões são, atualmente, muito desejadas por meninos e meninas das camadas mais baixas, mas, também, das camadas médias brasileiras.

É dentro deste quadro que analiso a categoria “o corpo”, que apareceu na pesquisa quantitativa realizada no universo das camadas médias cariocas. Surpresa com a recorrência dessa categoria em uma pesquisa que investigava os valores e comportamentos a respeito de temas como sexualidade, casamento e infidelidade, descobri que “o corpo” é um valor e, também, um verdadeiro capital no universo pesquisado.

## O marido como capital: ganhos e perdas do envelhecimento

A partir desta ideia central, passei a refletir sobre o significado do envelhecimento feminino na sociedade brasileira. Em uma cultura na qual o corpo é um importante capital, no mercado de casamento, no mercado sexual e no mercado profissional, como as mulheres vivenciam o envelhecimento? Quais os principais medos das brasileiras ao envelhecerem? Qual o significado do envelhecimento em determinados segmentos sociais?

Após uma viagem de dois meses pela Alemanha, em junho e julho de 2007, onde ministrei oito palestras em diferentes universidades com o título “O corpo como capital na cultura brasileira”, iniciei uma pesquisa na cidade do Rio de Janeiro com mulheres na faixa etária de 50 a 60 anos, das camadas médias e altas. Realizei sete grupos de discussão e, também, entrevistas em profundidade, assim como a aplicação de questionários com perguntas abertas.

Já nas primeiras entrevistas constatei um abismo entre o poder objetivo que as brasileiras conquistaram em diferentes domínios (realização profissional, independência econômica, maior escolaridade, liberdade na vida afetiva e sexual) e a miséria subjetiva que apareceu em seus discursos (preocupação com doenças, excesso de peso, vergonha do corpo, medo da solidão e sensação de invisibilidade). As alemãs, por sua vez, revelaram-se não só muito mais seguras objetivamente como também subjetivamente. Elas pareceram mais confortáveis com o envelhecimento e enfatizaram a riqueza do momento que estão vivendo, em termos de qualidade de vida e de realizações profissionais, intelectuais e afetivas. A discrepância entre a realidade objetiva e a miséria discursiva das brasileiras demonstra que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens.

A ênfase na decadência do corpo, na falta de homem e na invisibilidade social é uma característica marcante no discurso das brasileiras. De diferentes maneiras, elas disseram: “Aqueles olhares, cantadas, elogios, tão comuns desde a minha adolescência até os 40 anos, desapareceram. Ninguém mais me chama de ‘gostosa’, eles me ignoram. Sou uma mulher invisível”.

Nos grupos de discussão que realizei no Rio de Janeiro, o que mais me chamou atenção foram quatro tipos de ideias, extremamente recorrentes nos depoimentos das brasileiras pesquisadas: falta, invisibilidade, aposentadoria e liberdade.

Um exemplo do primeiro tipo de ideia, a de falta, é o seguinte:

Sei que é o maior clichê, mas é a mais pura verdade: falta homem no mercado. Todas as minhas amigas que estão na faixa dos 50 estão sozinhas. Eu não tenho namorado há um tempão. Meu ex-marido, três meses depois da separação, já estava com uma namorada 20 anos mais nova. Que maluco vai querer uma velha decrépita, ou até mesmo uma coroa enxuta, se pode ter uma jovem durinha com tudo no lugar?

Outro tipo de discurso é o de invisibilidade, como mostra o seguinte depoimento:

Eu sempre fui uma mulher muito paquerada, acostumada a levar cantada na rua. Quando fiz 50, parece que me tornei invisível. Ninguém mais diz nada, um elogio, um olhar, nada. É a coisa que mais me dá a sensação de ter me tornado uma velha. Hoje, me chamam de senhora, de tia, me tratam como alguém que não tem mais sensualidade, que não desperta mais desejo. É muito difícil aceitar que os homens não querem mais transar comigo, que me tratam como uma velha e não como uma mulher. Na verdade, não acho nem que me tratam como velha, simplesmente me ignoram, me tornei invisível.

Algumas pesquisadas se excluem do mercado afetivo-sexual em função de não corresponderem a um determinado modelo de corpo: jovem, magro, sexy. É interessante notar que, apesar de ainda serem assediadas, são elas que se excluem do mercado, especialmente do sexual. Elas usam a ideia de aposentadoria em seus depoimentos:

A última vez que eu transei eu devia ter 50 anos. Tem quem queira, mas eu é que não quero. Me aposentei neste setor. Eu só estou falando que existem mulheres de 50, com corpo despencado, aí junta com hormônio, e aí eu fico brochinha, uma verdadeira aposentada.

Estes três tipos de discursos, que classifiquei como de falta, invisibilidade e aposentadoria do mercado afetivo e sexual, estiveram muito presentes nos grupos de discussão. Eles podem ser vistos como uma

postura de vitimização das mulheres nessa faixa etária, que apontam, predominantemente, as perdas, os medos e as dificuldades associadas ao envelhecimento.

Em contrapartida, apareceu também, com muita ênfase, nos grupos de discussão que realizei no Brasil, a ideia de liberdade, assim como as ideias de mudanças positivas, conquistas, descobertas, amadurecimento, serenidade, tolerância, sabedoria, aceitação e cuidado maior de si mesma após os 50 anos.

Ah, para mim terminou o tesão. Nunca mais. Não tenho vontade, não me faz a mínima falta. Hoje em dia, a minha paz de espírito é a coisa que eu mais prezo. Não quero me chatear com homem. Eu não sabia ser sozinha. Hoje eu sei. Pela primeira vez na minha vida eu me sinto realmente livre.

Outro dia me olhei no espelho e me achei muito bonita. Estava em casa, sozinha, com uma calça de malha preta, uma camiseta preta, toda bonitinha, combinando. Fui casada a vida inteira, meu marido chegava em casa e eu estava com a pior roupa do mundo: calcinha enorme de uma cor, sutiã de outra, roupas feias e velhas. E mal-humorada, de cara fechada, emburrada, reclamava que ele chegava tarde, pois gostava de tomar um chopinho com os amigos. Sem um sorriso, um carinho, uma palavra doce. Cheguei à triste conclusão de que o casamento nos torna o nosso pior. Com a desculpa da roupa confortável, usamos a nossa pior roupa em casa. Coisas que não fazemos com os nossos amigos ou com pessoas que não conhecemos, fazemos com o nosso marido. Até ficar com mau hálito, ou ser agressiva, fazer cara feia. Depois que me separei, a primeira coisa que fiz foi limpar todo o meu guarda-roupas, dar todas as roupas velhas e feias. Até as calcinhas para ficar em casa são mais bonitas hoje do que eram quando estava casada. Hoje estou muito mais atenta para como eu sou de verdade, busco o meu melhor, não o meu pior. O casamento me fez virar funcionária pública, achava que tinha estabilidade, segurança e não precisava cuidar dele, nem de mim. Agora cuido muito mais de mim, estou mais atenta para as relações que tenho, sou muito mais cuidadosa com os outros. O casamento é um tipo de prisão invisível: parece confortável, mas vai te destruindo aos poucos, deixando só o lado desagradável. Pena que eu só descobri a liberdade aos 50. Poderia ter sido antes.

A ideia de falta, de invisibilidade e de aposentadoria só apareceu no discurso das brasileiras. As alemãs enfatizaram a riqueza do momento que estão vivendo, em termos profissionais, intelectuais e culturais. Consideram os 50 um momento de grande realização e possibilidades, valorizam o trabalho, a saúde e a qualidade de vida que conquistaram. Acham

uma falta de dignidade uma mulher querer parecer mais jovem ou se preocupar em ser sexy, uma imaturidade e infantilidade incompatível com a maturidade esperada para uma mulher nessa faixa etária. O corpo, para elas, não é tão importante, a aparência jovem não é valorizada e, sim, a realização profissional, a saúde e a qualidade de vida. Algumas me disseram que não compreendiam por que a mulher brasileira gosta de receber elogios e cantadas na rua. Uma me disse, enfaticamente: “Você mesma é que deve se sentir atraente. Você não precisa de ninguém para dizer se é atraente ou não. É muito infantil esta postura. Eu sei avaliar se sou atraente ou não. É só me olhar no espelho. É uma falta de dignidade ser tão dependente dos homens”. Outra me disse que a personalidade é muito mais importante no jogo da sedução do que o corpo. Elas disseram que o que importa é a individualidade, a inteligência e a conversa. Uma das afirmações que ouvi recorrentemente das alemãs foi: “Eu sou uma mulher emancipada”, não só economicamente, mas, principalmente, psicologicamente.

Uma das primeiras constatações ao comparar as brasileiras e as alemãs pesquisadas é que a emancipação da mulher alemã, no universo pesquisado, é bastante evidente. As mulheres que estou pesquisando são da geração pós-guerra e pós-movimento feminista. São mulheres que trabalham, independentes economicamente, algumas não têm filhos, escolha tão legítima na Alemanha quanto a daquelas que têm filhos. São casadas com homens da sua faixa etária, são divorciadas ou solteiras.

As brasileiras que pesquisei trabalham ou são aposentadas. Todas são ou foram casadas, todas têm filhos, todas já cumpriram (ou ainda cumprem) o papel de esposa e mãe. Os 50, para algumas das brasileiras pesquisadas, são um momento de libertação do papel de esposa e mãe, para “ser eu mesma pela primeira vez”, frase recorrente no discurso delas. Enquanto emancipação foi a palavra recorrente das alemãs, liberdade foi o que as brasileiras disseram. Há ainda uma outra diferença, a emancipação das alemãs foi uma conquista de toda a vida, desde jovens. A liberdade das brasileiras parece ser uma conquista tardia, após elas cumprirem os papéis obrigatórios de esposa e mãe.

A frase “hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida” foi repetida por muitas brasileiras que percebem o envelhecimento como uma redescoberta, altamente valorizada, de um “eu” que estava en-

---

UMA DAS PRIMEIRAS CONSTATAÇÕES AO COMPARAR AS BRASILEIRAS E AS ALEMÃS PESQUISADAS É QUE A EMANCIPAÇÃO DA MULHER ALEMÃ, NO UNIVERSO PESQUISADO, É BASTANTE EVIDENTE.

---

coberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente no investimento feito no papel de esposa e de mãe. As ideias de reencontrar-se, reinventar-se, redescobrir-se apareceram muito entre as brasileiras, sempre associadas ao fato de fazerem, hoje, as coisas de que mais gostam: estudar, ler, conversar com as amigas, sair sozinhas, ter tempo para si mesmas, viajar ou, até mesmo, encontrar um novo prazer com o marido, assumindo mais os próprios desejos, e não buscando agradá-lo.

Mesmo as que são casadas se sentem mais livres após os 50 para “serem elas mesmas”. Algumas redescobrem prazeres e vocações deixadas de lado em função do casamento e da maternidade, retomados após os filhos estarem mais velhos.

As alemãs me pareceram muito mais individualizadas e independentes da figura masculina. Elas enfatizaram muito em seus discursos a realização profissional, o respeito e o reconhecimento que conquistaram no mundo do trabalho. Ouvi, durante muitas horas, relatos sobre as disputas que venceram em suas profissões. Já as brasileiras falaram a maior parte do tempo sobre o homem, seja pela presença dele em suas vidas, altamente valorizada e necessária para a sua satisfação, seja para reclamar de sua falta. Um dos fatos que chamaram minha atenção foi que as brasileiras falaram pouquíssimo de seus filhos, e menos ainda de suas atividades profissionais. É interessante destacar que, nos grupos que pesquisei, o fato de viajarem, conversarem com as amigas, saírem sozinhas ou descobrirem uma nova atividade (um curso de filosofia, um curso de pintura ou um grupo religioso) apareceu com muito mais destaque do que os filhos e o trabalho. Poucos foram os momentos em que falaram de seus pais ou mães e mais raros ainda os momentos em que falaram de seus netos, apesar de algumas serem avós.

Em minha observação comparativa destes dois universos, as alemãs me pareceram muito mais confortáveis com o seu envelhecimento do que as brasileiras. Observei mulheres que pareciam muito poderosas na Alemanha, objetivamente (em suas profissões e relações conjugais), mas, também, subjetivamente. No Brasil, tenho observado um abismo enorme entre o poder objetivo das mulheres pesquisadas, o poder real que elas conquistaram em diferentes domínios (sucesso, dinheiro, prestígio, reconhecimento e, até mesmo, a boa forma física) e a miséria subjetiva que aparece em seus discursos (gordura, flacidez, decadência do corpo, insônia, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invi-

sibilidade e aposentadoria). Observando a aparência das alemãs e das brasileiras pesquisadas, as últimas parecem muito mais jovens e em boa forma do que as primeiras, mas se sentem subjetivamente muito mais velhas e desvalorizadas do que aquelas. A discrepância entre a realidade objetiva e os sentimentos subjetivos das brasileiras me fez perceber que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento. Elas constroem seus discursos enfatizando as faltas que sentem, e não suas conquistas objetivas.

É interessante observar que, tanto no discurso de vitimização quanto no de libertação, dois foram os eixos centrais das brasileiras pesquisadas: o corpo e a relação conjugal, mais especialmente o(s) casamento(s) de cada uma delas. O corpo foi tanto objeto de extremo sofrimento (em função de suas doenças ou decadência) ou de extremo prazer (em função de maior aceitação e cuidado com ele). Os parceiros amorosos foram, também, objeto de extrema dor (alcoolismo, machismo, violência, autoritarismo, egoísmo, abandono, rejeição, faltas) ou de extremo prazer (companheirismo, prazer sexual, cumplicidade).

Diferentemente das alemãs, as brasileiras centram o seu discurso na figura masculina, seja na falta de homem, seja na sua presença. As que se mostraram mais satisfeitas com suas vidas, entre as brasileiras pesquisadas, são aquelas casadas há muitos anos. Mesmo estas disseram que os homens são mais frágeis, dependentes, acomodados, ingênuos, inseguros, imaturos e infantis. O interessante é que, em quase todos os casos, o marido é o principal provedor familiar, tendo uma renda muito superior à da esposa. Algumas brasileiras disseram que seus maridos ligam 20 vezes por dia para o celular, que eles ficam deprimidos quando elas viajam ou que precisam delas o tempo todo. Os depoimentos enfatizam que “ele precisa muito de mim”, “ele não sabe ficar sozinho”, “ele precisa de mim para cuidar dele”.

### **Considerações finais**

Ao analisar os depoimentos femininos, é possível constatar que, além de o corpo ser um capital importantíssimo no Brasil, o marido também é um capital, talvez até mais importante do que o corpo nessa faixa etária. Um marido, um casamento sólido e satisfatório, foi o que as pes-

quisadas mais valorizaram em seus depoimentos. A sua presença é motivo de grande satisfação. A sua ausência é motivo de infindáveis queixas e lamúrias. Em um dos grupos realizados, uma mulher magra, bonita e com a aparência muito jovem disse que sentia inveja de uma outra pesquisada, por ela ter um casamento de 30 anos. O detalhe é que a segunda era gorda e com uma aparência muito mais velha do que a primeira. A magra disse: “Eu tive e tenho muitos namorados, mas não consigo ter um companheiro, um marido. Senti inveja quando você falou do seu relacionamento de 30 anos; eu nunca consegui ter isso, não sei por quê”.

Utilizo, então, mais uma vez as ideias de Pierre Bourdieu (2007) para criar um novo tipo de capital, que não teria peso nenhum para as mulheres alemãs, mas que parece ser extremamente importante para as brasileiras. Um capital que chamo de “capital marital”. Ter um marido é um verdadeiro capital para a mulher brasileira. Por outro lado, as brasileiras pesquisadas também parecem poderosas por, além de terem um marido, sentirem-se mais fortes, independentes e interessantes do que eles (mesmo que eles ganhem muito mais do que elas e sejam mais bem-sucedidos em suas profissões). Portanto, em um mercado em que os maridos são escassos, principalmente na faixa etária pesquisada, as brasileiras casadas sentem-se duplamente poderosas: por terem um produto raro e extremamente valorizado no mercado e por se sentirem superiores e imprescindíveis para seus maridos.

Em uma cultura como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital). Em uma cultura como a alemã, em que os capitais mais valorizados são outros, como o profissional, o científico e o cultural, o envelhecimento pode ser vivido como um momento de inúmeros ganhos e de muitas realizações, e especialmente de extrema liberdade. Liberdade também muito valorizada, ainda que tardiamente, pelas brasileiras pesquisadas.

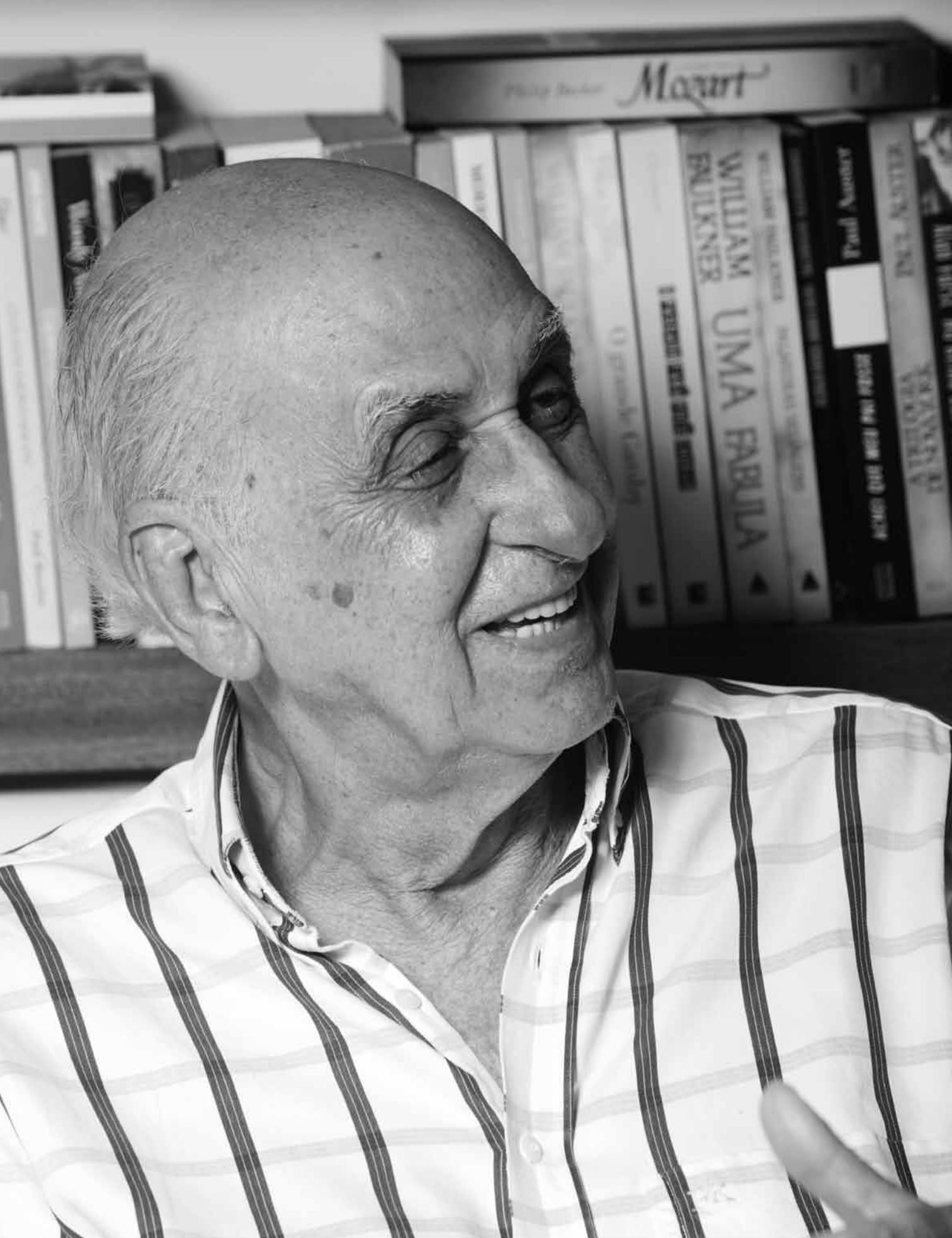
Como ressaltou Simone de Beauvoir (1990), “a última idade” pode ser uma liberação para as mulheres, que, “submetidas durante toda a vida ao marido e dedicadas aos filhos, podem enfim preocupar-se consigo mesmas”.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990. 711p.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 556p.
- GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. 411p.
- GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008. 221p.

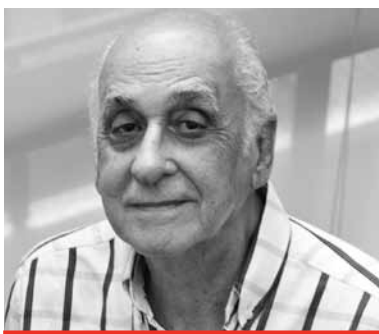


## Entrevista: **Zuenir Ventura**

**V**oz calma e suave, sorriso persistente no rosto, assim é Zuenir Ventura que nos concedeu esta entrevista em um belo dia de sol, na cidade do Rio de Janeiro. Em uma sala, de onde podíamos mirar o mar de Ipanema, Zuenir falou do amor pela família e pelos amigos, do sempre presente prazer pela descoberta, da profissão de jornalista, da vida, enfim! Com olhar atento para tudo ao seu redor, Zuenir mira e vê.

**REVISTA** Zuenir, normalmente no início de nossas entrevistas, pedimos que o entrevistado fale sobre sua infância, sobre sua família. Você nasceu em uma cidade pequena da Zona da Mata de Minas, que hoje tem 34 mil habitantes.

**ZUENIR** Sim, nasci em Além Paraíba, mas em todos esses anos eu só voltei lá para fazer uma palestra. Pouco depois de meu nascimento mudamos para Ponte Nova, que era outra cidade da Zona da Mata, uma cidade maior. Meu pai, na época, era da Leopoldina, da Estrada de Ferro Leopoldina Railway, passou por Além Paraíba e depois foi transferido para Ponte Nova. Em Ponte Nova eu fiquei até os onze anos. Foi quando eu achei que fosse ser padre. Eu estudava num colégio em que era semi-interno. Minha mãe lavava as batinas dos padres e eu estudava lá, em troca de uma bolsa de estudos. Só que depois eu descobri que, na verdade, a vocação não era minha, era da minha mãe. Ela queria que eu fosse padre... ((risos))



“EU COSTUMO DIZER QUE NA MINHA VIDA TUDO ACONTECEU POR ACASO. NUNCA PENSEI EM SER JORNALISTA, NUNCA PENSEI EM SER ESCRITOR. FOI TUDO ACONTECENDO, POR ACASO.”

## REVISTA Você tem irmãos?

**ZUENIR** Tenho duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo. Mais ou menos com onze anos, nós fomos para Nova Friburgo, que é uma cidade da região serrana. Meu pai era de Nova Friburgo e minha mãe era de Além Paraíba. Então, eu fui criado em Friburgo, onde comecei a trabalhar com meu pai. Ele era pintor de parede e eu, assistente de pintor. Com mania de grandeza, eu dizia que era pintor, mas eu raspava a parede ((risos)). Meu pai sim era um grande pintor, maior pintor de Nova Friburgo. Exerci várias atividades, fui contínuo, naquela época chamava-se contínuo, – hoje, seria *office boy* – contínuo de um banco, de um laboratório de prótese, depois, caixeiro de uma camisaria, a Camisaria Nova Friburgo. Paralelamente, eu estudava. O colégio onde eu estudava propôs o seguinte: eu poderia lecionar de manhã para o primário – hoje é o fundamental –, e estudar de graça à noite. Foi quando descobri

exatamente o que queria ser na vida: professor. Costumo dizer que na minha vida tudo aconteceu por acaso. Nunca pensei em ser jornalista, nunca pensei em ser escritor. Foi tudo acontecendo, por acaso. Às vezes penso se eu mesmo não fui gestado por acaso ((risos)). Bem, terminei descobrindo que queria ser professor. Naquela época, tinha que vir para o Rio para estudar. Quem era de cidade do interior, tinha que vir para a capital. Eu vim estudar no Rio, na Faculdade Nacional de Filosofia, no curso de Letras Neo Latinas, para ter o diploma de professor. Caí nessa faculdade, um antro do saber. Para vocês terem uma ideia, fui aluno do Manuel Bandeira, do Alceu Amoroso Lima, eram chamados catedráticos. Morava na Vila Isabel, terra do Noel Rosa, onde tive minha iniciação no samba. No último ano da faculdade, um professor queridíssimo foi responsável por uma grande mudança na minha vida. Minha família era pobre, eu vivia na casa de uma tia – isso era muito comum, vir morar na casa de um parente – esse professor falou “\_Tenho um emprego para você.” Ele era arquivista de um jornal, chefe de arquivo, e me ofereceu um trabalho das seis à meia-noite. Comecei a trabalhar no arquivo, que era realmente o emprego ideal. Eu ficava recortando jornal e tinha tempo para ler. Hoje, eu morreria de fome ((risos)). Eu ficava no arquivo, vinha o repórter e pedia “\_ Eu quero saber quando nasceu fulano de tal.” Eu procurava, pesquisava durante horas. Um dia, escrevi um artigo sobre Albert Camus, o artigo

teve certa repercussão. Surgiu a lenda que o contínuo do arquivo era um gênio ((risos)). Acabei indo para a redação, resistindo, porque eu não queria ser jornalista.

**REVISTA** **Você escreveu o artigo sobre o Albert Camus que foi considerado exemplar.**

**ZUENIR** Isso. Na verdade, esse autor – Albert Camus – já era meu autor preferido. Eu já havia escrito trabalhos sobre ele. Foi por acaso. Um dia eu passava na redação, e o chefe da redação – que era, também, o dono do jornal –, procurava alguém para escrever esse artigo. Não apareceu ninguém, eu, por acaso, me candidatei para escrever – porque era meu autor preferido –, daí fui para a redação e nunca mais saí. Depois disso, concorri, no ano de 1960, a uma bolsa na França e passei um ano lá. Enfim, mas a minha opção profissional, digamos assim, foi por acaso. Tanto que quando vejo mães aflitas “\_Ah, meu filho não sabe o que vai ser” eu digo, “\_Espera... eu descobri tarde o que ia ser na vida. Tinha quase trinta anos já.” ((risos))

**REVISTA** **Você passou por muitas experiências. Foi contínuo, ajudante de seu pai, trabalhou em bar, faxineiro. Você considera que essas vivências influenciaram sua maneira de ver a vida? Você é uma pessoa engajada, que vivencia fortemente as coisas com as quais lida. Tem um olhar para o outro.**

**ZUENIR** É verdade, tanto que quando eu falo sobre a minha infância, falo com cuidado, para não ficar parecendo que foi um sacrifício. Minha família era pobre, mas não era miserável. Meu pai era filho de português, e achava que não tinha que estudar, tinha que trabalhar. Mas, minha mãe tinha a intuição de que era preciso estudar. Minha irmã mais velha, por exemplo, se formou como normalista. Eu me lembro, que quando saía de madrugada com a maletinha para trabalhar com meu pai, minha mãe ficava chorando. Não era a vida que ela queria para mim.

**REVISTA** **Então, quando você saiu do seminário – que era um semi-internato – foi doído para ela.**

**ZUENIR** Foi sim. Mais tarde quando fiquei muito próximo de um primo – que era mais velho do que eu – ela dizia, e com certa razão, que eu tinha me perdido. ((risos)). Foi meu primo quem me levou para a

iniciação sexual, para a zona, para jogar sinuca, tudo aquilo que eu não tinha direito. E minha mãe sofria. Eu já tinha deixado a vocação – apesar de ser dela ((risos)) –, era a perdição! Adolescente, meu primo muito mais velho – cinco ou seis anos de diferença – e ele era perdido e, para mim, era a descoberta do mundo. Tudo isso, só para dizer que eu tive uma infância e uma adolescência muito boa, com muito carinho e muito afeto. Eu acho afeto a coisa mais importante no mundo, mais do que o amor, mais do que tudo. Na minha família, eu era cercado de afeto. Nós morávamos num morro. Tinha que subir a pé, era uma escalada, mas nos sentíamos muito próximos uns dos outros. Não passamos fome, éramos pobres, mas tínhamos dignidade e um mínimo de conforto. Minha mãe trabalhava muito, trabalhava para fora, mas tudo com muita dignidade. Então, para mim, sempre foi muito natural, pela vida toda... não é nem o olhar o outro, para mim é o próximo. Tenho uma preocupação social e, digo isso sem vaidade, é uma obrigação. Em um país em que as distâncias sociais são tão grandes, tão absurdas. Realmente, é uma dívida social que todo intelectual, todo jornalista, por ser privilegiado, poder estudar, tem essa dívida. Não é nem mérito, é sim uma obrigação biográfica.

**REVISTA** Na apresentação de seu livro *1968: o Ano que Não Terminou*, Heloisa Buarque diz que sua escrita é tocada pela sua escuta, pela sua sensibilidade, você quer passar para o leitor, também, o sabor do relato, outras sensações... Isso não chega a ser uma contradição, mas é a antítese da objetividade do jornalista. Ainda sobre essa questão, sabemos que durante a pesquisa de seu outro livro *Chico Mendes: Crime e Castigo*, você conheceu Genésio – uma das principais testemunhas do crime contra Chico Mendes – e o acolheu, o protegeu em sua casa no Rio de Janeiro, por ele estar jurado de morte. Há sim, a objetividade do jornalista mas, por outro lado, um envolvimento para além disso.

**ZUENIR** Pois é, passei quarenta anos como professor de Jornalismo e dizia para meus alunos, futuros jornalistas, que o repórter não pode se misturar com a notícia, ou seja, ele é um observador. Ele tem que manter distância e eu fiz tudo ao contrário. Trouxe a notícia para dentro de casa, mas em minha defesa digo o seguinte, era reportar uma morte ou evitá-la. Eu preferi evitá-la. A história é a seguinte, fui fazer a cobertura da morte do Chico Mendes e quando cheguei a Xapuri, na



porta da PM, ao lado da delegacia, tinha um menino, sentadinho. Eu perguntei, quem é? Disseram-me “\_É a principal testemunha da morte do Chico Mendes.”. Na hora fui falar com ele. Muito arredo, estranho. Voltei lá muitas vezes. Descobri que os assassinos de Chico Mendes estavam todos por ali. Passavam armados, e o menino ali, estava sob a guarda da PM. Dormia na delegacia e passava o dia ali na porta. Quer dizer, era um alvo. Fiquei com aquela coisa na cabeça, fiz umas nove, dez viagens. Voltava e pensava, esse menino vai morrer e eu sei disso. Aquilo começou a pesar. Um dia reclamei com um amigo queridíssimo que eu fiz lá, amigo também de Chico Mendes. Comentei “\_Não quero ir embora com esse peso.”. Eu sabia que ele ia morrer. Tinha que fazer alguma coisa. Avisei ao juiz. O levamos para o quartel da PM de Rio Branco – cujo comandante era uma figura maravilhosa, José Roberto –, quando coloquei a questão, ele sugeriu que levássemos Genésio para lá. Deixei Genésio no quartel, sob a guarda do coronel, que por acaso tinha o mesmo sobrenome do Genésio, coincidência, e voltei para o Rio. Pouco tempo depois, me ligam Rio Branco “\_Zuenir, descobri um complô para matar o Genésio.”. Pensei “\_Só tem uma saída, trazê-lo para o Rio”. Genésio ficou na minha casa, sob a minha guarda, minha tutela até os dezoito anos. Foi uma tarefa difícil, ele não se adaptou, foi um choque cultural muito grande. Um garoto criado na selva, tudo era um choque para ele. A água salgada do mar, o susto quando entrou em um túnel, e, ao mesmo tempo, aqui, fomos advertidos que ele podia correr risco, também. Com o auxílio da igreja procuramos lugares onde ele pudesse estar seguro. Ele permaneceu em um internato em Itaipava, mas não se adaptava. Agora, tantos anos depois, ele está escrevendo um livro sobre essa experiência. Ele voltou para o Acre, porque sempre quis voltar. Até os dezoito anos, eu impedi, enquanto ele precisasse de minha autorização, eu dizia “\_Você não vai de jeito nenhum, você está maluco”. Genésio é uma queridíssima pessoa. Tenho com ele uma relação de pai mesmo e ele tem um caráter exemplar. Ele foi a testemunha principal do julgamento da morte de Chico Mendes. Quando foi testemunhar ainda estava morando conosco, fomos todos para lá... E, foi muito engraçado, porque sempre fui um pai banana, imagina com ele, então ((risos)) A Mary não, tratava com mais rigor. Na hora de ir para o julgamento ele queria que a Mary o acompanhasse ((risos)). Fomos todos e ele repetiu tudo, a imprensa do mundo todo estava lá. Ele agora resolveu escrever essa história e quem está fazendo a supervisão é um amigo que era muito ligado ao Chico Mendes e ficou, também, muito ligado ao Genésio.



**REVISTA** Sobre o Chico Mendes, em uma entrevista você o menciona como exemplo de líder. O que caracteriza um verdadeiro líder? Você acha que o Brasil, hoje, tem líderes?

**ZUENIR** Pergunta difícil. Acho o Chico Mendes um líder, mais do que isso, um mártir. Chico incluiu na agenda do mundo a causa ambiental, a Amazônia. Hoje se discute coisas que o Chico já dizia. Hoje se a Amazônia existe na agenda planetária, deve-se a Chico Mendes. Ele tinha essa coisa de aprender com a vida e liderou uma luta de resistência, criou discípulos como Marina Silva, por exemplo. Lembro-me de Marina, com toda aquela fragilidade física aparente, mas comandando um empate. Aquela técnica que eles inventaram. Colocavam-se crianças, mulheres, velhos entre a floresta e os jagunços com motosserras. O Chico descobriu uma causa, lutou por ela e fez com que fosse difundida para seus discípulos e para o mundo. Acho que isso é ser líder. Hoje, e não quero cometer injustiças, mas também não quero ficar na análise fácil, usa-se a palavra líder muito facilmente “\_É líder do partido tal.” Como Chico Mendes não vejo, com esse conjunto de valores. Em minha opinião, no plano internacional, um líder é o Mandela. O grande estadista do século XX, maior do que todos os outros. Ele tem uma história de vida. Estive lá na África do Sul, onde ele esteve preso, visitei a cela dele. Vinte sete anos preso. Se não tem uma cabeça muito boa... E veja, o primeiro gesto dele ao sair foi ir tomar café com o carcereiro, para sinalizar que queria paz, queria pacificar o país. Eu acho que como o Chico, não tem, e eu só lamento o que o país fez com ele, o que costuma fazer com seus líderes, seus heróis, que é matar.

**REVISTA** Em outra entrevista você também diz que ele não é alguém sem defeitos, você pesquisou sua vida no cotidiano e algumas pessoas cobraram de você “\_Ah, mas você vai dizer isso sobre o Chico”?

**ZUENIR** Sim, isso mesmo, sobre a bigamia dele, por exemplo. Eu acho que o humaniza, o tira de um pedestal. Ele não pode ser santificado. É um cara com problemas, com defeitos. Fui meio patrulhado por falar sobre o fato do Chico ser bigamo. Viajei horas e horas de barco para descobrir a Dona Eunice que era mulher dele. Ele não era santo e nem queria ser.

**REVISTA** Voltando a sua obra *1968: o Ano que Não Terminou* – há uma continuação *O que fizemos de nós* – você foi dessa geração, com importantes movimentos culturais. E seu olhar de hoje, o que você acha que aquela geração tem de diferente da geração atual?

**ZUENIR** Bem, o contexto histórico era outro. A gente estava sob uma ditadura. Durante essas últimas manifestações, pediram que eu fizesse paralelo entre os protestos de hoje e a passeata dos cem mil, lendária. É um paralelo que eu faço com certo cuidado, primeiro, porque as condições históricas são outras. Você tinha, na verdade, uma ditadura. Aqueles jovens – até incluo uma frase provocativa – aqueles jovens quebraram um paradigma, não quebraram vitrines e ajudaram a derrubar a ditadura. Não pela violência, pelo contrário, propunham o *slogan O povo organizado derruba a ditadura*, contra outro *Só o povo armado derruba a ditadura*. Fascinado, eu escrevi, em junho “Esses jovens, que dizem ser alienados, não querer nada, eles estão acordando o gigante.” Foi realmente uma coisa muito bonita. Só que o que aconteceu? Nessas manifestações, vândalos – e hoje está provado que são bandidos, desordeiros, sem nenhuma causa, para quebrar mesmo – se infiltram. Isso eu acho ruim, não leva a nada, porque não tem causa. O que aconteceu? Aqui mesmo, na Cinelândia, onde três meses antes você tinha trezentas mil pessoas, numa das últimas passeatas tinha trezentas pessoas. A sociedade, a população, não quer isso. Ela quer protesto, mas não desse jeito. Não é assim, quebrando tudo, não é isso que eu quero. Então, essa a diferença daquelas manifestações, ninguém escondia a cara, não havia mascarados e o negócio era quebrar paradigma, não vitrines. Foram manifestações importantíssimas, cobrar os políticos, contra a corrupção, enfim... Aí, de repente, virou vandalismo.

**REVISTA** Você acha que essa geração é menos politizada, menos envolvida com as questões sociais, políticas?

**ZUENIR** Houve uma mudança, inclusive no conceito de geração. Na minha época, você falava “a geração de 68”, hoje não temos mais “geração” temos “tribos”. Cada tribo é uma geração, com uma maneira de se vestir, uma maneira de falar. É mais difícil hoje você diagnosticar, identificar, fazer o perfil porque são várias gerações, várias tribos. A expressão é essa, são várias tribos. Agora, há a tribo alienada que não quer nada, mas há jovens que são interessados e, vamos fazer justiça, quando a gente fala em jovem, esses jovens, há aqueles que saíram

juntos, começaram a manifestação do Passe Livre. São jovens politizados, querendo consertar o país. Agora, ao lado desses jovens, tem esses caras que também são jovens que você coloca na mesma geração, mas é uma outra tribo.

**REVISTA** Ainda sobre as manifestações, o cantor Criolo, em uma entrevista, disse uma coisa interessante. Logo no começo das manifestações perguntava-se, quem é o porta voz? Quem é o líder? Quem é que fala? E o Criolo disse que hoje não há porta voz, todos têm a voz. Não precisa de um falando por todos.

**ZUENIR** Diferencia, mas também confunde. Porque se não há líder, tudo está misturado: os *Black Blocs*, os mascarados todos. Veja, não ter liderança, por um lado, é uma característica desse movimento, mas há o risco porque também muitos que se infiltram, a pretexto de que todos somos líderes, podemos quebrar. Temos a dificuldade, inclusive, das autoridades lidarem com essa violência. O que aconteceu? A polícia, cheia de exageros, cheia de excessos, começa em São Paulo, aqui no Rio e em outros lugares também, batendo em quem não devia e não prendendo quem devia. Uma mistura de coisas, terrível. Eu vi, estava em São Paulo, a polícia cometia excessos ou omissões, porque nessas passeatas prendia quem não devia – repórteres trabalhando – e esses vândalos, que deveriam ser presos, não. A televisão conseguia pegar todos eles quebrando e a polícia não conseguia. É um momento muito difícil.

**REVISTA** Como em 68, só vamos conseguir analisar daqui a um tempo, com distanciamento.

**ZUENIR** Isso é evidente. Eu tenho cuidado em fazer um paralelo, porque, sobretudo, o contexto era diferente. Agora, o que há de comum é aquele impulso juvenil. É bacana. A história do Brasil toda é feita através dessa rebeldia do jovem. O que lamento, por exemplo, nas manifestações, maravilhosas, que começaram pacíficas e terminaram em quebra-quebra. Fora a infiltração. Os próprios organizadores não tinham o controle.



“EU TENHO CUIDADO EM FAZER UM PARALELO, PORQUE, SOBRETUDO, O CONTEXTO ERA DIFERENTE. AGORA, O QUE HÁ DE COMUM É AQUELE IMPULSO JUVENIL. É BACANA. A HISTÓRIA DO BRASIL TODA É FEITA ATRAVÉS DESSA REBELDIA DO JOVEM. O QUE LAMENTO, POR EXEMPLO, NAS MANIFESTAÇÕES, MARAVILHOSAS, QUE COMEÇARAM PACÍFICAS E TERMINARAM EM QUEBRA-QUEBRA.”

**REVISTA** Já que estamos abordando essas questões sociais e seu envolvimento, como foi colaborar para a criação do *Viva Rio*, e o que você pode dizer da experiência de dez meses na favela Vigário Geral?

**ZUENIR** Quando pedem para falar -- em termos de carreira profissional - dos momentos importantes, normalmente, eu menciono dois, não só do ponto de vista profissional, mas existencial, exatamente. Minha ida ao Acre, a descoberta do Chico Mendes e a favela Vigário Geral. A favela fica há trinta minutos daqui e era um universo que eu não conhecia. Conhecia Paris, conhecia outros lugares. Cheguei lá, tive um choque cultural. Era tudo diferente, estranho, foi realmente uma descoberta. Foi uma experiência existencial. Fiz amigos, modifiquei meu modo de pensar. Me aproximei com a cabeça cheio de estereótipos - que nós da imprensa havíamos ajudado a criar - que a favela é um antro de marginais, bandidos, mas, na verdade, o que encontrei? Primeiro, uma comunidade pacífica. Trabalhadores dominados por um pequeno grupo de traficantes e tendo que conviver com aquilo. Eu tive que conviver com aqueles meninos. Mas houve uma facilidade, como eu já era velho, aqueles meninos podiam ser meus netos. Fazia questão de manter distância, nunca gostei que me chamassem de senhor mas lá eu permitia e eles me achavam um "coroa responsa" e "sangue bom" ((risos)). Não sou juiz, mas sou jornalista. Aliás, não cheguei como jornalista. Eu dizia, estou aqui trabalhando, eu acho que o que vocês estão fazendo é totalmente errado, vocês vão morrer daqui a pouco. Todos jovens, garotos, uma convivência descobrindo esse universo, tão próximo e tão distante de mim. No final, engraçado não fui para lá para escrever livro mas, o livro surgiu. Eu estava com uma parte pronta quando Luís Eduardo Soares, uma figura fantástica, depois de um mês da chacina de Vigário Geral, me contou que durante uma palestra havia conhecido dois jovens muito interessantes e achou que eu deveria conhecê-los, também. Os jovens eram de Vigário Geral e lideravam dentro da favela um movimento cívico. Ao final, resolvi incorporar essa vivência tão intensa para mim, ao livro. E surgiu *Cidade Partida*.

**REVISTA** Você mencionou um choque cultural.

**ZUENIR** Sim, o primeiro choque cultural foi por achar que a comunidade desejava retaliação, vingança. Não, eles queriam justiça, eles queriam paz, eles queriam alegria em cada brecha de dor. Dentre as que morreram - 21 pessoas naquela chacina - nenhuma era ligada ao tráfico.

Minha primeira sensação era que cada uma daquelas pessoas tinha perdido alguém. Era verdade, um irmão, um amigo, um vizinho. Mas, ninguém tinha desejo de vingança, ninguém estava rangendo os dentes, todos queriam paz. Isso foi uma grande descoberta para mim. A experiência foi muito enriquecedora.

**REVISTA** Quando você se aproxima sem arrogância do outro tem outra percepção.

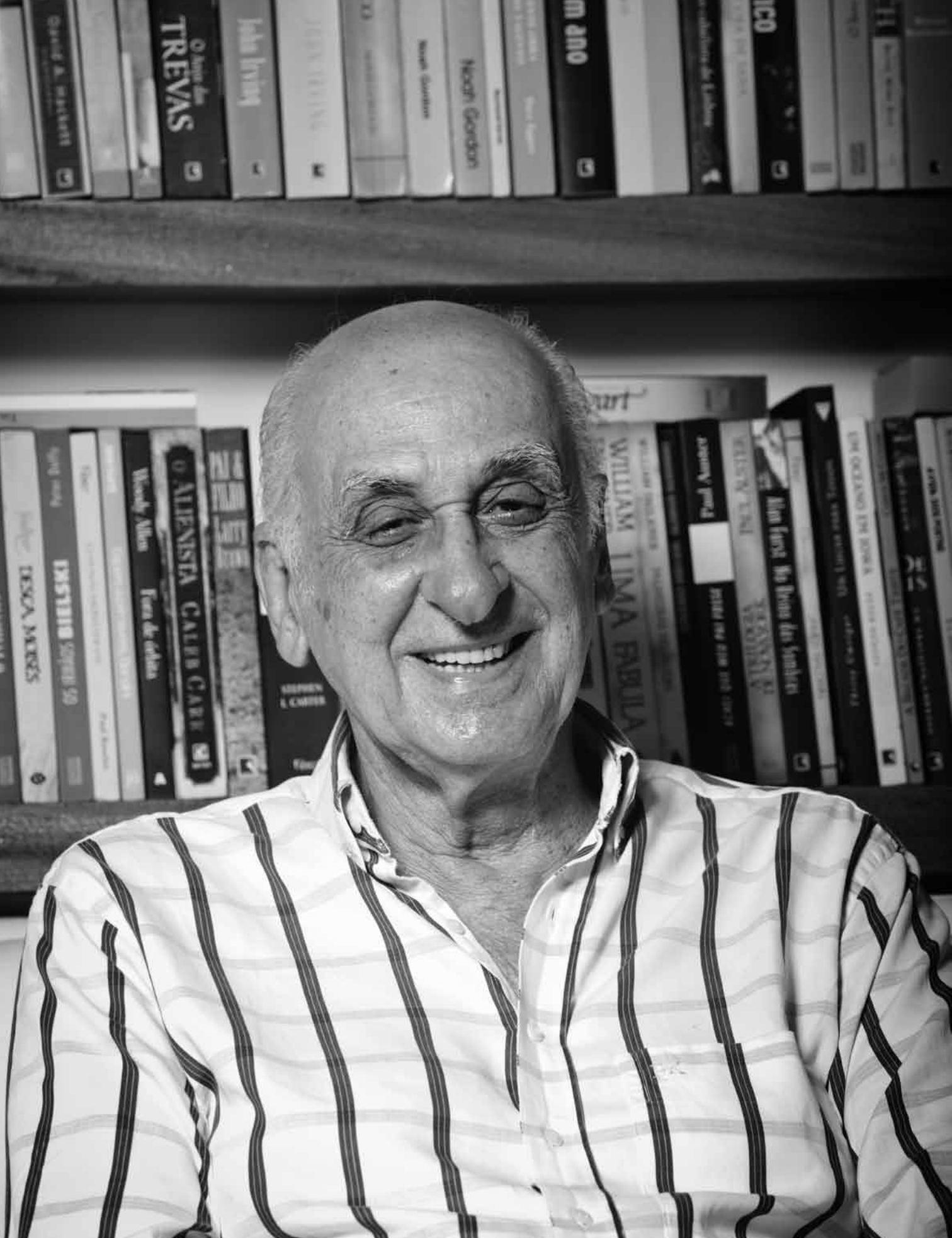
**ZUENIR** Sim, é outra mentalidade, outra cabeça. Entendo que o jornalismo também leva a essa descoberta. Por exemplo, quando fui para o Acre, quando o diretor me chamou e disse que ia me mandar para o Acre, minha primeira reação foi achar que queria me demitir. Eu morro de medo de cobra, não gosto de floresta, achava os ecologistas uns chatos ((risos)) mas ele queria alguém justamente que não estivesse engajado naquela história. Não conhecia direito o que Chico Mendes tinha feito. Foi uma descoberta para mim, descoberta do estado do Acre, descoberta de uma identidade cultural fantástica, um povo maravilhoso. Só descobri por ser jornalista. Não iria fazer turismo no Acre, assim como não iria à favela Vigário Geral, se não fosse essa curiosidade jornalística para saber o que tinha acontecido.

**REVISTA** Sim, há a curiosidade jornalística mas, também, é algo que está em você. Há muitos jornalistas que sentam em uma cadeira...

**ZUENIR** O engraçado é que não tinha vocação para jornalista e hoje não consigo me imaginar fazendo outra coisa. Essa coisa do meio... nunca fui comunista, mas sempre simpatizante com o marxismo que nos ensinava que o meio constrói o homem. Vigário Geral me ensinou o seguinte, os dois principais personagens do livro, um é o traficante – Flávio Negão - o outro, sociólogo - o Caio Ferraz - dois amigos de infância, convivendo. Então, há uma questão biológica nessa história, não é só o social que determina. Não é só o meio que faz o homem, mas há outro fator, não é simples de detectar.

**REVISTA** Nós vimos em uma reportagem, que o Luís Fernando Veríssimo, o Ziraldo e você estão escrevendo um musical sobre a velhice.

**ZUENIR** Você leu isso? ((risos))



O livro de  
**TREVAS**

O **ALPENISTA GALEO GARE MI**

WISSEY ALLEN  
Fera de echa

**WILLIAM LIMA PAULA**

ALIN FERRI  
Ho livro de Sombra

**REVISTA É, na internet. Está certo?**

**ZUENIR** Houve realmente esse convite de uma grande produtora, propondo esse projeto. Então pensei “\_ Para fazer um musical sobre a velhice vou chamar o Zivaldo e o Luiz Fernando Veríssimo, dois amigos. Não vou entrar nisso sozinho.” Bem, o Zivaldo disse “\_Nenhum dos três sabe o que é a velhice.” ((risos)) Veja você, a dificuldade em resolver esse problema é que nenhum dos três sabe o que é velhice. Está para bater o martelo, fechar, fazer ou não. Está na pauta, vamos tentar essa perspectiva.

**REVISTA Então, a ideia foi do produtor... não é que vocês se reuniram e planejaram.**

**ZUENIR** Não. Tivemos umas três reuniões em que o pessoal da produtora riu muito. Vai ser muito engraçado. Mas é estranho o papo dos três, sobretudo daqueles dois. O Luís Fernando fala pouco, é muito quieto mas quando fala é definitivo, você morre de rir. Tem uma história dele muito boa. Estávamos reunidos e a discussão era sobre a morte. Luís Fernando fica sempre parado, ouvindo e o assunto corria “\_ A morte não sei o que... a morte isso, a morte aquilo” e daí alguém pergunta ao Veríssimo “\_O que você acha?” e ele “\_Eu sou contra.” ((risos)) O problema é esse. Os dois são muito engraçados e quando nos reunimos rimos muito.

**REVISTA Isso ajuda a introduzir nossa próxima pergunta. Sabemos que você não está muito familiarizado, mas... o que você acha que muda com o envelhecimento?**

**ZUENIR** ...além da vista? ((risos)) Bem, eu não dramatizo muito o envelhecimento não. Eu costumo dizer que hoje eu gosto muito mais de mim, não tenho queixas. Mas lembro de quando tinha toda aquela inquietação da adolescência. Na adolescência, eu me achava muito mais feio, mais esquelético. Meus amigos conseguiam namoradas e eu não conseguia, hoje não. Bom, não posso dizer que tenho tantas namoradas ((risos)) mas eu era muito feio, posso ver pelas fotografias e Mary também diz “\_Você era horroroso quando eu te conheci.”.



**“HÁ QUEM NASÇA PESSIMISTA, EU NASCI OTIMISTA. ENTÃO, PRIMEIRO, TEM QUE TER CUIDADO COM A CABEÇA, E EU NÃO TIVE PROPRIAMENTE UM TRAUMA.”**

### **REVISTA E vocês estão juntos há quanto tempo?**

**ZUENIR** Há 50 anos. Ela deu um jeito em mim. Tem uma história muito boa. Ela estava numa festa com as amigas dela. Eu entrei e as amigas não sabiam quem era o namorado da Mary, quando ela me apontou “\_É aquele ali” e elas “\_Mas, aquele?” Ficaram decepcionadíssimas, coitada! Porque a Mary sempre foi muito bonita ((risos)). Às vezes, o envelhecimento coincide com o padecimento, com o sofrimento, então é horrível, mas é menos pela velhice e mais pela doença. Tem outra coisa, também; estava escrito que eu ia ser careca e otimista. E realmente eu tenho vocação para a alegria, tenho a impressão que esse encontro aqui não está sendo triste ((risos)) e é natural, não estou fazendo nenhum número. Eu sou assim, não é por mérito...eu quis ser assim, é um pouco por DNA. Há quem nasça pessimista, eu nasci otimista. Então, primeiro, tem que ter cuidado com a cabeça, e eu não tive propriamente um trauma. Eu escrevi uma crônica sobre um idoso na fila do DETRAN, não sei se vocês conhecem. É a história de um idoso, que chega para renovar sua carteira. O funcionário muito atencioso “\_ Dá licença, deixa o idoso passar” e eu ajudando também, até perceber que o idoso era eu. ((risos))

**REVISTA O Veríssimo tem uma parecida. Seu carro quebrou e quando o funcionário do seguro chegou para ajudar, o ouviu dizendo ao telefone “\_Manda logo o guincho que eu tenho um idoso aqui no sol” foi quando ele percebeu que o idoso era ele. ((risos))**

**ZUENIR** Muito engraçado! Em uma palestra eu disse, houve um tempo em que eu dizia minha idade e todo mundo retrucava “\_Ah, mas não parece”. Agora, quando eu digo minha idade, fica um silêncio enorme. ((risos)). Muita gente dizia, o próprio Niemayer, que é uma merda envelhecer, mas morreu com cento e tantos anos. Quando eu tiver cem anos, também vou dizer. O Oscar era um grande amigo e de vez em quando almoçávamos juntos. Um dia uma amiga quis conhecer o Oscar e eu a levei ao escritório dele. Quando estávamos lá, ele me chama no canto e diz “\_Ela é casada?” ((risos)) e ele estava com quase cem anos. Então, eu não dramatizo e não fico também com essa coisa de melhor idade, não. Não podemos escamotear os problemas mas, não podemos dramatizar, infelicidade, problemas, todas as fases da vida



têm. Acho que se mitifica muito a juventude como uma era de ouro, como um momento em que tudo é lindo e quando você olha para trás, cada um vendo sua própria história, a adolescência é cheia de problemas. Primeiro, a insegurança, você não tem nem a sabedoria da vida, não sabe nada. Tem aquela explosão de hormônios e você nem sabe o que fazer com aquilo. Então, eu relativizo muito essa história da velhice, tenho amigos queridíssimos e rio muito, a gente vive se gozando. Viajamos muito. Há um episódio no Jalapão, fomos Mary e eu, com um guia. Durante o trajeto tivemos que escalar um muro de areia. Tínhamos que subir “de quatro” para não cairmos. Na volta o guia falou para outro “\_Pegamos um casal de velhinhos que não deu o menor trabalho.” ((risos)). Estou até escrevendo uma crônica sobre isso, só que dessa vez, o casal de velhinhos vai dar trabalho. ((risos))

**REVISTA** Na década de sessenta, Simone de Beauvoir escreveu um livro clássico *A Velhice*, onde aponta que somos informados de nosso envelhecimento pelo olhar do outro. Os psicanalistas falam de uma percepção de uma continuidade psíquica interna, nós não sentimos nosso envelhecer. O que você acha disso? Como você se vê com 82 anos?

**ZUENIR** Olha, na verdade, eu digo até com certo cuidado, porque senão fica parecendo cabotinismo bobo, por exemplo, nesse episódio do DETRAN eu levei um susto. Antigamente, você tinha o choque dos 40 anos. Em 62, Otto Lara Resende escreveu um artigo falando da “crise dos 40”. Hoje com 40 anos as pessoas estão saindo da casa dos pais ((risos)). Quando fiz oitenta anos, foi muito comemorado e eu que nunca comemorei aniversário! Quando completei 80 anos o jornal *O Globo* fez uma homenagem, uma página do jornal com o título *1931 o ano em que tudo começou*. Foi uma coisa de amigos, e foi uma coisa tão boa que pensei “\_Se soubesse que era tão bom teria feito antes.” ((risos)).

**REVISTA** Você olha para o mundo, há alegria, há sabedoria. Essa construção da sua vida, você falou que o meio ajuda, mas o que veio de você também ajuda. Por que você acha que o Zuenir aos 82 anos é assim?

**ZUENIR** Olha, eu vou a São Paulo agora, para fazer um negócio... Como chama aquela geneticista maravilhosa? Mayana Zats vai fazer uma pesquisa chamada *Os oitenta +*. Dr<sup>a</sup> Mayana fez uma seleção de idosos

para analisar. Então vou ser mais ou menos cobaia dela. Assim, vou fazer mais exames para poder responder essa pergunta. ((risos)). Eu atribuo, primeiramente, ao DNA. Sabe o que é determinante para muita coisa? Temperamento. Isso não é uma conquista, não é como você diz “\_Ah, eu conquistei isso”, não. Agora, é claro que o meio não é determinante, mas ajuda. Eu não tive trauma de infância, eu tive uma infância pobre, com dificuldades, morando no morro, mas eu olho para trás e não vejo nada de tragédia. Eu tive sorte na convivência. Saí de Friburgo, não tinha nem onde ficar, morei na casa de uma tia que me acolheu como filho para ir à faculdade e ao encontro desse universo maravilhoso. Uma pessoa dessa época, que continua próxima a mim até hoje, é a professora Cleonice Berardinelli. Paixão da minha vida, professora de literatura brasileira e portuguesa. Quando eu olho assim, percebo que tive muita vantagem que facilitou minha vida. Sempre foi esse conjunto de circunstâncias, o DNA, volto a dizer, o ambiente familiar, você ser criado numa família em que é cercado de carinho, é fundamental. Quantos da minha geração mais “bem nascidos”, com boas condições socioeconômicas não tiveram esse ambiente, essa coisa que eu chamo do afeto, você ser banhado de afeto. Minhas irmãs gostam muito de mim, eu gosto muito da minha família. Quando paro para pensar, vejo que não há razão para não ser o que sou. A resposta é a seguinte: eu não podia ser de outra maneira.

**REVISTA** Mas você não acha que tem um investimento seu? Quando você diz “\_Eu fui para a favela porque o asfalto vê a pessoa que mora numa comunidade de outro jeito. Fui para o Acre, tenho medo de cobra, mas fui.” Há algo seu para conhecer e deixar esses preconceitos de lado, tirar os véus.

**ZUENIR** Acho que você tem razão. Há uma parcela de empenho pessoal, mas é algo natural, vem de uma forma natural, com muito prazer. Cada uma dessas investidas são também buscas, não são buscas de sacrifício, são coisas que também me deram prazer. Não quero mitificar, não foi nenhuma violentação de caráter, de personalidade. Pelo contrário, respondi a cada um desses momentos, respondi a cada um desses impulsos. Respondi com essa vontade, eu diria, de um prazer interior. Não quero fazer o falso modesto mas, para mim, não é nenhuma construção voluntária. Foi realmente surgindo, foi o acaso, coincidência e o desejo... Outra coisa sobre a velhice é não dramati-



zar. Eu tive um câncer, vocês sabem disso, e a lição que eu tirei desse momento, felizmente, já superado, é que perdemos tanto tempo com besteiras. Olhar para o mar, mas que prazer! Algo que eu não tinha antes, o olhar era meio *blasé*. Um perigo você chegar à velhice e ficar *blasé*. Nada te dá prazer, nada é novidade, nada te surpreende, isso é péssimo. Então, eu quero e tenho curiosidade, gosto de uma novidade. Outra coisa, que aprendi ao longo da vida, é não ter saudades dos grandes momentos. Vou explicar o que acontece. Nós estamos vivendo momentos muito agradáveis, aqui agora. Gostosíssimo! Mas é bom você sempre ter consciência disso no momento em que está vivendo, não esperar dez anos e dizer “\_Lembra naquele tempo, que bom...” em geral é assim, você só vai descobrir depois. Tem que saber. Eu tenho como lema o *carpe diem*, você gozar o seu dia, o momento, o aqui e agora. Eu não tenho a nostalgia do passado. Também não quero saudade do futuro... é isso, o *carpe diem*. Eu falo isso para todo jovem, não espera não, curte agora. Para usar uma frase do Paulinho da Viola, “meu tempo é hoje”. É isso, meu tempo é hoje, meu passado não me condena. ((risos))

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA A TERCEIRA IDADE: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista A TERCEIRA IDADE é uma publicação interdisciplinar, editada desde 1988 pelo SESC – São Paulo, quadrimestral, e dirigida aos profissionais que trabalham com idosos. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual sobre Gerontologia e seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

### NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)

- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais –conforme modelo SESC SP – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do SESC SP, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal SESC SP [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)

- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.

- Todos os artigos enviados, e que estiverem de acordo com as Normas, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico, ou outro meio que tiver informado, e terá(ão) direito a receber 03 (três) exemplares do número em que seu artigo for publicado.

Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico [revista3idade@sescsp.org.br](mailto:revista3idade@sescsp.org.br)

- O(s) autor(es) deve(m) enviar uma breve nota biográfica contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do SESC, podendo ser publicados novamente em outra publicação técnica. O autor também autoriza disponibilização no sítio [sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

### APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

a) Os ARTIGOS deverão ser apresentados na forma de arquivo digitado em editor de texto compatível da Microsoft (por exemplo: Word for Windows) e devem conter entre 15.000 e 25.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, abstract, bibliografia .

b) O RESUMO deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.

c) O ABSTRACT também deve conter aproximadamente 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as keywords.

d) O ARTIGO deve conter as seguintes partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, não necessariamente com essa denominação.

e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver.

f) Toda e qualquer citação no texto, seja formal (transcrição), seja conceptual (paráfrase) deve ter obrigatoriamente identificação completa da fonte. Esta identificação aparecerá sob a forma de referência bibliográfica e deve ser colocada no texto (sobrenome do autor, ano e página de onde foi extraída a citação).

g) As notas sejam de referência, sejam explicativas, devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos na ordem em que surgem no texto e podem aparecer em notas de rodapé ou no final do artigo.

h) ILUSTRAÇÕES: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.

i) FOTOS: No caso de utilização de fotos, estas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (Modelo SESC SP). As fotos deverão ser encaminhadas para o e-mail da Revista, em alta resolução, mínimo de 300 dpi.